

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

**Entre contos e conversas: experiências com as Rodas Literárias**

Lílian Patrícia Ribeiro Tavares  
*Magister Scientiae*

**VIÇOSA - MINAS GERAIS  
2025**

**LÍLIAN PATRÍCIA RIBEIRO TAVARES**

**Entre contos e conversas: experiências com as Rodas Literárias**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Eduardo Simonini Lopes

**VIÇOSA - MINAS GERAIS  
2025**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

T231e  
2025 Tavares, Lilian Patrícia Ribeiro, 1979-  
Entre contos e conversas: experiências com as Rodas  
Literárias / Lilian Patrícia Ribeiro Tavares. – Viçosa, MG, 2025.  
1 dissertação eletrônica (85 f.)

Orientador: Eduardo Simonini Lopes.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,  
Departamento de Educação, 2025.  
Referências bibliográficas: f. 82-85.  
DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2025.202>  
Modo de acesso: World Wide Web.

1. Leitura em grupo. 2. Literatura - Estudo e ensino.  
3. Subjetividade. 4. Conto. I. Lopes, Eduardo Simonini, 1971-  
II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Educação.  
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 22. ed. 372.416

**LÍLIAN PATRÍCIA RIBEIRO TAVARES**

**Entre contos e conversas: experiências com as Rodas Literárias**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 29 de janeiro de 2025.

Assentimento:

---

Lílian Patrícia Ribeiro Tavares  
Autora

---

Eduardo Simonini Lopes  
Orientador

Essa dissertação foi assinada digitalmente pela autora em 13/04/2025 às 21:25:35 e pelo orientador em 14/04/2025 às 07:41:14. As assinaturas têm validade legal, conforme o disposto na Medida Provisória 2.200-2/2001 e na Resolução nº 37/2012 do CONARQ. Para conferir a autenticidade, acesse <https://siadoc.ufv.br/validar-documento>. No campo 'Código de registro', informe o código **H9BP.JZEU.ZLKP** e clique no botão 'Validar documento'.

A Mozi, organizadora e coordenadora das Rodas Literárias, e aos seus participantes.

## **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A meu orientador, Eduardo Simonini, pelo apoio, pelas oportunidades de aprendizagem, pela confiança e tempo disponível para orientação.

A professora Daniela Alves e ao professor Leandro Belinaso, que gentilmente aceitaram o convite para compor a banca de análise deste estudo e contribuíram com valiosas sugestões.

A Mozi por ter me acolhido no grupo das Rodas e aos participantes pelas relações que se criaram e que estão presentes neste texto.

Ao meu amigo-irmão Ícaro, a Amélia, Elaine e Vinicius pelas nossas conversas atravessadas por afetos.

Aos escritores e escritoras, por suas criações que compõem mundos, despertam emoções e expõem complexidades na existência.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

A Universidade Federal de Viçosa.

“Imensa, real, só a tapeçaria a se alastrar sorrateiramente pelo chão, pelo teto,  
engolindo tudo com suas manchas esverdinhas”.  
(Lygia Fagundes Telles)

## RESUMO

TAVARES, Lílian Patrícia Ribeiro, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, janeiro de 2025. **Entre contos e conversas: experiências com as Rodas Literárias.** Orientador: Eduardo Simonini Lopes.

Este estudo é um convite a pensar a leitura literária como um gesto vivo, um sopro que atravessa palavras e corpos, entrelaçando-se às conversas que ecoam, mesmo à distância, na delicadeza do online. Com o grupo Rodas Literárias, projeto coordenado por Mozi Neri, acompanhamos o tecido sutil da subjetividade se refazendo no encontro com os outros, com outras realidades e com os silêncios que também falam. Inspirado por Andruetto, Larrosa, Deleuze, Guattari e outros (as), este texto se move entre os contos lidos e as vozes que se entrecruzam, abrindo-se ao imprevisto, ao que não se pode medir, mas que se sente — como um vento que desloca e transforma. Relato aqui três encontros, três espaços de presença e partilha, onde a leitura não é um ato solitário, mas uma travessia em companhia. Acompanhei esses movimentos com um olhar cartográfico, atenta aos fluxos que se desenhavam na intensidade das trocas. E como capturar o que escapa? Como traduzir o que pulsa e se espalha? Talvez apenas acolhendo, registrando em diário aquilo que reverbera antes, durante e depois — fragmentos de impressões, palavras que ressoam, pensamentos que encontram novas margens onde desembocar. Assim, a leitura nesse estudo não é só uma experiência de apreensão, mas de criação. Os encontros na roda desafiam, desestabilizam certezas, convidam ao jogo das múltiplas perspectivas. Entre uma página e outra, entre um dizer e um silêncio, a subjetividade se desenha sem contornos fixos, como um rio que nunca é o mesmo, ainda que siga seu fluxo. E se perguntamos: seria possível, nesses gestos tão simples — ler, conversar, ouvir — ampliar a potência de existir, de resistir aos moldes que nos querem rígidos? Talvez não haja resposta exata. Mas há o movimento, há o risco do encontro, há o que se cria no acontecimento entre um olhar e outro. Na roda, a subjetividade não é um ponto, mas um percurso em uma produção contínua. Ela se tece no contato, na escuta, no inesperado. E assim, no sopro das palavras e no calor dos diálogos, descobrimos novas formas de ser e de habitar um mundo.

Palavras-chave: Grupo de leitura; Leitura literária; Experiência; Produção de subjetividade.

## ABSTRACT

TAVARES, Lílian Patrícia Ribeiro, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, January, 2025. **Between stories and conversations: experiences with Literary Circles.** Adviser: Eduardo Simonini Lopes.

This study is an invitation to think of literary reading as a living gesture, a breath that passes through words and bodies, intertwining with the conversations that echo, even at a distance, in the delicacy of the online. With the Literary Group, a project coordinated by Mozi Neri, we follow the subtle fabric of subjectivity being rebuilt in the encounter with others, with other realities and with the silences that also speak. Inspired by Andruetto, Larrosa, Deleuze, Guattari and others, this text moves between the stories read and the voices that intersect, opening itself up to the unforeseen, to what cannot be measured, but which can be felt - like a wind that shifts and transforms. Here I report on three encounters, three spaces of presence and sharing, where reading is not a solitary act, but a journey in company. I followed these movements with a cartographic eye, attentive to the flows that were drawn in the intensity of the exchanges. And how do you capture what escapes you? How to translate what pulses and spreads? Perhaps just by taking in, recording in a diary what reverberates before, during and after - fragments of impressions, words that resonate, thoughts that find new shores on which to flow. Thus, reading in this study is not just an experience of apprehension, but of creation. The encounters in the group challenge, destabilize certainties and invite us to play with multiple perspectives. Between one page and another, between a saying and a silence, subjectivity is drawn without fixed contours, like a river that is never the same, even though it follows its flow. And we wonder: is it possible, in these simple gestures - reading, talking, listening - to expand the power to exist, to resist the molds that want us to be rigid? Perhaps there is no exact answer. But there is movement, there is the risk of encounter, there is what is created in the event between one look and another. In the Literary Group, subjectivity is not a point, but a path in continuous production. It is woven in contact, in listening, in the unexpected. And so, in the breath of words and the warmth of dialogues, we discover new ways of being and inhabiting a world.

Keywords: Reading group; Literary reading; Experience; Production of subjectivity.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>PÉRIPLO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>LEITURA LITERÁRIA COMO PAUSA E MOVIMENTO.....</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>LER JUNTOS: PRODUÇÃO COLETIVA NA MULTIPLICIDADE.....</b>	<b>26</b>
3.1	Rodas Literárias: vozes e afetos .....	32
<b>4</b>	<b>CONHECIMENTO EM FLUXO NAS INTERAÇÕES.....</b>	<b>37</b>
<b>5</b>	<b>ENCONTROS E FIOS NARRATIVOS: RELAÇÕES NO TECER .....</b>	<b>42</b>
5.1	Íntimo desconforto .....	42
5.2	Relações conflitantes.....	52
5.3	Vozes e sotaques.....	65
<b>6</b>	<b>LINHAS QUE SE ENCERRAM SEM PONTO FINAL .....</b>	<b>78</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>82</b>

## 1 PÉRIPLO

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:  
“Navegar é preciso; viver não é preciso.”  
Fernando Pessoa

Vivo um intenso caso com os livros literários há muito tempo. Quando criança gostava de pular, cantar, correr, pedalar, gritar, conviver com outras crianças. E nos meus momentos solitários: escalar guarda-roupa e observar o teto do quarto achando ali várias figuras; esconder debaixo das camas e ouvir os sons do ambiente; subir em árvores e ficar horas por lá vendo e ouvindo. Mas o que mais gostava era ir ler na casa da minha avó. Lá não tinha estante com livros. Lá eu não via ninguém lendo. Contudo, a casa dela era ao lado da Biblioteca Municipal. Um espaço cheio de livros literários. Objetos que transportam histórias criadas por outras pessoas. Mas, para mim, eles eram mais do que isso. Eram portais que me apresentaram outros mundos onde coisas diferentes do meu cotidiano aconteciam.

Livros me contavam coisas extraordinárias em suas páginas cujas cores e traços saltavam aos meus olhos e imaginação. Com alguns o encontro era rápido. Com outros me demorava mais porque não queria deixá-los ir. Éramos eu e os personagens em longas conversas que iam para além daquele mundo no papel. Trazia-os para as brincadeiras e histórias inventadas em que eu também era personagem. Vivíamos aventuras fantásticas em outras fantasias.

Com o passar dos anos, os traços tornaram-se letras e formavam palavras que vinham se associando ao meu entender. Passavam pelos meus olhos sendo incorporadas sem muito alarde, partindo do simples e ganhando proporção à medida do meu crescimento. Palavras iam sendo classificadas e subdivididas em unidades mínimas significativas. Estruturas, formas e funções. Variáveis e invariáveis. Dotadas de significados que as integravam e de novos termos para serem outra coisa. Extensão e enfraquecimento da significação. Estética e poética. Processos que dirigem a organização do enunciado mostrando as regras que regem o seu funcionamento em diferentes direções e níveis de atuação.

Com o curso de Letras, no qual me graduei, aprendi que as palavras compõem a gramática e seu conjunto de análises e proposições, rastreando os resultados de sentido partindo do princípio de que é no uso que um signo assume seu significado e define sua função. Mas ninguém ignora a grande complexidade da linguagem humana. Além dos planejamentos imutáveis com regras determinadas e inflexíveis, podemos ser navegantes “por mares nunca de antes navegados” (Camões, 1999, p. 31). As palavras exibem possibilidades de composição que

são aproveitadas por nós quando queremos obter um sentido desejado. Percebemos, então, que o processo de informação também engloba tentativas de viver no mundo de maneira mais interessante, experimentando novas colocações e interpretações, pois uma estruturação entra em mais de uma configuração construcional. Entrecruzam-se e crescem ao ponto de vista semântico diferentes elementos nos quais diferentes palavras atuam.

Naquele período como estudante de um curso superior eu lia muitos textos literários e o interesse me fez navegar em torno dos assuntos relacionados à Literatura. Entendi que a construção do sentido em ramificações é mais que mera soma de partes determinadas. Ler é muito mais amplo e complexo. A leitura literária não funciona somente como um princípio condutor que nos levaria a nos encontrar completos nas palavras que lemos, nisso que somos e que é construído. Ler esses textos pode nos tirar de um equilíbrio definido para uma inconsistência em movimento. Ou seja, com as palavras também vinha “um grilo com a sua flauta de couro” (Barros, 2015, p. 120). Algo esquisito que me levava para outras camadas, outras lentes, outras dimensões. Atravessava os sentidos sem a pretensão de revelar nada. Não sendo ou isso ou aquilo. E percebi, então, que há outras manifestações de sentido nesse mundo e viver é deliciosamente e terrivelmente impreciso.

Após minha formação, não cessou meu interesse pelo literário. Voltei às teorias e ampliei um pouco mais as referências conhecidas na graduação lendo outros textos. Nesse movimento encontrei disciplinas distintas à literatura, correntes de pensamentos e textos literários que se relacionavam de alguma forma. Fascinada com essas ligações, continuava estudando e permanecia lendo obras literárias na minha solitude.

Trabalhei por quase doze anos como professora no Ensino Fundamental II e Médio, em uma escola estadual. Sempre que possível, levava poesia em prosa e versos para a sala de aula e projetos transdisciplinares na escola. E essa rotina teve fim quando, em 2014, tornei-me servidora pública na Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa. Foi um deleite ver tantos livros em um só lugar. Queria ler todos, mas como sei que Cronos<sup>1</sup> me devoraria antes de terminar, então escolhi as leituras filosóficas e literárias.

Com vontade de aprender mais sobre a minha nova área de atuação profissional como servidora federal, em 2018 fiz uma especialização em Biblioteconomia, com a temática biblioteca e leitura. Esse estudo proporcionou-me pensar na elaboração de um pré-projeto para uma seleção de pós-graduação *stricto sensu* em Letras. Tentei algumas vezes ingressar no mestrado e, não sendo aprovada, engavetei a ideia e continuei na minha rotina e nas leituras.

---

<sup>1</sup> Deus da mitologia grega intitulado Senhor do Tempo.

...

*Um homem que dorme mantém em círculo em torno de si o fio das horas, a ordem dos anos e dos mundos. Ao acordar consulta-os instintivamente e neles verifica em um segundo o ponto da terra em que se acha, o tempo que decorreu até despertar; essa ordenação, porém, pode-se confundir e romper.*

*Marcel Proust*

*(Em busca do tempo perdido. v.I)*

...

Nessa frequência dinâmica entre existir e conhecer na qual minha vida vinha sendo elaborada, vi o mundo desacelerar seu ritmo em 2020 por conta do isolamento social recomendado diante a pandemia de COVID-19. E “no meio do caminho tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho” (Andrade, 2015, p.20). A realidade se tornou uma distopia com dias preenchidos de incertezas e medo. Faltou uma dose de “Soma”<sup>2</sup> (Huxley, 2014) para as pessoas se sentirem felizes e conformadas com os desígnios do “Leviatã”<sup>3</sup> (Hobbes, 1979). Como não tínhamos, tentamos nos resguardar e recebíamos as notícias que chegavam através das “janelas” eletrônicas.

Me debrucei em leituras e percebi que a produção da maneira de existir - que Guattari (2010) denominou de produção de subjetividade - transpassa os indivíduos em suas assimilações, interpretações e nas possibilidades de criar diferentes modos de fazer e ser. Esses modos de produção de subjetividade são afrontamentos sociais que “se dão também entre as diferentes maneiras pelas quais os indivíduos e grupos entendem viver sua existência” (Guattari; Rolnik, 2010, p.53).

Assim, um mundo sendo vida acontecendo requer abertura para experimentações, e a literatura, para mim, foi um meio de viagem em que um processo de produção de subjetividade, com estranhamentos, me deslocou. Cada momento de leitura convidava a percepções múltiplas e eu não aparecia mais como um indivíduo isolado, mas sim como alguém presente e conectado a outros. O que me compõe faz parte nesse mundo, e me faz viajante buscando palavras para “retirar de debaixo de mim o lugar” (Barros, 2015, p.120), me desaprumar.

Ainda em isolamento social, mergulhada em leituras solitárias, senti necessidade de conversar com alguém sobre os livros que estava lendo. Mas isso só era possível através de

---

<sup>2</sup> Droga que alguns personagens do livro “Admirável mundo novo” ingeriam para inibir sentimentos entristecedores. Assim, o efeito dessa droga era causar felicidade e aceitação dos desígnios impostos na sociedade.

<sup>3</sup> Obra de filosofia política, publicada em 1651, que diz respeito a estrutura da sociedade organizada e do governo legítimo.

mensagens *on-line* e eu não tinha contato com outros leitores. Como no livro “Alice Através do Espelho” (2013), atravessei a tela espelhada do computador e fui explorar territórios de leituras literárias com grupos de adultos na internet. E na minha curiosidade as perguntas foram surgindo: Como eram os grupos de leitura coletiva? Como eram os encontros? Análise ou conversa informal girando em torno do texto? Qual a dinâmica do grupo? Leem livros, contos ou poesia? Qual a frequência dos encontros?

Nas pesquisas pela *internet* encontrei alguns grupos de leitura, *booktubers*<sup>4</sup>, *podcasts*<sup>5</sup> de e sobre livros, *blogs*<sup>6</sup>, artigos, entrevistas com escritores, palestras sobre leitura, eventos online, cursos... mergulhei nesse mar de conteúdo. Contudo, após dias encontrando informações interessantes, uma onda me levou a dois cursos online que abordavam um termo curioso: Biblioterapia. Segundo Marc-Alain Ouaknin, “a palavra ‘biblioterapia’ é composta de dois termos de origem grega, Βιβλίον e θεραπεία, “livro” e “terapia”. Deste modo, a ‘biblioterapia’ é a ‘terapia por meio de livros’” (Ouaknin, 1996, p. 11).

Esses cursos soaram em mim uma forma até então não experimentada no contato com a literatura em coletividade. A proposta de grupo de leitura foi atualizada para uma maneira de encontro compartilhado em que não havia um guia que ditava as regras e exigia resultados, mas sim, trocas de pensamentos e atenção com as pessoas, em que:

a escuta da interpretação dos outros se entremeia com a nossa. Os fragmentos de sentido que originamos nesse encontro, quando entram em contato com os fragmentos de outros, podem gerar algo novo, algo a que talvez não chegaríamos na leitura solitária (Bajour, 2012, p.24).

Nos cursos, conheci pessoas de vários estados do Brasil e as conversas eram um pulsar vívido, já que falar sobre livros, autores, eventos e outros tantos assuntos relacionados à literatura eram atitudes que mostravam olhos iluminados, refletindo o estado de alegria das pessoas que expressam o que gostam, do que lhes afeta e transborda.

Aprendi muito com esses leitores. Todas com muito amor à literatura e querendo explorar outras formas de passar isso para outras pessoas. Assim, algumas foram fabricar seus próprios livros; outras levaram a leitura para sala de aula como um momento de conversa; outras passaram a começar as aulas com um poema; criaram bibliotecas comunitárias; muitas criaram

---

<sup>4</sup> Palavra usada para definir produtores de conteúdo relacionados ao universo da leitura na plataforma de vídeos *YouTube*.

<sup>5</sup> Conteúdo em áudio disponibilizado em arquivo ou *streaming* (tecnologia de transmissão de dados pela internet que não há a necessidade de baixar o conteúdo).

<sup>6</sup> Abreviatura de *weblog*. Uma espécie de diário online onde o autor escreve sobre um assunto escolhido por ele.

grupos e se reúnem *on-line* em conversas com textos literários. Houve também aquelas que iniciaram uma produção de livros e as que criaram páginas, vídeos ou podcasts na internet, para postarem “doses literárias”. Curti, participei e criei divulgação literária na rede. Todo esse movimento me fez pensar no mestrado novamente e uma inquietação em mim se instalou.

Os dias foram passando, mas cada dia é uma experiência singular em que somos atravessados por desconexões e reconexões ininterruptamente. Mesmo na nossa desatenção os agenciamentos estão acontecendo. A vida é assim, descompassos que delineiam um ritmo com traços fluidos que seguem por direções diversas. As trocas acontecem, as conexões acontecem, os movimentos acontecem, as relações acontecem e, dessa maneira, estava eu diante de um cenário caótico, que persistia desde 2020, e com a inquietude de querer cursar mestrado, que tinha sido, até então, uma questão deixada à margem nos meus planos.

Tomada por essa tensão pulsante e percebendo as mudanças em mim, fiz inscrição como estudante não vinculada na disciplina “Percurso da pesquisa qualitativa em educação”, no segundo semestre de 2021, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa. Agora percebo que precisava me conectar às aulas para criar uma imagem minha mais próxima do mestrado, como abertura para conhecimentos compartilhados. Essa ação se tornou parte da minha realidade, o que me fez submeter um pré-projeto à seleção de mestrado no final daquele mesmo semestre e programa de pós-graduação. E como já estudava assuntos relacionados à literatura há algum tempo, elaborei um pré-projeto voltado para um estudo com um grupo de leituras literárias.

...

*Meu fascínio e a fluência de minha fala, inesperados e espontâneos sob estas circunstâncias, deleitam também a mim. Espanta-me, à medida que com palavras retiro o véu das coisas, o quanto, quão infinitamente mais do que consigo dizer, eu tenho observado. Muito, muito mais borbulha em minha mente enquanto falo, imagens e imagens.*

*Virginia Woolf  
(As ondas)*

...

Saliento que as palavras são o princípio de uma experiência de estar e ser em um mundo, visto que “o mundo da linguagem é como uma pele que nos reveste, a morada que habitamos, pela qual percebemos o mundo que nos rodeia, pela qual lhe atribuímos sentidos, nos expressamos e nos colocamos nele” (Reyes, 2012, p. 8 - 9). As palavras flutuam, mesmo quando a queremos fixas, objetivas, diretas. Elas se comunicam, se dizem e contradizem, nos surpreendem como um “claro enigma” - nos declamava Carlos Drummond de Andrade (2015).

Por isso, a literatura, uma forma de expressão através das palavras, nos possibilita aberturas para experimentações. Dado que, consistindo em uma ferramenta que intensifica agenciamentos, tem a potência de nos (des)construir quando permitimos que a linguagem literária nos transpasse e transponha em uma nova fluência de ser, degustando de maneira antropofágica, na medida mesma em que incorporamos uma novidade ao nosso mundo de vivências.

A leitura de uma obra literária nos possibilita pensar sobre o antes, o agora e o depois; sobre ser quem somos, nossa pequenez, grandeza, inquietações; em outras maneiras de existir, acolher, enxergar um caos; e nos provoca a construir nossa própria existência em uma sociedade. Entre vários discursos ficcionais percebemos que há um mundo maior que nosso quintal e podemos acrescentar outras formas de existência e experiências. Bem como assimilar que pertencemos a um tecido tão complexo de narrativas no qual os limites do cotidiano repetitivo indicam apenas a redundância de um mundo possível que não totaliza uma produção de realidades enquanto dimensões plurais e complexas.

Para Maria Teresa Andruetto,

a ficção, cuja virtualidade é a vida, é um artifício cuja leitura ou escrita interrompe nossas vidas e nos obriga a perceber outras vidas que *já foram*, que são passado, posto que são narradas. Palavra que chega *pelo que diz*, mas também *pelo que não diz*, *pelo que nos diz e pelo que diz de nós*, tudo que facilita o caminho até o assombro, a comoção, o descobrimento do humano particular, mundos imaginários que deixam surgir o que cada um traz como textos/mundos pessoais com os textos/ mundos dos outros. Possibilidade de criar um impasse, de esgueirar-se, por um momento, da pesada flecha do real que, indefectivelmente, nos atravessa, para imaginar outros roteiros. (ANDRUETTO, 2012, p. 55)

Quantas formas de viver, quantas personas diferentes de mim, quantos caminhos possíveis textos literários podem evidenciar? As obras colocam à nossa frente, fluxos de pensamentos e comportamentos traçados em perspectivas distintas, convidando a refletir sobre vários assuntos. Além da forma do texto, as marcas deixadas por quem escreveu, aquilo que mostrou ou ocultou, a construção da linguagem, o ritmo do texto, os temas abordados, entre outras coisas, que trazem percepções que podem nos afetar, em planos muito particulares, e oferecer uma experiência estética singular.

Meditando sobre isso, entendo que essa abertura a outras perspectivas e as experiências que a literatura é capaz de trazer para um leitor pode ser potencializada em um grupo de leitura. Uma vez que em uma reunião, pessoas se encontram para compartilhar suas experiências de leitura, suas impressões, opiniões e interpretações das obras literárias, temas e simbolismos presentes, promovendo um diálogo enriquecedor que também gera novas conexões entre as

palavras e nosso sentir. Nos encontros presenciais e virtuais, simultaneamente acontecendo também em outras dimensões, surge algo que nos transpassa e nos afeta. Algumas palavras lidas; alguma fala; algo incomoda, assusta, nos faz parar. E esse fato inusitado pode ficar martelando em nossos pensamentos, dissolvendo algo que era sólido. Às vezes o desconforto é tal que se busca distrações para esquecer o assunto. Contudo, em algum momento, o incômodo pode retornar movendo estruturas e dando passagem a outros fluxos pois, o que agora se sabe já não cabe nos limites até então estipulados. E os conhecimentos que surgem, que não faziam parte da lógica do sentido em um repertório instituído, podem crescer e nos ensinar outras formas de fazer, ser e estar em um mundo.

Tendo interesse no que acontece em encontros de grupos de leitura literária busquei por trabalhos acadêmicos relacionados ao tema deste estudo e encontrei referências tratando de atividades no Ensino Básico, e abordagens, geralmente, relacionadas à formação de leitores e professores. Isso me fez lembrar dos meus anos como professora e percebia que para a maioria dos alunos o único lugar de contato com livros literários era no ambiente escolar - que é instituído como local de aprendizagem pragmática. Talvez por isso as pesquisas estejam centradas em apresentar as formas de explorar um texto literário relacionando-o a respostas prontas e com pouco espaço para a criação. Como, por exemplo, a resenha de Valle (2015) que tem como base o livro “Círculos de Leitura e Letramento Literário”, de Rildo Cosson, e trata do letramento literário em território escolar. Outros trabalhos foram os de Marinho (2022) – que traz uma experiência em círculo de leitura como contribuição ao desenvolvimento de professores de língua inglesa – e o de Amorim e Souto (2020) que abordam as mudanças na BNCC<sup>7</sup> e a ressignificação da leitura literária.

Continuei pesquisando, mas não encontrei um número expressivo de reflexões sobre o tema “grupos de leitura literária” que abordasse a experiência de leitura literária como processo de produção de si e de um mundo. Estudos que valorizam a experiência de leitura literária, as conversas e trocas foram encontrados em: “Experienciando a leitura literária em redes solidárias: uma tessitura de sentidos solidários” (Fernandez, Souza e Ferreira, 2020), “Cartografias Literárias” (Kastrup, 2015) e “O devir-consciente em rodas de poesia” (Kastrup, 2005).

Essa proposta de levar a leitura literária para outros espaços, além do escolar, me indicou caminhos de pesquisa até então pouco estudados e que tem uma potência de experiências e aprendizagens que me fascinaram. Então, pensando em minha pesquisa de campo, em um

---

<sup>7</sup> Base Nacional Comum Curricular

primeiro momento procurei por grupos de leitura próximos a minha circunscrição que trouxessem conversas com o texto e não sobre análises literárias, pois a intenção era participar presencialmente. No entanto, encontrei um grupo com encontros esparsos e outro com leitores de romances que se encontram uma vez ao mês. Pelo tempo que tinha para a pesquisa consideramos inviável participar de um grupo inconstante e da leitura de obras longas, mesmo que nesses grupos ocorressem trocas e compartilhamentos pós leitura. Por isso, minha atenção se voltou para um dos grupos de leitura em que eu já participava, de forma on-line e quinzenalmente, desde 2022, no qual acontecem leituras de contos e conversas: o projeto “Rodas Literárias” conduzido por Mozi Neli.

Este grupo foi, então, um dispositivo para minha pesquisa, no qual a leitura de um conto e as interações ressaltariam os visíveis e dizíveis, com suas variações, que não param de atravessar os encontros. E, como participante, experimentei estar no meio de enunciações que lutam por afirmação e modos de existir, uma vez que estamos em uma realidade que “não é necessariamente um lugar, mas um processo de composições plurais a tramarem mundos” (Simonini, 2019, p. 76).

Para apresentar as inquietações e acontecimentos que guiaram este estudo, esta dissertação divide-se em: *Périplo*, parte introdutória em que explico minha trajetória e apresento motivações para este estudo. *Leitura literária como pausa e movimento*, capítulo no qual exponho que os encontros, mediados com literatura, podem nos proporcionar experiências significativas. No capítulo, *Ler juntos: produção coletiva na multiplicidade*, ressalto o processo de produção de si e de um mundo e delineio, a partir de outros estudos, o percurso da leitura e seus suportes através do tempo. E no subtítulo deste capítulo, *Rodas Literárias: vozes e afetos*, destaco a história e como se fazem os encontros do grupo que contribuiu para este estudo.

Com os estudos e participações nas rodas, alguns traços que não tinham a minha atenção ou não conhecia romperam barreiras. Para caminhar em um território em processos de produção, o método cartográfico trouxe pistas que exponho no capítulo *Conhecimento em fluxo nas interações*. E, a produção nos encontros, com experiências e conhecimentos e atravessamentos e emoções e pensamentos e sensações e aprendizagens, encontra-se em *Encontros e fios narrativos*. Neste capítulo temos o relato de três encontros intitulados: *Íntimo desconforto*; *Relações conflitantes*; *Vozes e sotaques*. E o conteúdo final traz *Linhas que se encerram sem ponto final*.

## 2 LEITURA LITERÁRIA COMO PAUSA E MOVIMENTO

Caminhar entre estantes cheias de livros literários. Silêncio. Estender um braço e tocar com a ponta dos dedos os livros. Observar. Todos na vertical, organizados e alinhados. Parar em frente a um título que chamou atenção aos olhos. Breve respirar. Ações comuns que permeiam nosso cotidiano e nos compõem. Retirar um livro da estante. Sentir a textura da capa, das páginas, o cheiro. Ler um trecho. Associar informações. Perceber-se diferente. Uma experiência única e irrepetível. Um corpo encontrou um outro e se afetam à medida que “a relação que constitui cada um forma um grau de potência, um poder de ser afetado” (Deleuze; Parnet, 2004, p. 49).

Fomos ensinados a olhar para a superfície, a buscar respostas, a interpretar o que está escrito no texto, não a deter no que sobra, nas pontas soltas, no que escapa a um conhecimento universal, que afasta e afeta cada um de forma diferente nos movimentos com a leitura. Mas em algum momento como leitores há um sobressalto, modificamos nossa relação com a leitura, e uma obra literária se torna mais do que camadas de páginas impressas com palavras. Nela soa uma lógica (des)conhecida, sussurros nas entrelinhas e conversas para além do escrito. Cada página que viramos é uma jornada com encontros e desencontros em uma trama que, às vezes, nos pega pelas mãos e não conseguimos largar. Os olhos deslizam suaves, ávidos, transbordando, buscando, desfrutando, devorando as palavras. A criação de um vivente materializa uma expressão que vai compondo um mundo. Um leitor vai passando pelas páginas e se movendo com a leitura para o fim do livro e para além do que os olhos podem ver, no tempo e no espaço.

Podemos tentar tirar de um texto uma experiência semelhante entre os leitores, a partir de um entendimento comum, usando um texto de fácil compreensão, com entendimento direto das informações e que, supostamente, não desafia o leitor pois, aparentemente, pode não ter nada de estranho. Mas cada leitor é singular, cada um tem suas vivências e, por isso, um texto tem diferentes efeitos em cada um. Alguns irão apreender uma história simplesmente em uma leitura automatizada. As palavras com sua polifonia não lhes tocam. Em outros, o texto pode colocar em movimento um pensar-sentir: entende-se o que está sendo narrado, mas, no avançar da leitura, as palavras fazem pensar em outra coisa, uma coisa nossa; em outra frase já estamos pensando e sentindo outras coisas; havendo um desencadear de pensamentos sem assunto pré-determinado. O leitor está entre o que vai acontecer na história e o que pode acontecer em si.

Como a leitura literária se faz no encontro entre leitor e texto, possível e impossível, consciência de si e de um mundo, temos contato com diferentes perspectivas e experiências,

algumas vezes incômodas por não se limitarem ao coerente e oportuno do que conhecemos. Expostos a “construções de mundos, artifícios que nos obrigam a perceber outras vidas, imaginar outros caminhos humanos” (Andruetto, 2017, p. 89), muitas vezes nos vemos interpelados a expressar nossas memórias, angústias, anseios, alegrias, comportamentos, definições etc., e a colocar nossas perguntas e pensar sobre aquilo. Entendendo que esse deslocar-se com a leitura não está vinculado à quantidade de livros lidos, visto que transitamos por vários durante a vida, mas a uma lenta compreensão e apropriação do que lemos. Como expressa Larrosa:

Ao ler, o importante não é o que o texto diz, aquilo a que o texto se refere, e sim o que o texto nos diz, aquilo para onde o texto se dirige. Não se trata de revelar um saber sobre o texto, mas sim de fazer a experiência do texto. O importante não é do que fala o texto, mas para que fala, para onde fala, para que pessoa ou pessoas fala. Na leitura, o texto fala para nós, nos fala: fala para nossa escrita, para nossa conversação, para nosso pensamento, para nossa maneira de viver. (Larrosa, 2022, p. 142)

Entretanto, imersos na ideia de sujeito moderno que está no controle de si mesmo, que está sempre informado, opinando e voraz por notícias, acabamos continuamente anulando nosso tempo de contemplação, reflexão e introspecção. Diante de toda agitação que nos rodeia, distraídos e hiper estimulados, é difícil ficar em silêncio com as nossas emoções, sensações, pensamentos. Sempre nos deslocando. Sempre algo por fazer, produzir, regular. Sempre ávidos por informações – e nos chegam muitas durante as horas. Sempre substituindo um estímulo por outro de forma muito rápida atrapalhando a nossa memória. O que fica? Acaba um dia, começa outro, vão-se meses e anos, passam-se muitas coisas, mas poucas coisas nos passam, e “ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece” (Larrosa, 2022, p. 22).

Como escapar desse estado hiperativo para que algo nos aconteça? Pausando o nosso saber, poder, vontade, controle e imperativos, dando passagem a uma experiência. Mas o que é uma experiência? Jorge Larrosa não determina o que ela é, pois para ele “os conceitos dizem o que dizem, mas as palavras dizem o que dizem e, além disso, mais outra coisa” (Larrosa, 2022, p. 43). Assim, ele traz perspectivas sobre a palavra experiência e uma delas é que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, apreender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2022, p. 25)

A experiência não se reduz a uma mera representação ou interpretação, não é algo que possamos planejar, controlar ou prever completamente, mas algo que emerge nos encontros em um momento de atenção, como um gesto de suspensão da ação imediata e deixando passar em si intensidades geradas em interação com um mundo. Portanto, rendendo-se a uma leitura literária sem objetivos pré-definidos e permeabilizando-se a viver um momento singular de abertura a uma experiência, ficamos potencialmente expostos ao que nos atravessa e nos desestabiliza: dispostos a nos surpreender e a sermos impulsionados ao risco de experimentar novos horizontes de sentidos.

Assim, somos sujeitos da experiência, um corpo poroso de passagem, não um lugar de estagnação, mas um espaço do acontecer. Nele a experiência surge de forma inusitada e “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Larrosa, 2022, p. 18) e produz efeitos que perduram no tempo. Para Jorge Larrosa, captamos a experiência através da dimensão da paixão e não da objetividade, isto é, nos colocando como um “sujeito passional, exposto, receptivo e aberto” (Larrosa, 2022, p. 42). Sabendo-se frágil, vulnerável, ignorante e impotente, somos capazes de nos envolver com um mundo e nos tornar mais sensíveis aos seus movimentos e transformações.

Quando libertamos a leitura de sua função utilitária, do nosso controle e domínio dos pensamentos, com objetivo, questionário e resposta padrão, percebemos as palavras formuladas em outra língua, desviando do tom habitual de nossos dias. Elas fazem romper com o esperado, o uniforme e o hegemônico, pois são capazes de nos perturbar, e acessamos alguns fascículos disso que chamamos vida e suas múltiplas possibilidades. Uma forma familiar vai sendo arranhada e um estranho, gradualmente, vai escapando pelas frestas e criando outros sentidos para o que somos e ao que está nos acontecendo. Através das palavras vamos dando forma e expressão às complexas paisagens internas de nossa mente, as relacionando tanto com o que estamos vendo e sentindo, quanto com o modo como estamos vendo e sentindo. Por isso, nos diz Jorge Larrosa, que:

fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. (Larrosa, 2022, p. 16)

Dando margem a pensamentos, não a partir do nada, mas impactados por forças que nos levam a pensar, múltiplas associações nos atravessam, nos sentimos expandindo ou diminuindo

e, normalmente, tentamos organizar nossos pensamentos ao que se conhece, controlando algo desconhecido. Um jogo comum na associação representativa que fazemos todos os dias para nos sentirmos confortáveis. Mas, esse estranho que tentamos conter, também produz conexões. Um fluxo de experimentações se expressando criativamente e podendo criar uma obra literária, por exemplo. Em todo caso nosso corpo está agenciando e, segundo Deleuze e Parnet (2004, p. 44), agenciar é “estar no meio, sobre a linha de encontro de um mundo interior e de um mundo exterior”.

Nesse “entre” – que aqui entendemos como sendo também uma dimensão da experiência - ecoam tanto respostas, pensamentos e estilos que estão na nossa percepção do que está ao nosso redor, quanto igualmente, seguimos por pensamentos que quebram um hábito e, um fluxo diferente nas associações, pode nos desestabilizar e impulsionar a criar um espaço sensível para os afetos que estão pedindo passagem. Render-se a esse movimento é experimentar outras formas de ser, conhecer e agir. Buscar por outras práticas. Caminhar por outros espaços. Ler outros textos. Ouvir outras vozes. Movimentar conceitos. Questionar. Permanecer. Modificar. Mover-se.

Acreditamos, assim, que a experiência com a leitura literária pode fazer a ampliação de agenciamentos e, por consequência, efeitos de ampliação de vida, visto que não existe técnica, prática, metodologia, plano a seguir. “E agora, José?” (Drummond, 2015, p. 95). O que vai acontecer com sua vida, com suas escolhas? Esse ponto de interrogação é o que nos faz sair do automatismo e parar para pensar. Quando traduzimos nossos pensamentos em palavras, somos capazes de gerar sentidos e traduções, ainda que provisórios, sobre o que estamos pensando e sentindo. E pensar,

é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isso, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso. (Larrosa, 2022, p. 17)

Percebendo que não há láudano que resolva esse mal-estar do utilitarismo onde existimos bem-informado, dando opiniões, aproveitando o tempo em várias atividades, alienados de nós mesmos como se viver fosse um gesto impensado, tendemos a explorar “a terceira margem do rio” (Rosa, 2019, p. 37), algo que destoa desse compasso. E a literatura tem a potência de nos tirar de um estado de torpor, da letargia existencial, de nos deixar diante da vida e do viver que impõem a dimensão de saber de si e de outro. Como nos diz Vargas Llosa:

ler é protestar contra as insuficiências da vida. Quem busca na ficção o que não tem, diz, sem necessidade de dizer, nem sequer saber, que a vida tal como é não nos basta para acalmar nossa sede de absoluto, fundamento da condição humana, e que deveria ser melhor” (Llosa, 2010 - Tradução nossa).

Talvez seja isso que um texto literário queira nos mostrar, as nuances das coisas, aquilo que é falível e incerto e que nos faz tatear e perceber através das palavras, notando a fragilidade de cada coisa na nossa existência cotidiana, o que nos leva a compreender a nossa própria vulnerabilidade e inacabamento. Fabular um tangível com a literatura que

nos propõe, no transcurso da leitura, riscos, lutas e, sobretudo, o enfrentamento de nossas carências. Ela não nos oferece soluções, mas diríamos que nos sugere perguntas, porque problematizar o que nos foi naturalizado é uma das funções fundamentais da arte; questionar o aceito, receber nossas sombras, os riscos da vida que vivemos e da sociedade na qual transitamos. (Andruetto, 2017, p. 78)

A literatura, sendo arte da palavra, nos convida a um encontro com o texto, a ver, ouvir e nos abrir a uma experiência vital. Há formas de entrar em um texto mais instigantes do que com perguntas direcionadas, que vão tentar sintetizar e classificar o texto, mas não vão atingir o cerne de um texto literário. Não lemos para entender simplesmente, pois assim não estamos abertos ao não entendimento, as surpresas que a leitura pode proporcionar. A ficção literária nos coloca dentro dela, nos faz sentir as experiências dos personagens, a tensão existencial de viver nas possibilidades de acontecimentos inesperado. O texto traz enigmas, possibilidades de interpretação, doses de algo estranho que vai se diluindo no decorrer da leitura e vai nos instigando a participar dele. Perde-se o medo da dúvida, de se enganar com o ficcional, e tecemos com o texto. Nessa trama podemos vivenciar uma experiência, um arrebatamento, visto que há uma abertura para admirar a vida através do espanto, do inesperado, do que nos toca e faz mover.

Além de estar “relacionada ao pensar e construir a dimensão do humano, porque nos abre experiências estéticas e humanas que sacodem nossa posição ética e nos obriga a redefini-la” (Andruetto, 2017, p. 87), o contato efetivo com um texto literário nos faz experimentar a sensação de estranhamento com as palavras, visto que, encontramos arranjos inusitados em relação ao universo semântico e cadência padrão. Palavras aparentemente alheias entre si são colocadas juntas causando uma fricção uma na outra, criando atrito em nossa compreensão e tentamos ressignificar sentidos. Isso provoca uma colisão entre imagens, sensações, percepções, que vão fazer dançar sentidos em nós. As palavras ganham novos significados, os sentidos são atualizados e uma tensão que aparece não fica limitada a uma coisa ou a outra.

As palavras, então, nos levam a constituir um saber com as experiências, um conhecimento que emerge não apenas do intelecto, mas também das complexidades emocionais e existenciais que permeiam nossas vidas. Algo ativamente produzido em um tecer intrincado de sensações, reflexões e interações, que nos desloca para um estar e ser em um mundo. Inventando a si dentro de um território existencial e de uma ética na imanência, em um movimento que desfaz algumas condições em proveito de outras experimentações. Olhando detalhadamente por um outro prisma, uma determinada situação se fragmenta, partes se associam, outras se repelem, indagamos, argumentamos e podemos produzir o nosso modo de enunciação, pois “a literatura não deixa de nos levar a nós mesmos” (Andruetto, 2017, p. 87).

Isso nos leva a problematizar o quanto a experiência com a leitura literária seja uma das formas que temos de aprendizagem, por ser um processo que vem da capacidade de reflexão, compreensão e apreensão de conhecimentos produzidos nas relações, mas principalmente na abertura à experiência, ao inusitado, a uma efetiva (re)invenção de vetores de significação e de vida. As palavras seriam, pois, forças que nos atravessam com potencial de nos deslocar, não necessariamente oferecendo respostas, mas gerando perguntas que inovam pensamentos que nos propiciam produção de conhecimento. Nesse sentido, dificultamos hábitos cristalizados em representações ressoantes e colocamos a aprendizagem em movimento, atentos as variações.

A literatura, como poesia, “transfigura o universo e faz emergir a realidade descrita com a absoluta precisão da ambiguidade. Nunca li um bom verso que não voasse da página em que foi escrito. A poesia é um dedo espetado na realidade” (CRUZ, 2020, p. 76). Podemos pensar, junto com o poeta de Afonso Cruz, que a literatura pode vir a possibilitar uma experiência, uma movimentação em nós, uma ação de criação do próprio pensar. Ao produzir perguntas, incorporamos conhecimentos e inventamos outras formas de viver em um mundo. Logo, se queremos criar formas de conhecer e viver, podemos utilizar da leitura literária por ela proporcionar um processo de produção em nossa realidade através do contato com outras dimensões sensíveis da vida, do que nos afeta, nos acontece e nos transforma.

Nas relações, múltiplas coisas podem acontecer e o que interessa é o processo de abertura. Ampliando as margens de uma realidade somos estimulados a não parar somente em soluções já dadas, como um sistema de entrada e saída de informações, mas a deixar fluir uma indeterminação e não saber no que se tornará. Nessas experiências, há diferentes aspectos em nós oscilando, adaptando e rejeitando novas formas. Tudo está incerto, mas acontecendo, pois os contatos com outros nos afetam e provocam movimentos.

Como diz Deleuze:

Nós somos desertos, mas povoados de tribos, de faunas e floras. Passamos nosso tempo a arrumar essas tribos, a dispô-las de outro modo, a eliminar algumas delas, a fazer prosperar outras. E todos esses povoados, todas essas multidões não impedem o deserto, que é nossa própria ascense; ao contrário, elas o habitam, passam por ele, sobre ele. (Deleuze; Parnet, 2004, p. 22)

Um processo de produção de si e de um mundo acontece em deslocamento e organização que ocorre com as experiências nas interações e intensidades, engendrando nossa estrutura maleável. Por ser um processo dinâmico e multifacetado, não há uma fixação determinando que todas as ações terão que se repetir da mesma forma. Seguir os mesmos caminhos não é garantia de ter os mesmos resultados. Em cada encontro existe a possibilidade de efeitos imprevisíveis, pois viver é estar em constantes encontros com declínio e aumento de potência no existir. Então, nas relações vamos produzindo uma realidade que é construída em encontros e configurada ao longo de nossa história, nas quais experienciamos o familiar e o estranho ocorrendo ao mesmo tempo, mas em lógicas e velocidades distintas. Imersos nesse paradoxo que impulsiona a vida, que é processo de criação continua em relações, querendo ou não, somos afetados por essas forças que nos provocam a agir e articular.

Para Deleuze e Guattari (1997) isso seria uma ação desejante e eles propõem um modelo de desejo como conexão numa multiplicidade. Portanto, para os referidos autores, o desejo não trabalha no registro de uma falta, de uma ausência, mas no registro das composições plurais. Dessa forma, “o desejo é o operador efetivo, que se confunde, a cada vez, com as variáveis de um agenciamento” (Deleuze; Parnet, 2004, p. 127), pois todo desejo é agenciamento e, por sua vez, todo agenciamento é desejante (Fuganti, 2008). Ambos ativam tanto a produção de produção, quanto a produção de antiprodução. Nessas conexões, portanto, se estabelecem fabricações de realidades, ou seja, campos de possíveis em uma composição com intensidades plurais que podem ser atualizadas em diferentes expressões como, por exemplo, um livro. Este, por sua vez pode se agenciar com um sabor e com uma lembrança e com uma estética e com o mercado, produzindo um agenciamento maquínico. Nesse sentido, Deleuze e Guattari sustentam que:

O que chamamos de maquínico é precisamente essa síntese de heterogêneos enquanto tal. Visto que esses heterogêneos são matérias de expressão, dizendo que sua própria síntese, sua consistência ou sua captura, forma um enunciado, uma enunciação propriamente maquínica. As relações variadas nas quais entram uma cor, um som, um gesto, um movimento, uma posição, numa mesma espécie ou em espécies diversas, formam outras tantas enunciações maquínicas” (Deleuze; Guattari, 1997a, p. 143)

Vivemos em sistemas que compõem uma realidade e, de acordo com Deleuze e Guattari (1997), todos os sistemas, sejam eles sociais, culturais, políticos ou econômicos, produzem

territorializações – processos pelos quais os fluxos nas multiplicidades são limitados por fronteiras que definem o que é considerado "normal" e "aceitável" dentro deles. Desse modo, nessas territorializações são criadas estruturas estáveis, repetitivas, ritmadas, tantas vezes fixas, organizadas e hierarquizadas com a pretensão de interromper conexões destoantes entre elementos heterogêneos. Um território tenta manter uma centralização em que circulam agenciamentos com propósito de ressoar a unidade de seus aspectos internos produzindo, assim, uma realidade.

Contudo, essas mesmas estruturas podem ser transpassadas por impertinências singulares, agenciamentos de enunciação gerados nos encontros que produzem efeitos imprevisíveis. Essas perturbações, para Deleuze e Guattari (1997), são intensidades desterritorializantes - forças que atuam, mesmo dentro dos territórios estabelecidos, desafiando e rompendo seus limites. Os agenciamentos que surgem não se conectam a ressonância centralizada do território e, por isso, quebram o sistema de reprodução. Ao abrir espaço para conexões entre diferentes elementos, a desterritorialização dá passagem a novos pensamentos e ações. Novas relações entre fluxos de experimentações que produzem agenciamentos inusitados e até então impensáveis, que são qualificados por Deleuze e Guattari (1997) como acontecimentos.

O acontecimento é a passagem ao inventivo, àquilo que não estava previamente pensado, modelado e, conseqüentemente, àquilo que não é representação, pois não havia pronto no mundo e, portanto, não tinha condições de ser re-apresentado. O acontecimento é uma mudança nos vetores existentes que obriga à invenção de uma nova realidade e, segundo Deleuze, o acontecimento é “uma condição instável a qual se abre a um novo campo de possíveis. [...] O possível não preexiste; ele é criado pelo acontecimento. É uma questão de vida. O acontecimento cria uma existência” (Deleuze, 2006, p. 233-234- tradução nossa).

Por isso, todo ato criativo emerge de um acontecimento e tem por base uma ruptura naquilo que já estava definido em seu tempo e ritmo produzidos em um território. Com isso, novos vetores de realidade são gerados e, conseqüentemente, se organizam estruturas em novas formas e direções – reterritorialização –, de modo gradual e às vezes caótico, constituindo-se processualmente sempre em vias de se fazer.

...

Poderia agora contextualizar todos esses conceitos com algum fato do cotidiano em que estamos, mas vou evocar o conto Amor (Lispector, 2009). Quem sabe você, que está lendo este estudo, dê uma pausa aqui e o leia antes de continuar?

Nesse conto, Ana vê um cego mascando chiclete, parado na calçada, enquanto está dentro de um bonde que deu uma arrancada súbita e parou. Um tremor e algo quebrou. Os ovos que agora escorrem pela rede? Não só isso, uma fissura na realidade se abriu e algo a atravessa. Seu corpo é transpassado pelo inesperado que lhe afeta. Um cego mascando chiclete. Momento de abertura que escapa à sua vontade. Um mal-estar, que é um estranhamento, a toma e destoa com o repertório no qual está inserida. Há uma fricção entre pensamentos distintos que causa um desequilíbrio. Uma crise chega e não tem como conter.

Provocada a agir ela tenta encontrar um equilíbrio. Múltiplos agenciamentos estão acontecendo. Um espaço, até então secreto em si, se apresenta e ela tenta se conectar a palavras, gestos, imagens, cores, sons. Mas tudo ganha força e realce próprios, estranhos em relação à sua estrutura, que ameaçam não só sua desagregação como transformação. A vida está pedindo um movimento no seu modo de ser e estar nesse mundo. Mas... abruptamente, ela volta a acomodação habitual e sopra a pequena flama do ocorrido. O que não quer dizer que irá apagar o que aconteceu em si. O que foi gerado ainda pode se apresentar em sua realidade.

Após um acontecimento vivenciado na interação se desencadeiam vários agenciamentos na experiência de Ana. Em alguns momentos temos um sujeito com um repertório cultural que é projetado repetidamente no seu modo de pensar e agir. Em outros, um ser vivente, envolto em forças vitais, em um mundo de processos moventes. Movimentos conflitantes que se completam e se repelem na sua complexidade humana, mas que podem fazer surgir uma força de criação sobre seu mundo.

...

### 3 LER JUNTOS: PRODUÇÃO COLETIVA NA MULTIPLICIDADE

Envolvidos em uma estrutura social, estamos igualmente envolvidos em processos de subjetivação que nos dão contorno, identificam e funcionam na forma em que percebemos e atuamos com uma ordem social. Mas a produção de subjetividade não funciona apenas na ideologia e representação. Ela também atua em “uma modelização que diz respeito aos comportamentos, à sensibilidade, à percepção, à memória, às relações sociais, às relações sexuais, aos fantasmas imaginários, etc.” (Guattari; Rolnik, 2010, p. 36). Assim, um indivíduo é uma produção “adjacente a uma multiplicidade de agenciamentos sociais, a uma multiplicidade de processos de produção maquínica, a mutações de universos de valor e de universos da história” (Guattari; Rolnik, 2010, p. 40). Dessa forma, uma dimensão em multiplicidades atravessa diferentes corpos, construindo associações, relacionando elementos heterogêneos e criando um território existencial que chamamos de realidade. Um território que pode ser entendido como um processo de subjetivação que nos permite situar em um mundo e nos reconhecer como parte dele, ao mesmo tempo em que estabelece limites e possibilita novas conexões.

A produção de subjetividade não se faz com a soma de modos existenciais, mas em processos relacionais a envolverem estéticas, ritmos, economias, políticas, representações etc., que transpassam os indivíduos. Somos uma estrutura que se compõe em agenciamentos entre um corpo e contextos geográficos, sociais, econômicos, culturais etc., habituados a pensar sobre uma identidade que nos define nas representações. Mas as definições são incapazes de captar o processo de produção de si e de um mundo em efervescência, pois somos compostos em multiplicidade. Fluxos e transformações que não podem ser previstos, mas experimentados.

As experimentações e interconexões entre os mais variados elementos heterogêneos acontecem nos encontros. Sendo assim, abertos aos agenciamentos que nos atravessam, conhecemos através de um processo de produção dinâmico e criativo outras formas de fazer e ser em diferentes situações, sobre perspectivas distintas, que vão nos fazendo questionar os arranjos de uma realidade em que estamos inseridos. Nesse meio, quando algo inusitado nos acontece, aprendemos que podemos transformar e produzir novas estruturas. Essa produção tem a ver com afetos, os efeitos nos encontros, o desejo como agenciamento que produz (re)configurações, isto é, o que nos afeta nos compõe como sujeito e produz nosso modo de existência que é sempre social.

Por isso,

os processos de subjetivação são inevitavelmente coletivos. A noção de coletivo, aqui, tem caráter de multiplicidade, polivocidade. Não há equivalência entre coletivo e conjunto de pessoas. Coletivo não é, portanto, somatório de pessoas previamente individualizadas, nem tampouco massa previamente homogeneizada e indiferenciada. O coletivo é impessoal, nele se formam agenciamentos de enunciação, que comportam virtualidades em vias de se atualizar. A individuação da subjetividade seria, neste sentido, simplesmente um caso de agenciamento coletivo de enunciação. (BARROS, 2007, p. 283-284)

Estamos ligados a uma produção de subjetividade que nos antecede, nos ultrapassa e é produzida coletivamente em processos de relações sociais como nas reuniões de pessoas para leitura literária e discussão sobre um texto. Essa seria uma forma de habitar um mundo que viabiliza explorar nossas potencialidades e expressões, pois o que passa no encontro com um grupo pode manter o que já existe ou nos fazer abrir para os vetores do desejo, possibilitando multiplicidades e movimentos nas estruturas. Então, pode-se pensar a leitura literária como um potencial disparador para a produção de diferentes vetores desejantes e, conseqüentemente, de diferentes produções de subjetividade, visto que o ato de ler envolve mais do que o encontro entre um leitor e um texto, mas também o encontro com as multiplicidades a que se ligam o leitor, o texto lido e as conversas que acontecem.

Em um contexto ocidental, a história da leitura passa pela tradição oral; pelos escribas do Egito antigo, restrita a algumas classes sociais; pelos rolos de escrituras dos hebreus, gregos e romanos, que eram lidos para uma coletividade; pelos monges copistas na Idade Média, com sua leitura silenciosa; pela prensa inventada por Gutemberg no século XV, que revolucionou a reprodução dos textos, a padronização e a diversidade na produção que possibilitou mudanças na cultura leitora durante os séculos. Tendo um maior número de textos publicados, “nos séculos XVI e XVII a leitura realizada não consistia em uma prática individual. Percebeu-se que nos meios urbanos deste período o impresso era manuseado de modo coletivo onde a leitura em voz alta era uma prática muito frequente” (Ferreira et., 2013, p. 7). A leitura religiosa foi a mais comum nesses séculos e as outras leituras ocupavam espaços sociais específicos, como em saraus.

Ainda que já existisse a aprendizagem das primeiras letras, no século XVII a instituição escolar “e atividade de ensinar a ler e escrever, se expandiram de modo paulatino e irreversível, atingindo aos poucos todas as áreas e segmentos do corpo social” (Zilberman; Silva, 2004, 12). A instituição educacional, ao adquirir importância na sociedade por ser responsável na formação das pessoas, tornou a leitura uma das habilidades fundamentais para o acesso a conhecimentos. Mesmo a alfabetização sendo generalizada, definindo uma norma de leitura

legítima, não conteve a diversidade de práticas em variados grupos leitores, uma vez que o acesso à leitura se transforma quando surge uma

fórmula editorial conhecida como Biblioteca Azul, inventada no século XVII na cidade francesa de Troyes, pelos Oudot e adotada por outros editores dessa região. Os livros da Biblioteca Azul eram editados, na maioria das vezes, com capa azul a preços baixos e visavam à reedição de textos que teriam receptividade popular. Os gêneros textuais publicados eram diversificados com objetivo de atrair os mais variados grupos, destacando os guias de devoção e conduta, a Santa Escritura, os cânticos e cantigas de Natal, a literatura romanesca e cômica, a vida dos santos, os romances de cavalaria, os contos de fadas e as peças satíricas sobre profissões. Grande parte desses textos eram reedições de textos eruditos que passavam por uma série de intervenções dos editores para entrar no corpus dos textos azuis. (Ferreira et., 2013, p. 9)

Esse estilo editorial, liderado pelos Oudot e Garnier, foi popularizado e a venda de livros chegou a diferentes cidades francesas. Por ser um fenômeno nos negócios, também foi replicado por outras editoras em outros países possibilitando uma forma acessível de acesso aos livros que vai além da aquisição e posse individuais, uma vez que há um aumento de instituições que propiciam o uso compartilhado dos livros.

No século XVIII, os salões franceses, frequentados por aristocratas e burgueses, eram ponto de encontro para ler livros e debater as inovações intelectuais.

Considerados indissociáveis do Iluminismo e tendo papel essencial para a circulação das ideias da Revolução Francesa, os salões ganharam uma de suas representações mais famosas num quadro de Lemonnier (1743-1824): na cena, mais de 40 pessoas, entre as quais Montesquieu e Diderot, leem uma tragédia de Voltaire. (Passos, 2017, n.p.)

Na Grã-Bretanha existiam os clubes de cavalheiros, desde séculos passados, formados em torno de um interesse em comum, sendo que a palavra clube tanto pode designar um grupo de pessoas quanto o local onde se encontram. E, seguindo esse modelo de associação, clubes de leitura se desenvolveram entre diferentes grupos, estilos, formas e países, atingindo seu auge no século XIX. A partir dessa época, as associações literárias tornaram a leitura uma prática popular ao ponto de se estender até os dias atuais.

No Brasil, o impulso na produção e circulação de livros ocorreu após a chegada da Família Real em 1808 e o início da consolidação da indústria editorial que contribuiu para a disseminação de obras literárias nacionais e estrangeiras. As mudanças na forma de governo, no final do século XIX, impactaram várias áreas da estrutura do Estado, entre elas a educação.

Processou-se a criação de múltiplas formas de escolas pelos estados, como tentativa de disseminar a educação para combater o analfabetismo, então considerado como sinônimo de inépcia, de falta de iniciativas propiciadoras ao desenvolvimento e ao

progresso; ou seja, a educação apareceria como meta de um projeto civilizatório e de modernização da sociedade em prol de seu desenvolvimento. (Ferreira; Carvalho; Gonçalves Neto, 2016, p. 117-118)

Desse modo, com a diminuição na porcentagem de analfabetos no país, em 1943 a Editora Ática criou o “Clube do Livro” e, em 1973, a Editora Abril criou o “Círculo do Livro”, ambos clubes de assinatura de obras literárias. Mensalmente um livro era enviado para os assinantes e as editoras apostavam “na massificação da leitura, retirando dela o caráter elitista que pudesse ter e estimulando o hábito como recreação” (Passos, 2017, n.p.).

Por outro lado, temos também no início do século XX, artistas brasileiros que se conhecem, compartilham experiências em outros países e estados, e os encontros realizados entre eles se revelam indispensáveis para se atualizarem sobre as criações artísticas mundiais, nacionais e pessoais. Ao mesmo tempo em que constituíam momentos de fortalecimento da amizade, troca afetuosa e apoio mútuo no âmbito profissional. Entre os vários grupos espalhados pelos estados brasileiros destacam-se o “‘grupo dos cinco’ formado pelos amigos de Mário de Andrade - Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Menotti del Picchia e Oswald de Andrade” (Silva, 2010, p. 184), de São Paulo e a “‘roda de Maceió’, composta pelos amigos de José Lins do Rêgo - Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Aloísio Branco, Valdemar Cavalcanti, Aurélio Buarque de Holanda” (Silva, 2010, p. 184). Tais grupos funcionavam como impulsionadores das obras produzidas por esses artistas. O contato entre esses grupos de autores ocorria através de trocas de cartas que traziam críticas, sugestões e relatos de suas vidas e isso gerava outras perspectivas em uma produção coletiva, fortalecendo e incentivando a produção literária e artística brasileira.

Durante o século XX, programas e projetos de incentivo à leitura foram implantados tanto pela iniciativa pública quanto privada e a biblioteca pública, por ser um “agente do qual provém a informação, sendo, assim, um meio de democratização da leitura e do conhecimento para um país” (Freitas; Silva, 2014, p. 126), mostrou ser não apenas um local solitário de encontro com um livro, mas, igualmente, um espaço de pausas para leituras compartilhadas. Logo, as ações promovidas nas bibliotecas, como contação de histórias, encontros de leitura, saraus, oficinas de escrita criativa etc., incentivaram a utilização de outros espaços tais como, escolas, empresas, praças, além da criação de clubes de leitura por movimentos coletivos e individuais.

No final do século XX, com o surgimento e a rápida popularização da *Internet* foi vivenciada mundialmente uma grande transformação nos modos de comunicação e trocas de informação. Com tais mudanças tecnológicas acontecendo, surgiram novos suportes e formas

de interação com os textos literários especialmente através de aparelhos eletrônicos que facilitaram o acesso a livros *on-line* popularmente conhecidos como “*e-books*”. O *e-book*, abreviação de “*Eletronic Book*” que traduzido significa “Livro Eletrônico”, pode ser lido a qualquer hora e em qualquer lugar apenas usando um meio eletrônico como celular, leitores de livros digitais, tablets e computadores. Aproveitando esse mercado, empresas enfatizaram o livro como produto e apostaram em propagandas para atrair consumidores para o mundo dos livros digitais.

Mesmo com muitas ofertas de *e-books*, os livros físicos não desapareceram do mercado e, a partir de 2014, empresas como a TAG – Experiências Literárias e a Editora Intrínseca, entre outras, lançaram seus clubes de assinaturas periódicas em que o leitor/cliente recebe uma obra literária física de forma mensal, bimestral, trimestral ou anual, resgatando o modelo de venda do século passado. E para estimular o consumo de livros físicos as empresas estrategicamente oferecem serviços extras como um kit com brindes, uma “revista com textos sobre a obra escolhida” (Passos, 2017, n.p.), acesso a áreas em sites e aplicativos que permitem interação entre os leitores/clientes.

Desde o momento em que o leitor/cliente recebe o livro, ele se vê entrelaçado em múltiplos recursos digitais e interativos que reúnem pessoas de diversos espaços geográficos. É interessante notar que esta mediação tecnológica afetou a forma de se encontrar com um grupo de leitores conectados por um interesse em comum e se tornou relevante por viabilizar diálogos em qualquer tempo e espaço. Essa mudança nas relações de comunicação por entremeio digital se multiplicou e atravessou outros clubes de leitura literária trazendo operações multiformes de se relacionar com a obra literária e entre os participantes. Portanto, não foi rejeitada essa influência tecnológica em que os grupos de leitura estavam inseridos, contudo, foram estipuladas maneiras de usar essas ferramentas nas atividades dos clubes de leitura.

No decorrer do tempo, a forma de interação em rede estimulou a criação de várias opções de grupos de leitura virtuais de acordo com interesses e perfis, com versões gratuitas e pagas, com flexibilidade nos horários e comodidade. E, em 2020, essa tendência ganhou um impulso maior causado pelo isolamento estipulado em razão da pandemia, que afetou nosso convívio social, impossibilitando as idas em encontros presenciais com grupos de leitura. Para dar continuidade às reuniões, as mediações passaram a ser totalmente *on-line* e os recursos tecnológicos, até então tratados como opção, trouxeram aprendizados, adaptações, aprimoramentos, novas dinâmicas e interesses nos grupos.

Com essa migração, o termo “comunidade” ganhou relevância nas interações em ambiente virtual, enfatizando a conexão das pessoas em torno de uma unidade comum que é a literatura, gerando um sentimento de pertencimento que leva à criação de vínculos e, conseqüentemente, de permanência. Assim, ao fim do período de isolamento, alguns grupos voltaram às suas atividades presenciais; outros passaram a realizar encontros presenciais e virtuais; e outros permaneceram com suas atividades somente virtual, pois isso favoreceu a integração de novos participantes e ofereceu oportunidades de realização de outras práticas além da leitura e conversas com obras literárias dentro da comunidade leitora. Dessa forma, mudanças no meio de comunicação propiciaram modos diferentes de utilizar práticas literárias no cotidiano.

No contato entre os membros circulam dicas, trocas, informações, impressões sobre as leituras, marcação de encontros etc. O meio de acesso à leitura pode não se restringir à compra de livros, mas também a leituras compartilhadas, empréstimos e aquisições gratuitas. Em alguns grupos a leitura pode ser de um livro por mês, em outros talvez sejam contos, poesias, trechos de obras, voltados a um tema, a um gênero literário, a um autor, ou passando livremente por variados estilos. Há os que podem adotar a leitura prévia ao encontro ou ser desenvolvida no encontro com o grupo. Há encontros formalmente estruturados com cronogramas, materiais de referência e roteiro de discussões, ou organizados de maneira informal. Podem alguns grupos ter uma pessoa para mediar os encontros, estabelecendo o formato e as ações, ou as dinâmicas entre os leitores podem criar os movimentos do grupo, seja de modo virtual ou presencial.

Destaca-se que dentro desses processos múltiplas formas são possíveis de combinação, pois “essas práticas colocam em jogo uma *ratio* ‘popular’, uma maneira de pensar inventiva numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar” (Certeau, 2013, p. 41). Por exemplo, um mediador organiza um cronograma para a leitura de uma obra de forma síncrona, com encontros virtuais e presenciais, propondo a leitura de um capítulo e uma conversa informal sobre pensamentos e experiências com aquela leitura. Nada impede que algum participante leia solitariamente toda a obra e compareça aos encontros.

De qualquer forma, aqueles que participam dos encontros em grupo, abertos às interações, estão potencialmente dando passagem às palavras e sentidos que o encontro possa provocar. Escritas, faladas e em pensamentos, as palavras atravessam os envolvidos: podem vir a tirar do lugar algo que estava parado e colocam em evidência pensamentos e sensações que deixam de ser produções particulares para se transformar em produções coletivas exercidas em um pensar-junto. Enunciações podem vir a ter a potência de expandir ou restringir uma realidade e refletir em comportamentos sociais.

Assim, um grupo é um processo de produção de subjetividade com agenciamentos coletivos que criam modos de referência e práticas que escapam à representação em uma entidade específica. Um grupo seria uma “invenção que permite elucidar um campo de subjetivação e, ao mesmo tempo, intervir efetivamente nesse campo, tanto no seu interior como em suas relações com o exterior” (Guattari, Rolnik, 2010, p. 38).

### 3.1 Rodas Literárias: vozes e afetos.

Quando um grupo de pessoas se reúne em uma "roda", não é por acaso; isto é uma maneira de mostrar que não há hierarquia entre elas. Mesmo que todos sejam vistos como iguais em uma relação horizontalizada, a intenção é também a de celebrar e aceitar suas diferenças individuais simultaneamente. Dentro do contexto das interações sociais, uma roda de leitura literária cria um senso de comunidade, proporcionando não apenas um espaço para ouvir os outros, mas também para se ouvir e ser ouvido. Nesse espaço de encontro com o outro, com pensamentos, sentimentos e experiências compartilhadas,

são comuns as seguintes atividades: motivação para a leitura, apresentação do autor e da obra, a leitura do texto em si e uma roda de conversa, debate ou discussão sobre a obra lida. Geralmente a obra a ser lida na roda é escolhida pelo mediador ou pelos próprios participantes, por meio de votação. Também pode ser previamente combinado com os participantes se haverá ou não interrupção da leitura do texto, para comentários e apreciações. (Ceale\*)

Nas rodas de leitura os textos muitas vezes são apresentados no encontro como um elemento surpresa para os participantes e estes textos são potenciais disparadores de trocas para o pensar-sentir no grupo. Desse modo, como nesse estudo me propus a acompanhar processos de subjetivação e, para isso, participar de um grupo com leituras literárias, o projeto “Rodas Literárias”<sup>8</sup>, coordenado por Mozilene Neri Barbosa que se identifica no grupo como Mozi Neri, foi escolhido.

Graduada em letras e mestra em educação, Mozi começou a atuar como coordenadora e interlocutora nos diálogos de encontros com leitura literária em oficinas de bibliotecas públicas. Ela me contou em uma conversa, que essa prática de leitura em roda vem de uma experiência sua em um curso de teatro que realizou assim que terminou o ensino médio. Assim como eu, Mozi passou pela educação básica sem ter um contato efetivo e afetivo com a literatura, dada a forma como era apresentada no ambiente institucional. A leitura na escola por

---

<sup>8</sup> Situado no seguinte endereço eletrônico: <https://www.rodasliterarias.art/>

ser curricular, conteudista, avaliativa, muitas vezes não provoca no leitor a fruição, a esse sentir o universo da leitura, visto que o imperativo não funciona com o verbo ler (Pennac, 1993). A absorção e apreciação da literatura surgem da arte de ouvir, das interações entre pessoas, dos textos e das várias conexões estabelecidas. Assim, Mozi teve essa experiência no curso de teatro quando um professor realizou uma leitura em roda. Isso foi uma novidade. Isso a atravessou, repercutiu em si e a leitura compartilhada acompanhada de conversas gerou a repetição dessa prática nos encontros em que ela mediará.

Em sua dissertação, Mozi nos relata como começou:

Há sete anos, desde 2008, trabalho com leitura literária em espaços extraescolares e durante esse processo de aprendizagem, de percepção e despertar nas leituras, constatei uma recepção e abertura em muitas pessoas que ainda não tinham tido um contato mais aprofundado com o texto literário. Talvez pela forma distanciada como a literatura seja tratada dentro da Escola e fora dela, em cursos essencialmente teóricos, talvez pela ausência de uma interlocução mais livre e atenta do(a) professor(a), educador(a), e não a simples evocação de características do Realismo na obra de Machado de Assis, por exemplo. Provavelmente essas duas questões – o distanciamento da literatura como parte da própria vida e a falta de empatia do educador com o texto literário – caibam no espanto e deslumbramento quando vemos jovens e adultos encantados por alguma passagem literária lida nesses encontros. (Barbosa, 2016, p. 14)

E continua:

Na BPN<sup>9</sup>, as rodas eram chamadas de “Rodas de Leitura”, mas na BPEZ<sup>10</sup> resolvi mudar para “Rodas Literárias” por dois motivos: o primeiro, pela questão de que todos os textos que líamos eram textos literários; o segundo, por uma homenagem às rodas literárias formadas entre as décadas de 20-30 do século passado, pelos escritores Mário de Andrade e José Lins do Rêgo. Apesar de terem outros objetivos, diferentes do nosso, essas rodas se apresentavam como um espaço de escuta e partilha de ideias, impressões. Esse “grupo de amigos” escritores também sugeriu ao grupo das rodas, lá e cá, que a afetividade é caminho fundamental do encontro, e por ela continuamos a seguir. (Barbosa, 2016, p. 15)

As reuniões do projeto “Rodas Literárias” começaram de forma presencial em bibliotecas no estado do Rio de Janeiro e hoje estão na rede de conexões *on-line* aproximando pessoas residentes em vários estados brasileiros e em outros países. Esta mudança no ambiente em que as rodas eram realizadas ocorreu em 2021 pois, diante do isolamento social, um projeto que seria realizado de forma presencial teve de ser efetuado no formato *on-line*. Por trabalhar com projetos e oficinas de leitura em bibliotecas e outros espaços, Mozi se adaptou aos novos

---

<sup>9</sup> Biblioteca Pública de Niterói.

<sup>10</sup> Biblioteca Pública Municipal Professor Ernesto Manoel Zink.

recursos tecnológicos e hoje realiza encontros informais, tanto presenciais quanto em ambiente virtual, utilizando as características das rodas de leitura. Para Mozi,

as Rodas – diferentemente dos clubes – não requeriam que os participantes conhecessem ou tivesse lido os textos previamente, pelo contrário, o não-saber e o não-ter-lido eram essenciais, pois a proposta dos encontros era justamente desmistificar alguns preconceitos em relação ao texto literário. (Barbosa, 2019, p. 24)

Ao participar de grupos de leitura literária buscamos por encontros, por algo que propicia o deleite de ler, por conversas sobre o que apreciamos e por uma abertura para ouvir outras vozes e nossa própria voz. No afeto inventamos uma prática em nosso dia a dia que move uma dimensão coletiva de produção de subjetividade. Pois, dentro de um tecer, não exclusivamente do começo a linha final de um texto, criamos associações e enunciações que produzem efeitos na produção coletiva. Como cada participante expõe o que lhe constitui, às vezes, há conflitos de pensamentos mostrando que a homogeneização não está presente. E isso é fecundo para as conversas à medida que ampliamos as possibilidades de conhecer, aprender e ter uma experiência em grupo. Nesse processo de invenção criamos um estar em um mundo.

No período da pesquisa realizada, os encontros organizados e mediados por Mozi Neri ocorreram em ambiente virtual (Google Meet<sup>11</sup>), não-formal, com frequência quinzenal às terças-feiras de cada mês, com composição variada, entre membros ocasional e assíduos, com uma média de 15 participantes em cada reunião e com duração em torno de duas horas. O título do conto, sua autoria e o link de acesso a reunião são enviados por e-mail no dia do encontro. Participantes esporádicos comparecem porque se interessaram pelo autor, pelo texto ou para conhecer a dinâmica das rodas, mas há também participantes que estão continuamente nos encontros.

Em cada reunião do grupo sempre há a leitura de um conto como motivador para as conversas. Não há leitura prévia. Não há *marketing* de venda da obra em que se encontra o conto. Há incentivo à leitura do conto. Esse gênero, capaz de capturar e expressar de forma breve e concisa a complexidade da experiência humana, tem Julio Cortázar entre seus representantes. E sobre o caráter peculiar do gênero conto, Cortázar nos diz que

o fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam *significativos*, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de *abertura*, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto. (Cortázar, 1993, p. 151-152)

---

<sup>11</sup> Aplicativo de comunicação por videoconferência.

Mediante o efêmero, que pode ser tão intenso a ponto de nos fazer transcender uma superficialidade provocando ebulições em nós, o encontro torna-se um tanto flexível e dinâmico. Esse plano coletivo de forças está no movimento da conversa que se dá a partir do conto. Um processo que vai acontecendo entre os participantes naquele encontro e traz pontas soltas, lembranças, associações inusitadas que vão construindo e desconstruindo algo já configurado. As enunciações se bifurcam em assuntos entrelaçados, seguem o fluxo do texto como parâmetro, atravessam, tocam nas estruturas e podem traçar outras configurações.

Neste contexto, a mediadora desempenha um papel de facilitadora, interventora e elo que aproxima os participantes dos contos escolhidos por ela. Ao apresentar contos diversos, vai revelando horizontes e a possibilidade de abertura a sensações e experiências ativadas na interação entre os participantes e a linguagem literária. Não há atividade sobre o texto, mas com o texto, o que permite inclusão de memórias, referências a livros, músicas e filmes, exposição de sentimentos, silêncio, observações do que está e não está escrito, elaboração de pensamentos e retomadas de falas que vão seguindo um fluxo discursivo de produção conjunta.

A mediadora nos propõe a pensar e “con-versar” junto com o conto, não sendo este um centro inquestionável. Essa possibilidade facilita pensar em algo em hiato naquele momento. Abrir-se para pensar junto nos entrelaça em trocas, permite que alguma coisa em nós brote de uma forma diferente e se amplifique com o que está nos atravessando. As enunciações ressoam e são acolhidas com cuidado, observação, incentivo e atenção. Muitas coisas estão sendo sustentadas e acontecendo juntas. Estamos pensando em relação com os outros, uma produção plural que se constrói em triangulação entre: o conto, os ouvintes e os interlocutores. Enquanto um fala o outro escuta e pensa. Percebemos que a conversa vai somando coisas, indo para lugares diferentes conforme cada sentir e que não estamos sozinhos em nossos pensamentos. Podemos ir ao limiar de algumas coisas e até mesmo superá-lo indo além do circunscrito ou vislumbrar uma outra linha no horizonte e voltar a um ponto de referência.

Em alguns casos, após a leitura há silêncio, pois precisamos de um tempo para processar o que foi dito. A conversa começa um pouco incerta, devagar, segue na sensação de desconforto, do estranho que se instala e provocava a pensar, pois tentamos utilizar as informações adquiridas ao longo da vida e presentes em nosso ambiente, mas elas são “insuficientes”. Por estarmos na superfície das coisas é desconfortável aprofundar pois vamos perdendo referências e nos sentimos deslocados. Pensar e sentir traz essa desorientação que desloca. Nessa confluência, ocorre uma experimentação com a linguagem, uma exploração individual e inter-relacional que nos conecta com um mundo presente dentro e fora de nós. E,

a irregularidade do dizer – a entonação: variações de altura, velocidade, silêncios, repetições – nada mais são do que efeitos diretos do plano dos conteúdos, ou seja, indicadores da presença da experiência na fala. O signo como forma pura, organizadora do mundo, desaparece em nome de signo sensíveis aos acontecimentos. As variações do dizer presentes no ritmo, entonação, tropeços carregam as intensidades da experiência. Os signos exalam os afetos ligados à vida, que agora circulam juntos, modulando o dizer, produzindo a vivacidade da linguagem. (Tedesco; Sade; Caliman, 2013, p. 303)

As enunciações vão criando processos de compreensão, transformando e desafiando os pontos de vista estabelecidos. Saímos de uma perspectiva onde observamos o espaço de dentro e de fora como se através de um espelho e passamos a refletir sobre relações que implicam em uma compreensão de uma realidade como um conjunto dinâmico de fluxos e processos que se interconectam e se afetam mutuamente.

Tecemos uma produção de subjetividade vivencial que desafia as estruturas tradicionais, as quais tendem a uniformizar, e abre-se caminho para explorar novas perspectivas ao acolher a diversidade de pensamentos, liberando-se da mera transmissão de informações e da submissão a padrões predefinidos. Elementos heterogêneos presentes nos encontros – humanos e não-humanos, materiais e imateriais - são ativados em conexões que se entrelaçam atuando entre e produzindo efeitos em nós. Esse processo coletivo permite criar uma versão da realidade que pode ser compartilhada, mas também questionada. Os acordos e desacordos geram reflexões de novos significados, o que facilita uma experiência transformadora acontecer.

Deste modo, na experiência em grupo, a atenção está aberta aos encontros em um tempo mais lento, como nos propõe a leitura que se entremeia com a escuta, tanto das palavras pronunciadas quanto dos silêncios. E nessa trama ouvimos nas entrelinhas, percebemos onde se colocam a ênfase, o silêncio e o inesperado. Como nos coloca Cecilia Bajour (2012),

a escuta da interpretação dos outros se entremeiam com a nossa. Os fragmentos de sentido que originamos nesse encontro, quando entram em contato com os fragmentos de outros, podem gerar algo novo, algo a que talvez não chegaria na leitura solitária. Escutar assim como ler, tem que ver, porém, com a vontade e com a disposição para aceitar e apreciar a palavra dos outros em toda sua complexidade, isto é, não só aquilo que esperamos, que nos tranquiliza ou coincide com nossas interpretações ou visões de mundo. (Bajour, 2012, p. 24)

A diversidade nas falas expande nossa capacidade de associação nos motivando a expressar pensamentos e sensações. Aguçamos nossa voz e ouvidos. Nas interações enunciamos alguma coisa que não estava programada, algo inesperado, até então não pensado, mas que se conecta com outras perspectivas. Uma experiência que desloca, movimenta, transforma nas relações.

#### 4 CONHECIMENTOS EM FLUXO NAS INTERAÇÕES

Entrar no grupo “Rodas literárias”. Encontrar com leitores de literatura. Participar de encontros. Ler contos. Conversar. Trocas em heterogeneidade. Somar, dividir, multiplicar e subtrair expectativas, certezas, verdades, vivências, experiências. Expor signos disciplinados e estados de coisas que transpassam, irradiam, ordenam, bagunçam. Reter. Soltar. Efetuar agenciamentos improváveis, dinâmicos, ratificados, inventados, elaborados, estabelecidos. Mover com o fluxo discursivo de produção conjunta. E, mesmo que grupos de leitura se valham de estruturas lineares, em cada encontro, das linhas de um texto, dos pensamentos e das enunciações subvertem novas combinações nas quais se “descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas)” (Barros, 2015, p. 125) e diferentes campos de problematização. Diante deste cenário, como desenvolver um trabalho acadêmico tecendo as tramas presentes no período de pesquisa?

Geralmente uma pesquisa científica busca uma metodologia para explicar o que ocorre com o objeto estudado utilizando de critérios objetivos para interpretar informações e obter uma amostra da realidade de um campo. Uma construção de conhecimento que se relaciona com teorias e procedimentos metodológicos empregando fórmulas que se replicam em vários trabalhos com variações limitadas por um comum homogêneo, ou seja, isola-se um objeto do meio e se reduz os elementos que serão estudados por um pesquisador observador. Nesse sentido, na “Introdução: rizoma” do livro *Mil Platôs* (1997), Gilles Deleuze e Félix Guattari, para exemplificar a repetição fazem analogia às raízes das árvores que, mesmo ramificando, bifurcando, circulando e interrompendo seu crescimento, sempre terão uma forte unidade principal. Ou seja, um Uno é capaz de se desdobrar em dois, dicotômico, ou em três, quatro, cinco..., ou ter partes silenciadas, mas existe sempre um pivô que o sustenta.

Em contrapartida, há também pesquisas que ressaltam as produções de conhecimento reconhecendo que estas acontecem nas relações de forma transitória, transversal e participativa em que um(a) pesquisador(a) participa de um campo comum heterogêneo de uma experiência coletiva compartilhada com um fundo “apresentando-se como uma vitalidade social pré-individual, pura heterogeneidade não totalizável” (Kastrup; Passos, 2013, p. 264). Assim, podemos pensar que nesta forma de pesquisa o conhecimento se expressa nos agenciamentos, isto é, fazendo “o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 14-15).

Seguindo essa reflexão, no estudo acadêmico que aborda encontros, heterogeneidade e processos de subjetivação, percebe-se que os agenciamentos são como rizoma, operando e crescendo em modelos centralizados e movimentando linhas de forças que se cruzam. Esta dinâmica cria um processo de agir e podem tanto formar um nó e indicar caminhos pré-determinados, quanto ser capaz de desterritorialização e produzir dissoluções estruturais como a de não se ter sujeito e objeto na pesquisa, mas dimensões, combinações que crescem com a multiplicidade. Desse modo, “um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 17).

Logo,

conhecer não é tão somente representar o objeto ou processar informações acerca de um mundo supostamente já constituído, mas pressupõe implicar-se com o mundo, comprometer-se com a sua produção. Nesse sentido, o conhecimento ou, mais especificamente, o trabalho da pesquisa se faz pelo engajamento daquele que conhece no mundo a ser conhecido. (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020, p. 131)

Assim, não se chega e se adere a um conhecimento. Conhecer é um processo que envolve abrir a atenção ao presente, colocar problemas, pensar outros possíveis e instalar frestas que perturbam um saber anterior. Desta forma, a diferença entre as pesquisas não está nas ferramentas metodológicas que serão utilizadas, mas no uso, nas conexões que se faz, pois “um método de tipo rizoma é obrigado a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 16). Logo, a produção de uma pesquisa elaborada com processos relacionais necessita de procedimentos que auxiliem no acompanhar dos elementos que compõem um campo com suas complexidades e que também orientem a escrita do estudo. Nessa perspectiva, uma pesquisa de intenção cartográfica se apresenta como ferramenta de investigação que,

diferente do método da ciência moderna, [...] não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objeto da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças. (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020, p. 57)

Não há uma observação distante do que acontece no grupo ou um referencial interpretativo prévio. Não se faz anotações em busca de informações. Não se trabalha com hipótese. Não há regras rígidas. Nas interações, um mapa se constrói. Aberto e conectável em

todas as suas dimensões. Com raízes e rizomas. Metamorfoseando-se a cada encontro. “A demarcação não depende aqui de análises teóricas que impliquem universais, mas de uma pragmática que compõe as multiplicidades ou conjuntos de intensidades” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 24). Assim, a cartografia não seria guia de um caminhar com metas pré-definidas, mas sim uma inversão metodológica na qual vai se definindo as metas no próprio caminhar. Para isso, o cartógrafo deve estar como participante aberto às forças que transitam no campo de pesquisa e atento ao que o campo diz a ele. Independentemente do que espera que aconteça e de formatos estabelecidos, o que irá orientar o estudo será o fazer.

Nesse sentido, a inclusão ativa do processo de produção de conhecimento intervém na realidade de forma que desarranja o modo de organização do conhecimento definido por uma hierarquia dos diferentes e incorporação dos iguais, pois conhecer é efeito coemergente na realização do estudo. Assim, para acompanhar processos em uma pesquisa com propósito cartográfico não há de se separar conhecer e fazer, o que a constitui como uma pesquisa-intervenção, isto é, ela tem uma natureza participativa como fundamental para se acessar um plano comum e coletivo que não se reduz a estar em um agrupamento colaborando com falas emolduradas e cadenciadas em torno de um assunto. Produz com uma realidade e não sobre a realidade. Dessa forma,

a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência - o que podemos designar como plano da experiência. A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020, p. 17-18).

Aqui temos a importância da abertura à experiência de partilha como uma vereda para criar com o outro uma nova dimensão de problematizações que se contribui nas associações de saberes e provoca os participantes a experimentarem as forças disponíveis na construção de conhecimentos. Por isso, “no processo de produção de conhecimento, há que se colocar em análise os atravessamentos que compõem um ‘campo’ de pesquisa” (Passos, Kastrup; Escóssia, 2020, p. 21). Nesse sentido, pode-se considerar o conhecimento como algo que está em contínua criação coletiva, no campo das tensões e conflitos, se comendo com o plano das formas (pensamento da representação) e o plano movente do coletivo de forças na produção de uma realidade comum no diverso.

As multiplicidades atravessam diferentes corpos, agenciando, construindo associações, criando um território existencial que chamamos de realidade. Um território que pode ser

entendido como um processo de subjetivação, um lugar de passagem, que nos permite compor com um mundo e nos reconhecer como parte dele, ao mesmo tempo em que estabelece limites a nós. Uma forma de "habitar" um mundo que nos possibilita explorar nossas potencialidades e expressões. Por isso, “o método vai se fazendo no acompanhamento dos movimentos das subjetividades e dos territórios” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020, p. 77), que estão acontecendo em uma série de práticas concretas estabelecidas que vão fazer ver, falar e estabelecer relações.

Por ser este estudo processual, tendo por objetivo acompanhar processos a ganharem existência nos encontros com as “Rodas Literárias”, participei de 6 encontros me engajando a esse grupo de leitura literária como pesquisadora para acessar o plano coletivo de forças gerado em cada encontro, com suas indeterminações e “pluralidade de vozes na experiência compartilhada do dizer” (Tedesco; Sade; Caliman, 2013, p. 317). Dessa forma, me envolvi nas malhas de agenciamentos e experiências “engendradas em linhas de intensidades diversas (biológicas, políticas, linguísticas, econômicas, estéticas etc.) a indicarem movimentos que traçam um mapa de intensidades e afetos no compor de territórios existenciais” (Simonini, 2019, p. 5). Assim, este estudo oferece o relato de 3 encontros que vibraram e me afetaram de alguma forma. E, por não haver como prever e controlar o que emerge nesses encontros, esse estudo apresenta esse campo de forças naquilo que se mostra.

A processualidade em grupo, então, ocorre com base na composição de elementos heterogêneos atuando simultaneamente em uma transversalidade a operar na instabilidade das formas e expondo na tensão. As experimentações e interconexões entre os mais variados elementos heterogêneos acontecem nos encontros. Mas

não são nem os elementos, nem os conjuntos que definem a multiplicidade. O que a define é o E, como alguma coisa que ocorre entre os elementos ou entre os conjuntos. E, E, E, a gagueira. Até mesmo, se há apenas dois termos, há um E entre os dois, que não é não é nem um nem outro, nem um que se torna o outro, mas que constitui, precisamente, a multiplicidade. Por isso é sempre possível desfazer os dualismos de dentro, traçando a linha de fuga que passa entre os dois termos ou os dois conjuntos, o estreito riacho que não pertence nem a um nem a outro, mas os leva, a ambos, em uma evolução não paralela, em um devir heterocromo”. (Deleuze; Parnet, 2004, p. 29).

Nas Rodas Literárias temos uma produção coletiva que está ligada a afetos. O efeito de um corpo sobre outros. Um encontro que produz desejo e agenciamentos. Nas conexões vão se produzindo modos de subjetivação que percebem, privilegiam a conservação e projetam afetos diferentes com os encontros. Interromper ou experimentar as heterogeneidades semióticas? O que podemos dizer é que um grupo interfere na produção de afetos, sentimentos e pensamentos, sendo coprodutores de subjetividades e realidades, pois estas chegam a nós como um corpo

vivo, com forças que nos afetam, nos tocam, nos perturbam, através dos contos e das conversas que expõem uma produção coletiva. Por isso, esse estudo se compõe em um fazer com os diálogos, envolvendo os tensionamentos e as coproduções de sentidos.

Como pesquisadora, em conversa com Mozi, foi acordado que os encontros não seriam gravados para que os participantes não se sentissem inibidos. Portanto, ao final de cada encontro, a escrita de um diário se fez presente para movimentar, em forma de texto narrativo, uma produção de dados. Nele, o estudo começou a fluir à medida que fui construindo relatos que “não se baseiam em opiniões, interpretações ou análise objetivas, mas buscam, sobretudo, captar e descrever aquilo que se dá no plano intensivo das forças e dos afetos” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020, p. 70). Pontos levantados com o conto e que seguiram por linhas rígidas, ondulantes, emboladas, que se tocam, se afastam ou arrebatam para continuar por outros traçados. Uma multiplicidade de vozes que possibilitam novas formas de pensar, conectar e descentralizar. E neste diário foi dado espaço a várias vozes, coletivas e individuais, alternadas e múltiplas.

Com o tempo, no diário, mapas se produziram com as intensidades das impressões, com pensamentos gerados antes, durante e depois dos encontros, com enunciações ressoando em diferentes tempos e modos de tocar. Assim, não é possível separar o que escrevo em individual e coletivo, pois estive na intensidade dos encontros e as palavras presentes se tornam uma criação individual-coletiva. Um fluxo narrativo misturado com minhas impressões e as dos participantes, com movimentos interpretativos e afetivos dos encontros junto aos textos lidos, não se pautando em falas individuais, mas coletiva das afetividades. Assim, “há um coletivo se fazendo *com* a pesquisa, há uma pesquisa se fazendo *com* o coletivo. A produção dos dados é processual e a processualidade se prolonga no momento da análise do material, que se faz também no tempo, com o tempo, em sintonia com o coletivo” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020, p. 72-73).

Por isso, os relatos dos encontros seriam um efeito de agenciamentos das enunciações e sensações que atravessaram o grupo. Um seguir os agenciamentos na construção narrativa que favorece a produção de um mapa intensivo de cada encontro envolvendo conhecimentos que perpassam âmbitos, muitas vezes, de outra ordem e aprendizagem que é também experiência estética implicando em múltiplas, complexas e dinâmicas dimensões. Aqui sou apenas uma voz que faz ouvir as outras vozes do grupo através da escrita deste estudo, que se fez em movimentos atravessados no deslocar-me entre as páginas anotadas, compondo em argumentações, que seguem padrões acadêmicos, com reflexões sobre a produção de subjetividade em um grupo de leitura literária.

## 5 ENCONTROS E FIOS NARRATIVOS: RELAÇÕES NO TECER

### 5.1 Íntimo desconforto

No dia 6 de fevereiro começou o ciclo de encontros das Rodas Literárias quinzenais de 2024, com o conto “O crime do professor de matemática” de Clarice Lispector. Parte integrante de “Laços de família” (2009), livro em que Clarice apresenta experiências de personagens aprisionados na repetição. Enquanto as pessoas iam entrando na roda, Mozi dava boas-vindas e boa noite aos participantes. Descontração. Em meio às conversas sobre as rodas ela apresentava a programação dos encontros do primeiro semestre e as atividades paralelas e interligadas a esta, como a revista “Gira Palavra” que tem uma seção de textos escritos por participantes das rodas quinzenais. Ela incentivava assim aquele espaço a não ser só de leitura e conversas, mas também de escrita destas vozes leitoras.

Após tirar dúvidas sobre a participação nas atividades ofertadas no projeto, Mozi explica como gira a roda: ela compartilha o conto na tela, para que todos possam acompanhar a leitura; convida um participante a emprestar sua voz para a leitura em voz alta; e depois da leitura na íntegra, abre espaço para as conversas. Mozi coordena essas falas para que os que querem participar participem, assumindo ela um papel de interventora que às vezes fala alguma coisa, às vezes não. Pedido. Mesmo que a conversa verse sobre a obra, a autora e outros assuntos, tentemos focar no conto. A dinâmica é: assim que o(a) leitor(a) terminar de ler pode começar à conversa e quem quiser falar sobre o conto lido deve clicar no ícone que simboliza a mão levantada. Mozi vai chamando pela ordem de manifestação.

Observação. Os participantes foram informados que este encontro tinha a minha participação como pesquisadora da Universidade Federal de Viçosa. Expliquei rapidamente aos participantes o objetivo, a minha forma de participação e a escrita do diário de encontros que faria, pois o encontro não seria gravado.

Ao nos expor ao exterior estamos sujeitos a sermos atravessados por algo que nos toca. Lembrando que nem tudo o que nos passa nos afeta. Em alguns encontros as excitações podem ser momentâneas e não deixam marcas. Mas o convite que se faz nos encontros é de se abrir a novas experimentações, de pensar com o outro, assuntos que vão surgindo, e de pensar em si. Mesmo que a fala para o grupo seja breve e por um momento. Mesmo que haja retomada de alguma passagem já dita. Mesmo que as palavras escapem em outros tons. O que pretendo trazer aqui são algumas linhas de pensamentos nas relações, que traçaram um mapa nas

intensidades, mostrando que, assim como o encontro, a experiência de cada um é singular, tem seu tempo e pode trazer transformações nas relações e no modo de agir.

Inicia-se a leitura com todas as suas nuances.

...

Laços de família - Clarice Lispector  
**O crime do professor de matemática**

Quando o homem atingiu a colina mais alto, os sinos tocavam na cidade embaixo. Viam-se apenas os tetos irregulares das casas. Perto dele estava a única árvore da chapada. O homem estava de pé com um saco pesado na mão.

Olhou para baixo com olhos míopes. Os católicos entravam devagar e miúdos na igreja, e ele procurava ouvir as vozes esparsas das crianças espalhadas na praça. Mas apesar da limpidez da manhã os sons mal alcançavam o planalto. Via também o rio que de cima parecia imóvel, e pensou: é domingo. Viu ao longe a montanha mais alta com as escarpas secas. Não fazia frio, mas ele ajeitou o paletó agasalhando-se melhor. Afinal pousou com cuidado o saco no chão. Tirou os óculos talvez para respirar melhor porque, com os óculos na mão, respirou muito fundo. A claridade batia nas lentes que enviaram sinais agudos. Sem os óculos, seus olhos piscaram claros, quase jovens, familiares. Pôs de novo os óculos, tornou-se um senhor de meia-idade e pegou de novo no saco: pesava como se fosse de pedra, pensou. Forçou a vista para perceber a correnteza do rio, inclinou a cabeça para ouvir algum ruído: o rio estava parado e apenas o som mais duro de uma voz atingiu por um instante a altura - sim, ele estava bem só. O ar fresco era inóspito, ele que morara numa cidade mais quente. A única árvore da chapada balançava os ramos. Ele olhou-a. Ganhava tempo. Até que achou que não havia por que esperar mais.

E, no entanto, aguardava. Certamente os óculos o incomodavam porque de novo os tirou, respirou fundo e guardou-os no bolso.

Abriu então o saco, espiou um pouco. Depois meteu dentro a mão magra e foi puxando o cachorro morto. Todo ele se concentrava apenas na mão importante e ele mantinha os olhos profundamente fechados enquanto puxava. Quando os abriu, o ar estava ainda mais claro e os sinos alegres tocaram novamente chamando os fiéis para o consolo da punição.

O cachorro desconhecido estava à luz.

Então ele se pôs metodicamente a trabalhar. Pegou no cachorro duro e negro, depositou-o numa baixa do terreno. Mas, como se já tivesse feito muito, pôs os óculos, sentou-se ao lado do cão e começou a observar a paisagem.

Viu muito claramente, e com certa inutilidade, a chapada deserta. Mas observou com precisão que estando sentado já não enxergava a cidadezinha embaixo. Respirou de novo. Remexeu no saco e tirou a pá. E pensou no lugar que escolheria. Talvez embaixo da árvore. Surpreendeu-se refletindo que embaixo da árvore enterraria este cão. Mas se fosse o outro, o verdadeiro cão, enterrá-lo-ia na verdade onde ele próprio gostaria de ser sepultado se estivesse morto: no centro mesmo da chapada, a encarar de olhos vazios o sol. Então, já que o cão desconhecido substituía o “outro”, quis que ele, para maior perfeição do ato, recebesse precisamente o que o outro receberia. Não havia nenhuma confusão na cabeça do homem. Ele se entendia a si próprio com frieza, sem nenhum fio solto.

Em breve, por excesso de escrúpulo, estava ocupado demais em procurar determinar rigorosamente o meio da chapada. Não era fácil porque a única árvore se erguia num lado e, tendo-se como falso centro, dividia assimetricamente o planalto. Diante da dificuldade o homem concedeu: “não era necessário enterrar no centro, eu também enterraria o outro, digamos, bem onde eu estivesse neste mesmo instante em pé”. Porque se tratava de dar ao acontecimento a fatalidade do acaso, a marca de uma ocorrência exterior e evidente - no mesmo plano das crianças na praça e dos católicos entrando na igreja - tratava-se de tornar o fato ao máximo visível à superfície do mundo sob o céu. Tratava-se de expor e de expor um fato, e de não lhe permitir a forma íntima e impune de um pensamento.

À ideia de enterrar o cão onde estivesse nesse mesmo momento em pé - o homem recusou com uma agilidade que seu corpo pequeno e singularmente pesado não permitia. Porque lhe pareceu que sob os pés se desenhara o esboço da cova do cão.

Então ele começou a cavar ali mesmo com pá rítmica. Às vezes se interrompia para tirar e de novo botar os óculos. Suava penosamente. Não cavou muito, mas não porque quisesse poupar seu cansaço. Não cavou muito porque pensou lúcido: “se fosse para o verdadeiro cão, eu cavalaria pouco, enterrá-lo-ia bem à tona”. Ele achava que o cão à superfície da terra não perderia a sensibilidade.

Afinal largou a pá, pegou com delicadeza o cachorro desconhecido e pousou-o na cova.

Que cara estranha o cão tinha. Quando com um coque descobrira o cão morto numa esquina, a ideia de enterrá-lo tornara seu coração tão pesado e surpreendido, que ele nem sequer tivera olhos para aquele focinho duro e de baba seca. Era um cão estranho e objetivo.

O cão era um pouco mais alto que o buraco cavado e depois de coberto com um pouco de terra seria uma excrescência apenas sensível do planalto. Era assim precisamente que ele queria. Cobriu o cão com terra e aplainou-a com as mãos, sentindo com atenção e prazer sua

forma nas palmas como se o alisasse várias vezes. O cão era agora apenas uma aparência do terreno.

Então o homem se levantou, sacudiu a terra das mãos, e não olhou nenhuma vez mais a cova. Pensou com certo gosto: acho que fiz tudo. Deu um suspiro fundo, e um sorriso inocente de liberdade. Sim, fizera tudo. Seu crime fora punido e ele estava livre.

E agora ele podia pensar livremente no verdadeiro cão. Pôs-se então imediatamente a pensar no verdadeiro cão, o que ele evitara até agora. O verdadeiro cão que agora mesmo devia vagar perplexo pelas ruas do outro município, farejando aquela cidade onde ele não tinha mais dono.

Pôs-se então a pensar com dificuldade no verdadeiro cão como se tentasse pensar com dificuldade na sua verdadeira vida. O fato do cachorro estar distante na outra cidade dificultava a tarefa, embora a saudade o aproximasse da lembrança.

“Enquanto eu te fazia à minha imagem, tu me fazias à tua”, pensou então com auxílio da saudade. “Dei-te o nome de José para te dar um nome que te servisse ao mesmo tempo de alma. E tu - como saber jamais que nome me deste? Quanto me amaste mais do que te ameí”, refletiu curioso.

“Nós nos compreendíamos demais, tu com o nome humano que te dei, eu com o nome que me deste e que nunca pronunciaste senão com o olhar insistente”, pensou o homem sorrindo com carinho, livre agora de se lembrar à vontade.

“Lembro-me de ti quando eras pequeno”, pensou divertido, “tão pequeno, bonitinho e fraco, abanando o rabo, me olhando, e eu surpreendendo em ti uma nova forma de ter minha alma. Mas, desde então, já começavas a ser todos os dias um cachorro que se podia abandonar. Enquanto isso, nossas brincadeiras tornavam-se perigosas de tanta compreensão”, lembrou-se o homem satisfeito, “tu terminavas me mordendo e rosnando, eu terminava jogando um livro sobre ti e rindo. Mas que sabe o que já significava aquele meu riso sem vontade. Eras todos os dias um cão que se podia abandonar.”

“E como cheiravas as ruas!”, pensou o homem rindo um pouco, “na verdade não deixaste pedra por cheirar... Este era o teu lado infantil. Ou era o teu verdadeiro cumprimento de ser cão? e o resto apenas brincadeira de ser meu? Porque eras irredutível. E, abanando tranquilo o rabo, parecias rejeitar em silêncio o nome que eu te dera. Ah, sim, eras irredutível: eu não queria que comesses carne para que não ficasses feroz, mas pulaste um dia sobre a mesa e, entre os gritos felizes das crianças, agarraste a carne e, com uma ferocidade que não vem do que se come, me olhaste mudo e irredutível com a carne na boca. Porque, embora meu, nunca me cedeste nem um pouco de teu passado e de tua natureza. E, inquieto, eu começava a

compreender que não exigias de mim que eu cedesse nada da minha para te amar, e isso começava a me importunar. Era no ponto de realidade resistente das duas naturezas que esperavas que nos entendêssemos: Minha ferocidade e a tua não deveria se tocar por doçura: era isso o que pouco a pouco me ensinavas, e era isto também que estava se tornando pesado. Não me pedindo nada, me pedias demais. De ti mesmo, exigias que fosses um cão. De mim, exigias que eu fosse um homem. E eu, eu disfarçava como podia. Às vezes, sentado sobre as patas diante de mim, como me espiavas! Eu então olhava o teto, tossia, dissimulava, olhava as unhas. Mas nada te comovia: tu me espiavas. A quem irias contar? Finge - dizia-me eu -, finge depressa que és outro, dá a falsa entrevista, faz-lhe um afago, joga-lhe um osso - mas nada te distraía: tu me espias. tolo que eu era. eu fremia de horror, quando eras tu o inocente: que eu me virasse e de repente te mostrasse meu rosto verdadeiro, e eriçado, atingido, erguer-te-ias até a porta ferido para sempre. Oh, eras todos os dias um cão que se podia abandonar. Podia-se escolher. Mas tu, confiante, abanavas o rabo.”

“Às vezes, tocado pela tua acuidade, eu conseguia ver em ti a tua própria angústia. Não a angústia de ser cão que era a tua única forma possível. Mas a angústia de existir de um modo tão perfeito que se tornava uma alegria insuportável: davas então um pulo e vinhas lambe-meu rosto com amor inteiramente dado e certo perigo de ódio como se fosse eu quem, pela amizade, te houvesse revelado. Agora estou bem certo de que não fui eu quem teve um cão. Foste tu que tiveste uma pessoa.”

“Mas possuíste uma pessoa tão poderosa que podia escolher: e então te abandonou. Com alívio abandonou-te. Com alívio sim, pois exigias - com a incompreensão serena e simples de quem é um cão heroico - que eu fosse um homem. Abandonou-te com uma desculpa que todos em casa aprovaram: porque como poderia eu fazer uma viagem de mudança com bagagem e família, e ainda mais um cão, com a adaptação ao novo colégio e à nova cidade, e ainda mais um cão? ‘Que não cabe em parte alguma’, disse Marta prática. ‘Que incomodará os passageiros’, explicou minha sogra sem saber que previamente me justificava, e as crianças choraram, e eu não olhava nem para elas nem para ti, José. Mas só tu e eu sabemos que te abandonei porque eras a possibilidade constante do crime que eu nunca tinha cometido. A possibilidade de eu pecar o que, no disfarçado de meus olhos, já era pecado. Então pequei logo para ser logo culpado. E este crime substitui o crime maior que eu não teria coragem de cometer”, pensou o homem cada vez mais lúcido.

“Há tantas formas de ser culpado e de perder-se para sempre e de se trair e de não se enfrentar. Eu escolhi a de ferir um cão”, pensou o homem. “Porque eu sabia que esse seria um

crime menor e que ninguém vai para o Inferno por abandonar um cão que confiou num homem. Porque eu sabia que esse crime não era punível.”

Sentado na chapada, sua cabeça matemática estava fria e inteligente. Só agora ele parecia compreender, em toda sua gélida plenitude, que fizera com o cão algo realmente impune e para sempre. Pois ainda não havia inventado castigo para os grandes crimes disfarçados e para as profundas traições.

Um homem ainda conseguia ser mais esperto que o Juízo Final. Este crime ninguém o condenava. Nem a Igreja. “Todos são meus cúmplices, José. Eu teria que bater de porta em porta e mendigar que me acusassem e me punissem: todos me bateriam a porta com uma cara de repente endurecida. Este crime ninguém me condena. Nem tu, José, me condenarias. Pois bastaria, esta pessoa poderosa que sou, escolher de te chamar- e, do teu abandono nas ruas, num pulo me lambeiras a face com alegria e perdão. Eu te daria a outra face a beijar.”

O homem tirou os óculos, respirou, botou-os de novo.

Olhou a cova coberta. Onde ele enterrara um cão desconhecido em tributo ao cão abandonado, procurando enfim pagar a dívida que inquietamente ninguém lhe cobrava. Procurando punir-se com um ato de bondade e ficar livre de seu crime. Como alguém dá por causa do qual o outro não comeu o pão.

Mas como José, o cão abandonado, exigisse dele muito mais que a mentira; como se exigisse que ele, num último arranco, fosse homem - e como homem assumisse o seu crime - ele olhava a cova onde enterrara a sua fraqueza e sua condição.

E agora, mais matemático ainda, procurava um meio de não se ter punido. Ele não devia ser consolado. Procurava friamente um modo de destruir o falso enterro do cão desconhecido. Abaixou-se então, e, solene, calmo, com movimentos simples - desenterrou o cão. O cão escuro apareceu afinal inteiro, infamiliar com a terra nos cílios, os olhos abertos e cristalizados. E assim o professor de matemática renovara o seu crime para sempre. O homem então olhou para os lados e para o céu pedindo testemunho para o que fizera. E como se não bastasse ainda, começou a descer as escarpas em direção ao seio de sua família.

...

Como quem lê em voz alta tem a prioridade na fala, o participante leitor começou a conversa revelando que emoções sempre veem com as leituras que faz deste conto. Sensações que surgem com as palavras que atravessam e dizem muito mais do que está impresso. O timbre da voz performando em um tom dramático, marcando o tempo das pausas, foi se misturando a momentos de embargos e silêncios que potencializaram as palavras simples e precisas expressas por Clarice.

Todos e todas que falaram agradeceram e parabenizaram o participante leitor pela sua entrega. Essa leitura chegou a quem participava mostrando uma grandiosidade, uma sutileza na escolha dos personagens, em tudo que está escrito e no que não está. Os sons atravessaram os corpos presentes trazendo uma sequência de sinalizações para falas que, a partir das palavras expressadas e efetuadas a sensações, lembranças e outros pensamentos, mostravam a vontade de compartilhar com o grupo. Pois, mesmo sendo um texto aparentemente simples, narrado de uma forma sensível, algumas frases se sobressaem e perturbam uma suposta harmonia. Palavras reverberam, expandem em associações, provocam um pensar que nos toca em espaços íntimos, desconhecidos por nós mesmos, trazendo um não entendimento e um encontro consigo mais potencializado na relação com outras narrativas. Poderia dizer como pesquisadora que esse momento de palavras se relacionando de formas inusitadas conceitua uma experiência?

Segundo Jorge Larrosa,

talvez seja preciso pensar a experiência como o que não se pode conceituar, como o que escapa a qualquer conceito, a qualquer determinação, como o que resiste a qualquer conceito que trate de determiná-la... não como o que é e sim como o que acontece, não a partir de uma ontologia do ser e sim de uma lógica do acontecimento, a partir de um *logos* do acontecimento. (Larrosa, 2022, p. 43)

A experiência está no que nos passa quando palavras exteriores, independentes de nós e que não pertence ao lugar em que estamos, nos tocam; quando não sabemos nomear o que nos passa e ficamos inquietos; quando no sujeito da experiência as palavras de um conto são capazes de nos fazer formar nossas próprias palavras e aprender a pensar o que não pensávamos.

Dando continuidade à conversa, uma participante lembrou que, em alguns outros contos, Clarice traz a questão da culpa, da igreja, da religião e da punição. Neste conto entrevemos algumas passagens com traços marcantes que se conectam a esses temas. E destacou o fato de ser um professor de matemática, o que nos remete a uma identificação simbólica nas representações sociais que englobam aspectos como educador, antissocial, racional, inteligente, lógico, arrogante, objetivo, prepotente, excêntrico. Um personagem que, em algumas páginas, sofre e se pune tanto por seus atos.

Assim, neste começo de conversa, palavras vão sendo destacadas, sentidas e retomadas no processo de produção no encontro. E devo salientar também que neste encontro compareceram pessoas que estavam pela primeira vez na Roda Literária. Entre elas, uma participante que ressaltou já conhecer outros contos de Clarice, mas que não havia lido este conto. Com essa primeira leitura ela foi tendo alguns estranhamentos e anotou alguns apontamentos que compartilhou com o grupo. Em comentários curtos, a participante indicou

elementos presentes no texto que lhe chamaram atenção. A questão da religião foi comentada de forma breve, pois já havia sido citada pela participante anterior. Os óculos aparecem no início e no fim do texto. No título há um professor de matemática, mas quem é o professor? E percebemos que o professor é o homem. O que tinha no saco? Logo é revelado um cão negro e duro e entendemos que ele estava morto. Um cão encontrado morto e que o homem usou para fazer um tributo ao cão abandonado, ao verdadeiro cão. Frisa-se a expressão “verdadeiro cão”, repetida seguidamente três vezes no texto. Um cão que se chama José, mas o homem não tem nome. A família. A Marta prática. No desenvolvimento da história, quando é narrado o motivo do abandono e as crianças choram, isso a toca, pois ela tem um cachorro. Isso transpassa em outros participantes que também têm ou tiveram um animal de estimação. O professor de matemática. Ele calcula todo um trajeto, desde quando encontra o cão morto, o coloca no saco e vai para o meio de uma chapada para enterrá-lo. Temos o desenvolvimento de suas reflexões e relato de seu crime.

E aqui temos Clarice, expressou uma participante, uma autora que cose para dentro. Leva sua agulha, delicadamente, a um ponto sensível de forma precisa. Ela alinhava as palavras “abandono” e “culpa” em frases perturbadoras, sem floreios, mas necessárias na condução de pensamentos. Além disso, ela nos coloca em uma cena dramática, com camadas que se expõem na discussão do ser. O cão morto expôs à visão a culpa pelo abandono de José. Da colina o homem olha para baixo com olhos míopes. Talvez indiferente ao que está distante. Talvez um modo frio de ver o mundo. Ou uma forma cômoda de não ver as coisas como elas são. Ao tirar e colocar os óculos, o que ele não queria ver naquele momento? - indaga. Algo que era visto por José? – provoca. Interrogações que pairam no ambiente.

Algumas linhas do texto ecoaram em dizeres marcantes em torno do homem, que pode representar qualquer ser humano com conflitos internos, que se distancia da civilização, se isola em um descampado com suas memórias e pensamentos, para retirar seus óculos e entrever-se. Mas essa atitude não surge de um plano meticuloso. Lembramos que no conto, em um momento de rotina, o homem se vê diante de um cão morto e há uma epifania, uma inesperada lembrança de uma culpa que não foi punida. O incômodo causado pelo abandono atravessa o personagem e faz uma participante dizer que esse homem pode ser um pai, uma mãe, tio, vizinho... alguém próximo a nós, que na nossa infância, um dia deixou um cão na estrada comendo poeira ou morto. Essa visão choca. É muito triste!

Alguns ressaltaram que quando Clarice escreveu esse texto provavelmente não era ilegal abandonar animais, mas atualmente, mesmo existindo uma lei, ainda há casos de abandono. E indagações foram sendo feitas. Será que essa pessoa que abandona é insensível? Cruel? Mas

como? Se esta pessoa também é amorosa, atenciosa, cuidadora. E vê-se aqui a ambiguidade na natureza humana. Apesar do amor, abandonou. Apesar de atencioso, fez. Apesar do cuidado, fugiu. Respiro.

Em falas curtas e trançadas, alguns participantes trouxeram o assunto do enlaçamento do homem com o cão verdadeiro que mostra uma tentativa de dar uma outra natureza ao cão. Elas se entrecruzam nesta escrita. Ao nomeá-lo como José, o homem, que não tem nome próprio, tenta refletir uma natureza humana, portanto ambígua, sobre o cão. Assim, o homem, ao repetir que “era um cão que podia ser abandonado” tentava lidar com um dualismo, mas vê que o cão tinha a natureza de um cão, uma natureza indomável, que não se deixava dominar para ser outra coisa além do que era. Atitudes de cão que mostram ao homem que ele está fugindo de si. Então, a culpa que sente não é do abandono do cão, mas de um abandono de si, de se assumir um ser humano desconhecido de si mesmo que pode ter relação com suas emoções e sentimentos inesperados e não ser o que ele estava sendo, ou seja, um pragmático. Uma luta contra a culpa sobre sua sensibilidade. Um olhar para nós mesmos.

Será que a ambiguidade não apareceu porque ele estava diante da inocência do cão? Uma participante levantou essa questão e expôs seus pensamentos. Quando lidamos com pessoas adultas temos desconfianças, nem tudo é recebido como se fosse totalmente sincero. Mas o cão não. Ele olha para o dono e se entrega totalmente por não ter desconfiança. E diante dessa ingenuidade o homem percebe o que ele é capaz de fazer, de abandonar, mas pode escolher uma outra ação. O que remete também a atitudes diante de crianças. Você deixaria uma criança sozinha com um adulto desconhecido? Às vezes o adulto não demonstra nenhuma malícia, mas diante da inocência que se entrega, não desconfia e não sabe do que o outro é capaz, sentimos inseguros por saber coisas do comportamento humano. Apreensão. Desconforto. Sensações e pensamentos passam e provocam.

Ao sentir as palavras ditas, uma participante perguntou: Será que o homem se sentia mal por não conseguir retribuir o cão? Pausa. E sensivelmente externou que José o perdoaria se ele o encontrasse na rua e o chamasse. Mesmo sendo abandonado, o cão lambria seu rosto e iria abanar sua cauda em sinal de felicidade. E, extrapolando novamente o texto, podemos pensar o cão como a representação de um idoso abandonado em um asilo. Não que um asilo seja um local ruim, às vezes é uma solução. O que incomoda é o abandono. Assim como abandonar uma criança com o distanciamento de um dos pais ou não ter o reconhecimento de paternidade na certidão de nascimento. Ou associar esse cão a uma esposa abandonada que perdoa o marido por sua infidelidade, pois a transgressão masculina é facilmente tolerada.

Então, como sanar a culpa? Praticando o bem sem olhar a quem. Uma resposta dada, repetitiva. E, nesse caso, o homem enterra um cão desconhecido intencionando se redimir. Mas um cão não substitui o outro. Isso não foi suficiente, pois parecia que o que ele queria mesmo era uma punição para se libertar. Uma atitude comum no catolicismo, alguém recordou. E, não por acaso, o/a narrador/a cita os sinos tocando e católicos entrando na igreja no domingo. Ele/Ela espeta as práticas de confissão, de rezar inúmeras ladainhas, fazer penitências, entre outras, que representam uma expiação. O assunto religião católica permeia a conversa, mas o que surge com ênfase são comentários sobre o comportamento do homem e seu desassossego.

Uma participante trouxe destaque para os dois nomes que temos no texto, José e Marta. Nomes bíblicos que nos fazem lembrar a culpa cristã, que atravessa todo o texto. José, tido como um homem normal, e Marta, uma mulher que acompanhou Jesus no calvário. A este respeito, alguns disseram que o homem está em seu calvário, com seus pensamentos sobre sua ambivalência nas questões do existir e tentando resolver este impasse. Também surgiram associações entre a cena no calvário, local da crucificação de Jesus e a escolha por um lugar mais alto, onde não se vê com clareza o que está abaixo pois o homem é um ser superior. Mas seu conflito com o cão, um ser inferior, é seu suplício visto que mesmo o cão estando morto ainda está vivo.

Outros disseram, que o cão é uma representação do diabo que se transveste de meiguice para enganar os ímpios, os culpados, os pecadores. E, em meio a essas associações, as falas enlaçam as testemunhas. Alguém assiste à cena na colina? Não há ninguém ao seu lado. Os homens não condenam seu crime. Não há ninguém acima. A igreja não condena seu crime. Ali só está um homem. Um ser humano com sua complexidade e semelhante a outros.

Encaminhando para o final do encontro, uma pessoa retoma o título e uma pequena análise é feita sobre o conto. Clarice expõe uma infração às regras imbuída de culpabilidade, um crime, cometido por um professor de matemática. O conto é narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente e é deflagrado com um personagem calculista diante da vida, que se encontra em um espaço isolado e opaco. Como o conto começa no meio de uma ação, o leitor ou a leitora, em uma situação de desarranjo, quer tentar entender o que aconteceu antes.

Alguns participantes associaram a obra de Clarice a doses homeopáticas, que ressaltam situações e temas presentes na vida cotidiana, de forma tocante, impactante e que traz uma sensação de estranhamento. Outros disseram que Clarice é uma autora hermética, pois o entendimento de seus textos é uma questão difícil. Sobre isso, Clarice Lispector dizia em suas entrevistas, que a questão do entendimento de seus textos não passa apenas pela racionalidade, mas que o entendimento sobre as coisas do mundo passa também por outros sentidos.

Outros integrantes complementam que é interessante, nos textos de Clarice, a característica de falar de sentimentos sem nomeá-los, deles serem implícitos sendo explícitos. Às vezes temos dificuldade de traduzir emoções em sentimentos e a autora faz o caminho contrário. Ela fala por sensações usando imagens, nos captura em uma cena e dali começamos a interpretar os possíveis sentimentos. Isso nos afeta. Quando percebemos um sentimento marcante, todo o entorno fica menor, ficamos alheios ao mundo exterior. E, o que Lispector fez com o personagem, ressoa em alguns leitores que se voltaram para um problema particular de perdão e culpa, como relataram os presentes, se sentindo mal com a leitura, mas começando a compreender a complexidade em sua situação. O convite para pensar também em si provoca mudanças nas associações.

O fato de termos tido um conto de Clarice Lispector como norteador para o encontro, fez com que estivessem presentes 50 pessoas entre entusiastas da escritora, quanto indivíduos atraídos pelos efeitos de sua escrita e curiosos em conhecer as Rodas Literárias. Muitos passaram todo o encontro fechados em suas janelas, sem nenhuma interação com o grupo. Talvez só observando? Talvez questionando e respondendo indagações em seus monólogos? Não sabemos. Mas muitas destas janelas ficaram até o fim do encontro.

O que posso dizer sobre este encontro? Foi tocante. Várias pessoas reunidas para conversar sobre um texto de uma autora considerada emblemática e que trouxe outros pensamentos e sensações. Saímos do encontro da mesma forma como quando nos encontramos com um texto de Clarice? Deslocamos entre agenciamentos com palavras que se repetem, se relacionam, se aproximam, se repelem e nos trazem sensações múltiplas. Estar participando de encontros, na intensidade das enunciações, dos olhares, dos gestos, das pausas, das aberturas para a escuta e acolhimento do que passa pelo coletivo e em nós faz com que as relações se potencializem em nosso viver.

## 5.2 Relações conflitantes

Conversas aleatórias abrem o encontro enquanto os participantes vão chegando. Boa noite, acolhimento e localização de quem chega pela primeira vez. Como de costume, Mozi vai fazendo a apresentação da Roda Literária e explicando a curadoria que ela faz para a escolha da prosa a ser lida. E, neste encontro, o texto escolhido está no livro de contos de James Joyce, *Dublinenses* (2012). Observação. Mesmo que na conversa possam aparecer citações de outros

textos de Joyce, devemos lembrar que no encontro os comentários giram em torno do conto “Um caso doloroso” e tentamos nos ater a isso.

Repetindo um comportamento que tem na abertura dos encontros, Mozi apresenta a dinâmica e convida, desta vez, dois participantes para a leitura oral do conto pois a narrativa é entrecortada por um texto informativo. Dentre os 25 presentes nesse encontro, duas pessoas se voluntariam para fazerem a leitura.

Após compartilhamento na tela o texto escrito para que todos possam acompanhar, inicia-se a leitura.

...

Dublinenses - James Joyce

### **Um caso doloroso**

O senhor James Duffy morava em Chapelizold porque desejava viver o mais afastado possível da cidade a que pertencia e porque julgava os outros bairros de Dublin vulgares, modernos e pretensiosos. Morava numa casa velha e sombria. De sua janela, podia ver a destilaria abandonada e, mais adiante, o rio pouco profundo em cujas margens ergue-se Dublin. As paredes de seu quarto eram altas e nuas e o chão, desprovido de tapete. Ele próprio escolhera os móveis: uma cama negra de ferro, um lavatório de ferro, quatro cadeiras de vime, um cabide para roupas, uma caixa de metal para carvão, um aparador de lareira com os atizadores e uma estante com prateleira de madeira branca. As cobertas de seu leito eram brancas e um babado preto e vermelho cobria os pés da cama. Um pequeno espelho pendia sobre o lavatório e, durante o dia, o abajur branco era o único enfeite na lareira. Os livros nas prateleiras brancas estavam arrumados de acordo com o tamanho: as obras completas de Wordsworth ocupavam uma das pontas da prateleira mais baixa e um exemplar do *Maynooth Catechism*, dentro da capa de pano de um livro de notas, completava a divisão mais alta. apetrechos para a escrita encontravam-se sempre sobre a mesa, onde havia também uma tradução manuscrita do *Michael Kramer* de Hauptmann, onde as indicações de cena estavam escritas em tinta roxa, e havia um pequeno maço de papel seguro por um prendedor de cobre. De tempo em tempo, uma frase era inscrita nessas folhas, na primeira das quais, num momento de ironia, fora colado um anúncio de pílula para o fígado. Ao se abrir a escrivadinha, uma suave fragrância escapava: o cheiro de lápis de cedro novos, de um vidro de goma-arábica ou de uma maçã muito madura esquecida ali.

Duffy detestava tudo o que lembrasse desordem física ou mental. Um médico da Idade Média o classificaria como saturnino. Seu rosto, que trazia as marcas de todos os seus anos,

tinha a mesma cor escura das ruas de Dublin. Em sua cabeça, larga e comprida, crescia um cabelo seco e negro e os bigodes de tom castanho não chegavam a dissimular a expressão hostil de sua boca. As maçãs do rosto também lhe davam uma aparência dura, mas não havia aspereza em seus olhos que, contemplando o mundo debaixo de sobrelanceiras também castanhas, sugeriam tratar-se de um homem sempre pronto a descobrir nos outros qualidades redentoras, mas que geralmente se decepcionava. Vivia a pequena distância de seu corpo, observando os próprios atos com olhares furtivos e desconfiados. Tinha estranha mania autobiográfica que o levava, de quando em quando, a compor mentalmente uma curta sentença a respeito de si mesmo, colocando o verbo no passado e o sujeito na terceira pessoa. Nunca dava esmolas e caminhava com passos firmes, tendo sempre na mão uma rija bengala.

Era, há muitos anos, caixa de um banco particular na rua Baggot. Toda manhã ia de bonde até a cidade. Ao meio-dia, lançava no Dan Burke's: uma garrafa de cerveja e um pratinho de biscoitos de araruta. Às quatro da tarde deixava o trabalho. Jantava num restaurante da rua George, onde se sentia livre da juventude dourada de Dublin e onde havia algumas escolhas honestas no cardápio. Passava as noites diante do piano da senhoria ou perambulando nos arredores da cidade. A admiração pela música de Mozart levava-o algumas vezes à ópera ou a um concerto. Eram estas as únicas dissipações de sua existência.

Não tinha amigos, nem companheiros, nem igreja, nem credo. Vivia espiritualmente isolado de todos, visitando os parentes no Natal e acompanhando-os ao cemitério quando morriam. Cumpria esses dois deveres sociais em respeito à tradição, nada mais concedendo às convenções que regem a vida do cidadão. Permitia-se pensar que, em determinadas circunstâncias, roubaria o banco em que trabalhava, mas como tais circunstâncias jamais se apresentavam, sua vida transcorria monótona: uma história sem aventuras.

Certa noite, viu-se sentado junto a duas mulheres no Rotunda. A sala silenciosa e quase vazia era um triste presságio de fracasso. A mulher a seu lado percorreu com um olhar a sala deserta e comentou:

- Que pena haver tão pouca gente esta noite! É tão desagradável cantar para cadeiras vazias.

Ele tomou a observação como um convite para conversar. Surpreendia-o o fato de ela parecer tão pouco embaraçada. Enquanto conversavam, tentou gravar na memória o rosto da mulher. Ao saber que era sua filha a jovem que a acompanhava, Duffy concluiu que a mulher teria um ano ou dois menos do que ele. Seu rosto, que devia ter sido belo, conservara-se inteligente. Era um rosto oval com traços fortemente marcados. Os olhos eram de um azul muito profundo e resolutos. Seu olhar começava com uma nota de desafio, mas abrandava-se no que

parecia um deliberado desfalecer da pupila na íris, revelando, por um instante, um temperamento de grande sensibilidade. A pupila recompunha-se rapidamente e aquela natureza, apenas revelada, recolhia-se de novo ao reino da prudência. O casaco de astracã, modelando amplo regaço, tornava mais acentuado seu ar de desafio.

Encontrou-se pela segunda vez, semanas depois, num concerto no Earlsfort Terrace e apresentou os movimentos em que a atenção da filha se desviava para aumentar a intimidade. Ela referiu-se algumas vezes ao marido, mas não em tom que sugerisse uma advertência. Chamava-se Emily Sinico. O bisavô dele viera de Leghorn. O marido era capitão de um navio mercante que fazia a linha ente Dublin e a Holanda. Tinham apenas uma filha.

Ao deparar com ela pela terceira vez, por acaso, conseguiu reunir coragem para marcar novo encontro. Ela veio. Foi o primeiro de uma longa série de colóquios. Viam-se quase sempre à noite e escolhiam os bairros mais sossegados para os seus passeios. Duffy, contudo, não gostava de coisas clandestinas e, vendo que eram obrigados a conversar furtivamente, forçou-a a convidá-lo para ir à sua casa. Pensando tratar-se da mãe de sua filha, o capitão Sinico encorajou-lhe as visitas. Tão sumariamente dispensara a esposa da galeria de seus prazeres que não imaginava que alguém pudesse se interessar por ela. Como o marido geralmente estava fora e a filha saía para aulas de música, Duffy teve muitas oportunidades de ficar a sós com ela. Nenhum deles tivera aventura semelhante e não viam nela qualquer inconveniência. Pouco a pouco seus pensamentos se enredaram aos dela. Empréstava-lhe livros, abastecia-a de ideias, partilhava com ela sua vida espiritual. Ela era toda ouvidos.

Às vezes, em troca de suas teorias, a senhora Sinico revelava fatos de sua vida íntima. Com solicitude quase maternal, exortava-o a dar completa vazão à sua natureza. Tornara-se a confessora de Duffy. Este contou-lhe que durante certo tempo frequentara reuniões do Partido Socialista Irlandês, nas quais se sentira como um corpo estranho entre uma vintena de circunspectos operários, reunidos num sótão sob a luz precária de um lampião a óleo. Quando o partido se dividiu em três facções, cada qual ficou com seu líder e seu sótão. As teses dos operários, disse ele, eram tímidas demais e exagerado o interesse que mostravam pela questão dos salários. Percebera que eram realistas inflexíveis e que lhes faltava o rigor de pensamento resultante de um ócio fora do alcance deles. Por alguns séculos ainda, acrescentou, nenhuma revolução social perduraria Dublin.

Ela perguntou-lhe por que não escrevia seus pensamentos. Para quê, respondeu Duffy, com desprezo cauteloso. Para competir com fazedores de frases, incapazes de pensar com coerência durante sessenta segundos? Para submeter-se às críticas de uma classe média estúpida, que entrega a sua moral aos cuidados da polícia e sua arte aos empresários?

Iam com frequência à pequena casa de campo que a senhora Sinico possuía nos arredores de Dublin e nela passaram sozinhos muitas noites. Pouco a pouco, à medida que seus pensamentos se entrelaçavam, começaram a tratar de assuntos menos genéricos. A companhia dela era como o solo tópico para uma planta exótica. Muitas vezes ela evitava acender a luz, deixando que a noite os envolvesse. A sala escura e discreta, o isolamento, a música ainda a vibrar em seus ouvidos unia-os. Essa união exaltava-o, abrandava as rudes arestas de seu temperamento, inoculava emoções em sua vida espiritual. Às vezes ele surpreendia-se ouvindo o som da própria voz. Julgava elevar-se a uma estatura angelical aos olhos dela e à medida que se acercava, mais e mais, da natureza ardente de sua companheira, ouvia a estranha voz impessoal (que reconhecia como dele mesmo) insistir na irremediável solidão da alma. Não podemos nos dar - dizia a voz -, somos de nós mesmos. Os encontros terminaram quando, numa noite em que dera mostras de inusitada agitação, a senhora Sinico agarrou-lhe apaixonadamente a mão e apertou-a contra o rosto.

Duffy ficou muito espantado. A interpretação que ela dava às suas palavras deixavam-no desiludido. Evitou vê-la durante uma semana e depois escreveu convidando-a para um encontro. Como não queria que aquele último diálogo fosse perturbado pela influência da arruinada intimidade, escolheu uma pequena confeitaria próxima à Parkgate. Era outono e fazia muito frio, mas a despeito disso vagueavam quase três horas pelas aleias do parque. Concordaram em romper relações. Todo vínculo, disse ele, é um vínculo para o sofrimento. Deixando o parque, caminharam em silêncio até o ponto de bonde, mas ao chegarem ali ela começou a tremer tanto que Duffy, tremendo nova crise, despediu-se e retirou-se às pressas. Dias mais tarde, recebeu um pacote contendo seus livros e suas músicas.

Quatro anos se passaram. Duffy retornara à vida monótona de sempre. O quarto testemunhava ainda o caráter metódico do seu espírito. Algumas partituras novas ocupavam a parte mais baixa da estante de músicas e entre os livros havia dois volumes de Nietzsche: *Assim falou Zaratustra* e *A gaia ciência*. Ele raramente escrevia nas folhas de papel que estavam sobre a escrivaninha. Uma frase, anotada dois meses após o último encontro com a senhora Sinico, dizia: “O amor entre dois homens é impossível porque não deve haver relação sexual e a amizade entre homem e mulher é impossível porque é preciso haver relação sexual.” Evitava ir a concertos para não encontrá-la. Seu pai morrera; o sócio mais novo retirara-se do banco. Continuava indo toda manhã de bonde para a cidade e voltava toda noite para casa, após sóbria refeição na rua George, fazendo da leitura do jornal a sua sobremesa.

Certa noite, ao levar à boca um pedaço de bife com repolho, sua mão imobilizou-se. Tinha os olhos fixos num parágrafo do jornal que apoiara na garrafa d’água. Repôs o pedaço

de carne no prato e leu atentamente o parágrafo. Em seguida bebeu um copo d'água, afastou o prato, estendeu o jornal sobre a mesa e releu o trecho muitas e muitas vezes. Filete de gordura fria e branca escorriam do repolho em seu prato. A garçonete perguntou-lhe se o jantar não estava bom. Ele respondeu que tudo estava bem e ingeriu alguns bocados com dificuldade. Pagou a conta e saiu.

Com passos rápidos avançou através do crepúsculo de novembro, batendo cadenciadamente a bengala no pavimento, a ponta amarela do *Mail* sobressaindo do bolso de sua apertada jaqueta. Na erma estrada que vai de Parkgate a Chapelizold, diminuiu a marcha. A bengala tocava o chão com menos força. Seus hálito ofegante, esperado quase com um silvo, condensava-se no ar gélido. Chegando em casa, subiu direto para o quarto e, tirando o jornal do bolso, releu a notícia à luz desfalecente da janela. Leu em silêncio, movendo, porém os lábios como um padre a murmurar as preces do breviário. O parágrafo estava assim redigido:

#### MORTE DE UMA MULHER NA ESTAÇÃO SIDNEY UM CASO DOLOROSO

Hoje, no Hospital Municipal, o juiz de instrução adjunto (na ausência do senhor Leverett) procedeu ao exame do corpo da senhora Emily Sinico, 43 anos de idade, morta na estação Sidney na noite de ontem. As evidências indicam que a vítima, ao tentar transpor as linhas, foi atirada ao chão pela locomotiva do subúrbio que sai às dez horas de Kingstown, recebendo ferimentos na cabeça e no lado direito do corpo que lhe causaram a morte.

James Lennon, maquinista da locomotiva, declarou ser empregado da Companhia há 15 anos. Ao ouvir o apito do chefe de trem, pôs a máquina em movimento e, segundos depois, brecou-a ao escutar altos gritos. O trem ia devagar.

P. Dunne, carregador, afirmou que, quando o trem ia partir, viu uma mulher tentando cruzar as linhas. Correu em sua direção mas, antes que pudesse alcançá-la, ela foi apanhada pela máquina e atirada ao solo.

*Um jurado: Viu a mulher cair?*

*A testemunha: Sim.*

O sargento de polícia Croly depôs que encontrou a vítima estendida na plataforma, aparentemente morta. Mandou levarem o corpo para a sala de espera e aguardou a chegada da ambulância.

O guarda 57 confirmou essa declaração.

Doutor Halpin, cirurgião-assistente do Hospital Municipal, declarou que a vítima teve duas costelas fraturadas e sofreu sérias contusões no ombro direito. O lado direito da cabeça também tinha ferido na queda. Os ferimentos não eram de ordem a causar a morte de uma pessoa normal. Em sua opinião, a morte provavelmente se deveu a um colapso cardíaco, provocado pelo choque.

H. B. Patterson Finlay, em nome da estrada de ferro, expressou profundo pesar pelo acidente. A companhia sempre tomou todas as precauções para evitar que as pessoas cruzem as linhas a não ser pelas pontes, não só colocando avisos em todas as estações como utilizando porteiros levadiças, de modelo patenteado, nas passagens de nível. A vítima tinha o costume de atravessar as linhas, tarde da noite, de plataforma a plataforma e, em vista das circunstâncias, ele não acredita que os empregados possam ser inculcados pelo ocorrido.

Capitão Sinico, de Leoville, estação Sidney, marido da vítima, também prestou depoimento. Declarou que a vítima era sua esposa. Não se encontrava em Dublin, no momento do acidente, pois chegaria de Roterdã só na manhã do dia seguinte. Estavam casados há 22 anos e viviam muito felizes até dois anos atrás, quando a mulher começara a se descontrolar.

A senhora Mary Sinico disse que ultimamente sua mãe costumava sair tarde da noite para comprar bebida. Ela, a testemunha, tentara muitas vezes aconselhá-la, tendo conseguido que ela se associasse a uma Liga Antialcoólica. Também não estava em casa na hora do acidente.

O júri proferiu o veredicto de acordo com o laudo médico e isentou Lennon de toda a culpa.

O juiz de instrução adjunto declarou que se tratava de um caso doloroso, e expressou seu grande pesar ao capitão Sinico e à sua filha. Exortou também a companhia a tomar enérgicas providências, a fim de evitar a repetição de tais acidentes. Ninguém foi responsabilizado.

Duffy ergueu os olhos do jornal e fitou através da janela a melancólica paisagem noturna. O rio corria tranquilo ao lado da destilaria deserta e, de quando em quando, uma luz se acendia numa casa da estrada Lucan. Que fim! Causava-lhe repugnância a descrição daquela morte e ele se indignava ao pensar que revelara àquela mulher seus sentimentos mais sagrados. As frases surradas, as falsas demonstrações de pesar, as palavras do repórter subordinado para ocultar os detalhes de uma morte vulgar revolviavam-lhe o estômago. Não aviltara apenas a si mesma: ele, Duffy, também fora aviltado. Visualizou o sórdido caminho de seu vício desprezível. Sua alma gêmea! Pensou nas infelizes que encontrara cambaleando pela rua, garrafa na mão, a caminho de um bar. Por Deus, que fim! Era sem dúvida uma mulher

despreparada para a vida, sem a mínima força de vontade, presa fácil dos vícios; uma dessas ruínas sobre as quais tem sido edificada a civilização. Mas descer tanto! Era possível ter se enganado de forma tão extrema a respeito dela? Recordou-se de seu descontrole naquela noite e o julgamento foi ainda mais implacável. Já não sentia o menor remorso pela decisão que havia tomado.

Quando a luz se extinguiu e a memória começou a divagar, teve a impressão de que a mão dela tocara na sua. O choque, que a princípio pertubara-lhe o estômago, começava a afetar-lhe os nervos. Vestiu apressadamente o casaco, pôs o chapéu e saiu para a rua. O ar gélido esperava-o na soleira da porta e insinuou-se por debaixo de suas mangas. Chegando a um bar perto da ponte de Chapelizold, entrou e pediu um ponche quente.

O dono do bar serviu-o com muita atenção, mas não se aventurou a conversar. Alguns operários discutiam o valor das terras de um rico do condado de Kildare. Fumavam e bebiam em enormes canecas, cuspidando seguidamente no chão. Com a ponta das botas, cobriam de serragem suas cuspidas. Sentado numa banquetta, Duffy olhava-os sem ver nem ouvir. Passado algum tempo os homens retiraram-se e ele pediu outro ponche. Demorou para tomá-lo. O bar estava bastante silencioso. O dono debruçar-se no balcão e lia o *Herald*, bocejando. De quando em quando, um bonde passava sibilando na estrada deserta.

Sentado ali, recordando sua convivência com ela e evocando, alternadamente, as duas imagens em que a concebia, compreendeu que estava morta, que cessara de existir, que se tornara uma recordação. começou a sentir-se mal. que outra atitude poderia ter tomado? Seria incapaz de levar adiante uma comédia: não poderia viver com ela ostensivamente. Fizera o que julgara melhor. Que culpa tinha ele? Agora que estava morta, imaginava a solidão em que ela devia ter vivido, sem ninguém naquela sala, noite após noite. Também para ele estava reservada a solidão: até o dia em que morresse, em que também deixasse de existir e se tornasse uma recordação, se é que alguém dele se lembraria.

Era mais de nove horas quando saiu do bar. A noite estava escura e fria. Entrou no parque pelo primeiro portão e vagueou sob as árvores desfolhadas. Percorreu as aleias desertas em que haviam caminhado quatro anos antes. Parecia que ela caminhava ao seu lado na escuridão. Tinha a impressão de que a voz dela roçava seu ouvido e que suas mãos se tocavam. Parou de ouvir. Por que lhe recusara a vida? Por que a condenara à morte? Sentia seu mundo moral desmoronar. Alcançando o topo de Magazine Hill, parou e olhou ao longo do rio em direção a Dublin, cujas luzes avermelhadas tremeluziam acolhedoramente na noite gélida. Olhou para a base da encosta e, na sombra do muro do parque, divisou algumas figuras humanas deitadas. A visão daqueles amores furtivos e venais encheram-no de desespero. Exasperou-se

com retidão de sua conduta. Sentia-se banido da festa da vida. Um ser humano talvez o tivesse amado e ele lhe negara vida e felicidade: condenara-o à ignorância, à morte vergonhosa. Sabia que as criaturas prostradas lá embaixo o observavam e queriam que fosse embora. Ninguém o desejava; fora banido da festa da vida. Voltou os olhos para o rio cinzento e cintilante, que serpenteava em direção a Dublin. Na margem oposta, um trem de carga deixava a estação de Kingsbridge, serpenteando nas trevas como um verme flamejante, obstinada, laboriosamente. O trem perdeu-se de vista lentamente, mas ele ainda ouvia o nome dela no tenaz resfolegar da locomotiva.

Retornou pelo mesmo caminho, o ritmo da máquina martelando em seus ouvidos. Começou a duvidar do que a memória lhe dizia. Parou sob uma árvore e esperou que aquele ritmo se extinguisse. Já não sentia a presença dela na escuridão, nem sua voz roçando-lhe os ouvidos. Esperou alguns minutos, atento: nada. A noite estava em completo silêncio. Esperou um pouco mais: silêncio total. Sentiu que estava só.

...

Como sempre o/a participante leitor/a tem a preferência de fala para abrir a conversa. Sendo assim, um deles começou pontuando que esse texto aborda a solidão, a despedida e como lidamos com esses assuntos. Temos a figura melancólica de Duffy que não desiste da vida, mas está a uma certa distância de tudo, em contraponto à Senhora Sinico, apaixonada, que espera por reciprocidade. E a passagem do toque nas mãos é lembrada para exemplificar esse limite que Duffy coloca na entrega que não é mútua. Além disso, a música também é importante para Duffy pois ela traz vida a ele. É a música que vai unir os personagens, visto que o primeiro encontro deles acontece em uma apresentação musical. Mas a alma de Duffy está direcionada ao sofrimento, mesmo que o amor e a alegria apareçam para ele.

Esta síntese que destaca algumas passagens marcantes no conto abre caminho para outros trajetos como o destaque à notícia de jornal. Frieza. Um texto rasga outro que está em movimento dando uma pausa na ebulição que está acontecendo. Podemos supor que o personagem falaria da notícia de forma amorosa e dolorida. “Meu Deus, perdi o amor da minha vida!” Mas não. Isso não acontece. No entanto notamos que há uma pergunta que não está explícita no texto, mas é dita por uma participante: “Eu me associei a essa pessoa?” Mesmo tentando desvencilhar do incômodo que sente, Duffy vai para o bar que a senhora Sinico frequentava e podemos ver um vislumbre de humanidade nele, mas não exatamente. Ao caminhar pela rua ele quase escuta a voz dela, quase sente seu toque. Em sua interpretação, uma participante diz que o trem que passa, ferramenta de morte da senhora Sinico, faz com que

Duffy não sinta mais nada. Ele volta para sua vida vazia, racional e repetitiva que aparece no início do conto.

Retomando o primeiro parágrafo do texto, um participante refletiu acerca da relação entre a cidade de Dublin e o cenário do conto. Mesmo que o local em que Duffy viva seja um bairro da cidade, ele está à margem, se isolando. Talvez tentando se afastar da modernidade? Pois ele busca por um estilo de vida no qual associa a uma forma correta, que remete a ele lembranças do passado. Nostalgia. Preservação. Podemos pensar que a cidade está longe, ao fundo deste cenário, mas o narrador a traz para dentro da narrativa, para interagir com a história. Diferentemente de outros contos que já lemos, neste conto o espaço em que a narrativa acontece é determinante ou pelo menos conjuga-se à personalidade do protagonista. E isso chamou atenção de um participante que falou sobre a menção à Zaratustra, livro de Nietzsche em que o protagonista vive afastado da sociedade, se sente superior a seus contemporâneos e tem uma vida de isolamento. Ele não citou esse livro em vão. As formas expressas neste conto não estão ali por um acaso.

Assim a conversa começou a versar sobre a solidão. Como é difícil para um solitário se desvencilhar da solidão. As escolhas dele. A própria cidade favorecendo o isolamento. E no momento em que ele se permite conhecer alguém, tem a oportunidade de estabelecer um laço, ele se desvencilha e fica reafirmando para si mesmo que esta foi a melhor escolha. De certa forma sentimos com a leitura que ele se protege do arrependimento por não ter saído da solidão. Mas esse arrependimento existe, nas entrelinhas, mas existe. Será? Alguém lembra o fato de ele sentir a presença e escutar a voz da senhora Sinico após ler a notícia de sua morte no jornal. Existia um laço. O fato de ele afirmar que tomou a decisão correta ao se afastar dela parece ser só uma tentativa de voltar para sua solidão ileso. Mas não é bem assim.

Temos controle sobre o que sentimos? Será que conseguimos nos afastar do que não queremos sentir? Uma participante trouxe uma reflexão sobre isso. Por mais que Duffy tentasse se afastar, se isolar, ele não estava imune ao sentir. Ao final da narração podemos imaginar um distanciar-se construído. As descrições das cenas depois da notícia, nos revelam momentos de Duffy afetado após a morte da senhora Sinico. Vagando a esmo. Tendo visões. Ouvindo uma voz que não soa em seus ouvidos. Ele não é imune ao afeto. Ele queria evitar e não conseguiu. Seguindo essa via, uma participante indagou sobre o quarto vazio que pode refletir sua solidão. Ele sentia solidão? No começo do conto parece que a solidão era sua vida. Ele não a sentia. Mas atenção ao começo e à última frase do texto. Ele sentiu a solidão. Ele estava sozinho. Ele consegue voltar para o conforto de sua solidão? Duffy tenta voltar para o racional. Ele agiu certo. Ela era uma desvairada. Tomou atitudes inconsequentes. Um conflito está colocado.

Com isso, a senhora Sinico também é lembrada. A mulher que é tratada como um ornamento em sua casa, se abre para Duffy quando este lhe dá atenção. Ímpeto de viver aquela oportunidade. Ele a afasta. Ela se atira a um fim trágico. Pensar que o conto trata de uma burguesia irlandesa. Que os parâmetros sociais têm um ritual para o casamento e Duffy também traz questões morais para justificar o afastamento. Regras. O território existencial em que Duffy está impõe limites rígidos a elementos de transgressão à monogamia. Mesmo assim um encontro acontece e, por algum tempo, a relação entre Duffy e a senhora Sinico dá abertura a agenciamentos de enunciação, a novos possíveis de realidade. Mas essa associação é interrompida e ressignificada como um encontro secundário irrelevante.

Títulos de livros vão aparecendo na narrativa. E uma participante os buscou em uma pesquisa rápida na internet. Um livro de catecismo aparece logo no início. Moralidade. Livro de cabeceira de Duffy. Supõe-se que o certo e o errado estavam ali colocados. Um outro livro é de poesia romântica. Amor idealizado. E a imagem que se cria de Duffy é de um homem metódico, ordeiro, tendo a pele marrom da cor de Dublin. Tal detalhe no texto chamou atenção de uma participante por mostrar como ele estava misturado à cidade ao mesmo tempo em que tenta se distanciar dela. Ele mantinha uma distância também de seu corpo. Marcante.

Alguém começa sua fala relendo uma frase do texto. “Também para ele estava reservada a solidão: até o dia em que morresse, em que também deixasse de existir e se tornasse uma recordação, se é que alguém dele se lembraria”. A senhora Sinico se tornou lembrança para ele. Mas ele se tornaria uma lembrança para alguém? Quando você não é amado/a, você não existe? Enfim... bifurcações, encruzilhadas, interrupções surgem nos pensamentos. Intermitência.

A partir da leitura, outros questionamentos vão surgindo tanto intimamente quanto sendo ditos em voz alta. A relação de Duffy com a solidão entra por um trajeto ainda não percorrido. Uma participante diz que ele não é uma pessoa solitária, pois ele vive em comunhão com a arte. A música não o deixa se sentir sozinho. Ele sabe da existência de laços entre as pessoas, mas estes laços não o motiva. A música motiva a vida dele. Ele trabalha em um banco, vive em sociedade e conhece alguém. Parece que poderia existir uma relação íntima entre eles. Escandalizado com a situação ele recua. Para ele os prazeres carnais não são realizações de pessoas?

“O amor entre dois homens é impossível porque não deve haver relação sexual e a amizade entre homem e mulher é impossível porque é preciso haver relação sexual.” – trecho extraído do texto. A relação entre homem e mulher traz sofrimento. Ele não quer isso. E quem quer sofrer por um amor impossível? A situação em que os personagens se encontravam não nos apresenta uma saída possível. Ela é casada. Ele é solteiro e sistemático.

O livro de Nietzsche citado no texto ganha uma outra associação. Uma participante sugere que a filosofia de Nietzsche se baseia em questionamentos sobre um super-homem. Pois bem, a concepção de homem como pessoa humana. Diferentemente de todas as outras espécies, o homem é movido pela arte. A arte traz sentido para a vida humana. Extremo. Limitante.

Uma nova linha de pensamentos expostos surge. Se formos pensar que a linguagem artística é expressão e criação de forma, ela dá forma a algo que ainda não tem forma. A senhora Sinico entra nesse contexto como uma possível interlocutora. Os personagens conversam por horas e se escutam. Até que ponto as escolhas que Duffy fez foram puramente intelectuais? Ou faz parte da fuga? Ou as duas coisas? O texto é denso. Joyce vai percorrendo por questões que não envolvem somente o ser humano, o qual se relaciona com outros e cria vínculos, mas que também pode se satisfazer com a arte. As artes nos trazem percepções e afetos, afetações e capturas, entregas ao que nos passa com as enunciações maquínicas, contração e expansão. Somos desertos povoados por multiplicidades moventes e a arte faz parte de nossas vidas, mas ela sozinha não nos move.

Um detalhe levantado por um participante é ser Duffy um assexuado. Parece que ele quer fugir de relações tanto com homens quanto com mulheres. Ele cria impossibilidades e não coloca um sentido específico. Por que não pode? Duffy via a relação dele com a senhora Sinico como uma amizade. Não existia desejo carnal por parte dele. Ressalta do conto: “amor entre dois homens é impossível”. De onde Duffy tirou isso? Do livro de catecismo? A amizade com a senhora Sinico não é possível pois entre os dois haveria a necessidade de praticar um ato que ele demonstra não querer. E se houvesse um amor entre dois amigos? Não deveria ter relações sexuais. Seria uma amizade com tesão que não deve chegar ao ato? Ou eles têm que se afastar?

Suspensão. Incômodo. Surge uma verbalização desafiadora da normalidade de uma estrutura estabelecida. A mesma passagem do conto já havia sido dita antes, em associações que justificaram o afastamento de Duffy como uma questão de moralidade, mas agora o participante trouxe uma mudança nos vetores existentes. A questão de Duffy ser assexuado ou homossexual pode ser tema sensível para alguns participantes. Ninguém se manifestou quanto a isso. Mas um possível foi aberto. Duffy teria afastado-se por conta da ausência de atração sexual? A senhora Sinico demonstrou interesse em ter contato físico. Houve um deslocar e

o que importa aqui não é unicamente o confronto com uma nova matéria de expressão, é a constituição de complexos de subjetivação: indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas, que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, de se re-significar. (Guattari, 1992, p. 17)

Essa nova direção gerou um longo silêncio até que uma participante salientou que somos seres históricos e sociais. Cada sociedade vai criando modelos de como se relacionar. A relação de Duffy com a arte também é construída junto aos ambientes em que ele convive. Não devemos pensar em separado. Por mais que Duffy tente se afastar, ele ainda se relaciona com outras coisas e pessoas. Pausa. Uma outra colocação é declarada. Essa frase anotada em uma folha de papel por Duffy não pareceu ter relevância. Ele não guia sua vida a partir dela. Foi apenas uma nota. Nada que define sua vida. Talvez apenas uma justificativa para o afastamento.

Discursos sendo reproduzidos. O livro de Joyce foi publicado no início do século XX. Relações entre costumes e atitudes sociais estão em conflito neste período. A sexualidade é uma questão abordada no conto, mas não se sabe o quanto Duffy é afetado por esse assunto porque o texto é narrado em 3ª pessoa. Há um narrador que expõe o panorama da cultura existente pela sua visão, por isso ficamos reféns do que ele nos conta. Além disso, devemos lembrar que o conto é um texto artístico e as construções de palavras que nele aparecem não são por acaso. Os detalhes da morte da senhora Sinico por meio de uma notícia de jornal teve a intenção de causar qual efeito em nós? Por que não feita diretamente pelo narrador? Como o narrador constrói este relato nos faz ver a senhora Sinico sendo afastada aos poucos.

Respondendo à pergunta anterior, uma participante disse que o jornal é algo distante de nós. Só traz informações. Como Duffy estava afastado da senhora Sinico a 4 anos e ela não fazia parte da vida dele, possivelmente ele pensava ter esquecido o que se passou entre eles. Ver a notícia da morte dela no jornal foi como mostrar o quanto Duffy estava distante daquela realidade. Mas Duffy leu repetidas vezes a notícia. Ele a leu quase orando, como uma leitura secreta ou como quando um padre reza uma oração em voz baixa. Só entre ele e Deus. Não se pode dizer que Duffy não foi afetado pela notícia.

Outro participante também respondeu sobre o efeito do texto jornalístico. Como existia um afastamento entre Duffy e a senhora Sinico por muito tempo, vemos Duffy como alguém que perdeu uma oportunidade, a qual não voltará mais. Ele tinha um viver repetitivo até o momento em que algo acontece. Há um desvio, uma outra associação. A oportunidade de amar e ser amado. Mas Duffy viu o amor passar e o rejeitou. A ruptura do texto literário pelo jornalístico traz este distanciamento. No final ele está amargurado, porque fora banido do festim da vida. Sensação de paralisia, estagnação. Partilhar a vida com alguém seria uma maneira de ver a própria existência. As desordens. As felicidades. As falhas. Os prazeres. Duffy não conseguiu ser recíproco. Temos que entender que podemos aproveitar as coisas quando elas são realmente importantes.

A conversa poderia se estender por mais tempo pois existem várias camadas que podem ser expostas, mas precisamos parar. Necessitamos de um tempo para deixar fluir o que tocou, para significar um saber, para aproximar e não afastar o diferente nas palavras que podem nos ligar com o outro. Algo que acontece depois dos encontros, mas que começou nele. Não há como mensurar o que se passa. Podem haver aglutinações, rupturas, criações que se compõem a nossas ações na vida cotidiana, na forma de pensar e expressar. Agenciamentos que envolvem ações e paixões, reações de uns sobre outros, expressões e transformações intangíveis sendo movimentadas.

Isso acontece porque decidimos participar de um grupo de leitura literária cuja coordenadora escolheu permitir que criássemos caminhos com os agenciamentos que conseguimos pôr para funcionar com o conto nas conversas. E de forma processual inventar modos de referências que não se separam de nossas práticas sociais. “Invenção que permite elucidar um campo de subjetivação e, ao mesmo tempo, intervir efetivamente nesse campo, tanto em seu interior como em suas relações com o exterior” (Guattari; Rolnik, 2010, p.38). Assim podemos estabelecer conexões entre diferentes dimensões que nos permeiam, organizando e posicionando, eliminando e ampliando elementos em uma realidade.

### 5.3 Vozes e sotaques

Ritual de abertura do encontro com a entrada dos participantes na sala virtual e as saudações corriqueiras. Conversas eventuais. Devido ao fato de o texto escolhido ser escrito em português de Portugal, o convite à leitura é feito a uma participante que compartilha a pronúncia característica para a leitura do conto, visto que ela é angolana e transita por Portugal periodicamente. E, já esperando este convite, ela declara que leu o texto anteriormente para ter um compasso adequado na leitura em grupo. Neste encontro havia 17 participantes.

Mozi comenta que é estranho não ter uma adaptação para o português do Brasil. O conto está no livro de Valério Romão, “Da Família” (2014), publicado por uma editora portuguesa. Com isso, falas relacionadas a traduções, adaptações, autores/as portugueses/as publicados/as no Brasil, autores/as brasileiros/as publicados/as em Portugal e sobre a Língua Portuguesa sendo percebida como única impulsionaram diálogos por um bom tempo.

Uma participante mencionou que leu o texto em inglês, publicado na revista *Granta*<sup>12</sup>. Mozi comenta um pouco sobre esta revista e reitera o convite para outras atividades que integram as Rodas Literárias.

Avisos dados, começa-se a leitura.

...

### **Da Família – Valério Romão** **À medida que fomos recuperando a mãe**

Nos primeiros tempos depois da morte da mãe, cá em casa não se podia rir, correr, ver televisão ou mesmo comer. Estávamos obrigados, pela omnipresente tristeza do pai

que não saía do quarto, da cama, encharcando almofadas até dormir sobre um lago de lágrimas

a sofrer num registro de penitência, de cilício à volta da anca, até ficarmos todos e em simultâneo muito magros e mal-encarados e sermos incapazes de fazer as coisas da escola, porque o cérebro, aflito de combustível, já só dava conta dos processos básicos pelos quais as pessoas mantêm a vida, o que não é, de todo, o caso da educação.

Quando o meu irmão de 13 anos desmaiou no pátio, alguém, no conselho directivo, deduziu acertadamente ser hora de intervir num luto que, de prolongando, ameaçava proliferar, fazendo outras vítimas. Os professores de Física e de Religião e Moral vieram cá a casa e o meu pai, levantando-se a muito custo da cama

a primeira reacção foi despedi-los com a ponta dos dedos, não quero ver ninguém, sussurrava por detrás de uma almofada que o protegia da luz parda do candeeiro recebeu-os à porta, desgrenhado e sujo, as pálpebras tombadas num desânimo de halterofilistas que nunca chegam a passar do meio do arremesso, as calças de pijama presas pelas tenazes dos dedos a tentarem continuamente sair-lhe do corpo, de escanzelado que estava, e a voz

o meu pai tinha uma voz que me fazia estremecer de alegria por dentro, assim como fazia o cheiro a cerveja no hálito dele quando me dava um beijinho rudimentar de boas-noites ou o odor a cigarro nas pontas dos seus dedos quando estes me alisavam a bochecha vincada de um sorriso

a rastejar sem energia a subida olímpica pela traqueia, cuja função, nos últimos dias, era apenas a de se ocupar de ver distribuída a saliva que acompanhava em baixo registro a produção contínua de lágrimas: posso ajudá-los?

---

<sup>12</sup> <https://granta.com/how-we-got-mother-back/>

E eles explicavam a preocupação que alastrava pela escola e da qual eles eram porta-vozes igualmente apreensivos, porque quatro crianças sem o adequado cuidar de um adulto facilmente acabavam por passar necessidades e

céus, nem eu nem o professor Vitor queríamos expor isto assim de chofre é até possível virem a considerar que só o submundo do crime, das drogas e da violência gratuita, com as suas recompensas ilusórias de riqueza e facilidade, lhes pudesse prover o que a família, em casa, não conseguia nem detectar como necessidade e o que a escola, na parca competência da sua alçada, não pode remediar senão pela caridade, percebe, Sr. Siva, a raiz dupla do problema, continuava o físico, desfiando o resto do discurso no registro próprio de quem come e arrotta algoritmos, transformando o mundo de todos os dias num alegoria de *rally-paper* a ser cumprido com pontualidade kantiana.

O meu pai, deixado de os ouvir ou de lhes dar importância e mirando num registro de telescópio a casa transformando-se, na sua ausência, num pardieiro ocupado por adolescentes pré-púberes e crianças acabadas de sair do colo e das fraldas, dava conta, numa epifania doméstica pela qual agradecia a deus o fato de estarmos todos vivos e se culpava por termos chegado àquele ponto de degradação, de que não podia continuar deitado à espera de que a carroça da morte passasse de novo ou desse meia-volta e de lá trouxesse a mãe, lívida na chegada até ele a cobrir de beijos e de calor, como cuidou de fazer incessantemente até lha tirarem dos braços para finalmente a terra a receber.

Vou tratar de tudo, interrompeu o meu pai, vou tratar de tudo, obrigado por terem cá vindo

e à medida que articulava sílabas atrás de sílabas, numa toada de quem recupera de um avecê, ia fechando a porta sobre os dois professores que, do outro lado, diziam os últimos obrigados e tenha cuidado com os quais se despediam de uma tarefa decerto desagradável para ambos.

Depressa o meu pai recolheu à cama e à tristeza, abandonando a resolução energética advinda da contemplação do nosso estado. Deitou-se sob as mantas e ali carpiu outra noite e outro dia inteiros, até que nós, regressados da escola, decidimos

na verdade, eu e o meu irmão, que tínhamos 12 e 13 respectivamente, visto os de 4 e 3 não contarem para aquele singular sufrágio

que aquilo tinha de ter um limite, e esse limite não podia ser a progressiva e aparentemente inevitável extinção de toda a família, e sentámo-nos a gizar um plano para o atrair para fora da cama e lhe enfiar, bucho abaixo, pelo menos um naco de pão torrado na torradeira, que só eu possuía permissão para manusear. Arranjávamos a mesa redonda da sala, forrámo-la de uma toalha em muito bom estado, normalmente reservada para os anos-novos e baptizados, escura,

numa clara subserviência ao clima que assentara ferros lá em casa e, como toque personalizado, pusemos um lugar a mais para a mãe, e ao lado do prato dela, onde também haveria de cair uma torrada que ninguém teria o direito de surrupiar num momento de distração colectiva, por respeito à memória e por vinculação convincente com a realidade recém-construída, a fotografia do casamento, tirada há uns bons quinze anos, em que ela exibia um sorriso que, embora parado e fixo no tempo, nos convocava sempre a mimetizá-lo, numa empatia magnética da qual por vezes já não dávamos conta.

Dissemos aos mais novos para arrancarem o pai da cama, independentemente de como ele reagisse. Era imperativo que ele se levantasse e comesse, não só para não o encontrarmos, mais dia menos dia, inerte como aqueles cães atravessados a estrada a correr na direção dos faróis do carro e tombando finalmente numa valeta, de onde já só saem desfeitos com a vinda das primeiras chuvas, mas também para que a vida, perigosamente em suspenso por cima de nós num assomo de chuva ácida, prosseguisse, a despeito de a morte lhe haver arrancado um bocado, talvez o bocado maior, talvez o bocado mais importante.

Quando o pai chegou à mesa pela mão dos manos, puxando-o como se do Natal se tratasse e ele estivesse obrigado a distribuir as prendas, começou por desfazer o arqueamento a que a fome e a tristeza lhe sujeitavam as costas e, pegando na moldura da mãe, muito reverente, levou-a ao peito e chorou, chorou, chorou, e aos poucos nós fomo-lo abraçando, também a chorar, e no fim éramos cinco corpos entretidos na resposta monofásica ao estímulo da morte em retrospectiva.

Nos dias seguintes repetimos os lugares na mesa e o destaque à mãe, por via da colocação em local visível para todos da moldura onde ela dormia, angelical. O pai já saía da cama mais vezes e por mais tempo e envolvia-se, inclusive, na preparação do jantar, a única refeição, à parte do pequeno-almoço de fugida, em que estávamos todos uns com os outros. Aos poucos fomos conseguindo que o pai readquirisse alguns hábitos salutareos – como comer ou vestir-se ou lavar-se, tudo ainda muito irregularmente feito – pelos quais aferimos o seu grau de ancoragem à vida e ao seu carrossel incessante, e se havia dias menos bons, nos quais só com muito esforço conseguíamos tirá-lo da cama, após muitas lamentações e a chantagem de natureza espírita segundo a qual a mãe iria ficar chateada se o pai não comece, havia outros que corriam bem, dias que eram como brisas de Primavera nas quais o sol, ainda escondido, já se pressente.

Um dia, à mesa, à hora de jantar, o mano mais velho rebentou a dizer umas piadas que ouvia lá na escola

porque aquela solenidade imposta agia em nós como uma mola dentro de uma caixa fechada, exigindo-nos atenção incessante e capacidade para não sorrir de absolutamente nada

e o pai cabisbaixo e pouco cooperante com a função de comer, foi-se levantando devagar, deixando a mesa aos convivas, incapazes, uma vez na vida, da obediência à tarefa de se debruçarem em continuo sobre o âmago das suas próprias feridas, e o meu irmão, com a faceta de aluado que o meu pai reprimia com as mesmas intensidade e proporção que a ,minha mãe gabava e encorajava, quando viu o meu pai dobrar a esquina do corredor, desatou a imitar a minha mãe, a sua voz, o seu sotaque, a sua forma muito particular de fazer de qualquer final de frase um doce pronto a enroscar-se no lóbulo da orelha de quem a ouvisse, e nós ficamos aterrados, os manos mais novos e eu, porque o mano mais velho estava em nítida transgressão das mais elementares regras sub-reptícias que regiam o luto naquela casa e vimos o meu pai a volta, primeiro tacteando as paredes, no pico da confusão

porque o meu irmão soa à minha mãe, soa tão bem à minha mãe que me dá logo um choro e só a custo o abafô e logo depois, apoiado sobre as costas da cadeira vazia , a sorrir um sorriso terno e inesperado, como já não se lhe via desde os dias do hospital, do internamento, da químio, da rádio, da operação pela qual lhe transformaram os peitos em duas cicatrizes com a feição de um par de sobrolhos zangados sobre o diafragma, e o meu irmão, de cuja testa pendiam umas gotas de suor, malgrado a temperatura amena, por saber do perigo de lidar com uma matéria-prima que manipulava sem lhe poder imprimir cadência de destino, continuava, dirigindo-se cada vez mais directa e frontalmente ao meu pai, pedindo para ele se sentar, para ele comer, para ele pôr aquela gaiatada em ordem, como era costume fazer quando a gente começava a gritar ou a brincar com a comida em pequenos trampolins de colher, e o meu pai sentava-se, ainda sorrindo, e fazia-nos, com o indicador na boca, o gesto para que nos calássemos e ouvíssemos a mãe, como ele, que a mãe tinha razão, tinha sempre razão. Com o passar do tempo a gente habituou-se a ouvir o meu irmão fazer de minha mãe, especialmente ao jantar, quando o meu pai, regressado pela segunda vez ao trabalho

da primeira vez que voltou, fechou-se o dia inteiro na casa de banho e tiveram de chamar os bombeiros, dado nem conseguir abrir a porta queria falar e queria, sobretudo, que lhe fizessem perguntas como só podem ser feitas na unidade cúmplice de um casal, e o meu irmão cuidava de as produzir em forma e conteúdo, magnificamente, e lá cavaqueavam os dois, e nós assistíamos, como sempre, como dantes, e o meu irmão ao lado da fotografia da minha mãe, à mesa, parecia às vezes uma daquelas taradas a quem entram pessoas adentro para se lhes apossarem das cordas vocais e da capacidade de rotação vertical dos olhos.

À noite, quando o meu pai se ia deitar

o que perdera em fome ganhara em sono

eu e o mano ficávamos acordados a ver as telenovelas e os filmes europeus nos quais as coisas da vida dos casais, desde as mais triviais às mais profundas, eram esmiuçadas, e tínhamos a sensação de que absorvendo e digerindo aquilo nos tornávamos mais capazes

sobretudo ele, que se esforçava sozinho ao espelho a repetir-se, no registro de quem se prepara para uma peça de perceber a importância dada pelos adultos às coisas que nós apenas ao de leve sabemos existem, e dia após dia o nosso vocabulário ia adquirindo tonalidade de gente grande, palavras que o meu irmão punha à prova pela boca da mãe ao ouvido do pai, dizendo umas coisas que aos mais pequenos davam para franzirem a testa de incompreensão e que ao meu pai, contrariamente, despertava, o sorriso ou mesmo, quando o meu irmão, muito certo, chegavam muito perto, a sonora gargalhada, contagiosa, porque o meu pai a rir era a única razão pela qual se dispensavam todas e quaisquer outras para nos fazer rir.

Um dia o meu pai chegou à casa e disse-me para não fazer o jantar, que ele tinha passado por uma churrasqueira e tinha trazido uns frangos e um par de garrafas de tinto, para comemorarmos. Numa felicidade só, desatei aos pulos e abracei-o, perguntando-lhe, enquanto ele me sustinha pela cintura, o que comemorávamos afinal, visto a gente há tanto tempo não comemorar nada naquela casa, nem o final de trimestre muito aceitável de todos na escola, para quem tinha passado por tanto em tão pouco tempo, e o meu pai disse-me ao ouvido, muito terno, que comemorávamos o aniversário da mãe, eu esquecida disso, assim como todos em casa, menos o meu pai, apesar de ainda há uma semana eles terem falado dos anos dela ao jantar.

O pai, nessa noite, pediu-nos, aos miúdos, como nos chamou, o obséquio de jantarmos na cozinha, enquanto ele e o mano o fariam na sala, como um verdadeiro casal, porque nem sempre a gente podia ou devia interrompê-los, dizia, dado a cumplicidade não ser passível de construção entre convivas nem estádio apinhado de gente, queixava-se, e ele e a mãe haveriam de jantar mais vezes sozinhos, e a isso nós teríamos de habituar, porque havia espaço para aqueles dois mundos, finalizava, ou não havia espaço para nenhum, compreenderam, terminava assim o pai aquela prelecção, interrogativamente, ao qual a gente respondia com a cabeça que sim, só porque estávamos, desde o início, aturdidos a abaná-la.

Não comi nada com medo de o meu irmão não ser capaz de se aguentar firme na pele da minha mãe durante tanto tempo sem que eu estivesse lá para lhe enfiar uma canelada ou lhe atirar um sorriso desdenhoso de reprovação, e só quando o vi sair da sala, ele primeiro, muito sorridente, e o meu pai logo a seguir, meio torto

ainda cheguei a pensar que o meu irmão lhe pudesse ter enfiado um sopapo por alguma coisa que o pai tivesse dito ou mesmo para tentar fugir dele

do vinho que beberam ao jantar e ao qual já não estava habituado, é que pude sentir algum alívio, e quando o meu irmão e ele entraram na cozinha tive a ilusão de estar a vê-los outra vez, ao meu pai e à minha mãe, depois de voltarem do teatro ou do cinema e de novo apanharem ainda a todos nós acordados, apesar das promessas que a *baby-sitter* fazia de que estaríamos a dormir, e que a gente se encarregava de espatifar ao pedirmos copos de água, histórias e chichi até os pais chegarem, cansados e a felizes, e partilhamos isso todos juntos, o cansaço e a felicidade.

Os jantares de casal instituíram -se lá em casa e já aconteciam pelo menos uma vez por mês, altura em que nós, os miúdos, comíamos na cozinha umas pizzas que o meu pai trazia ou, na pior das hipóteses, uma massa com atum desenrascada à última hora, quando ele não tinha tido tempo ou paciência para passar pela pizaria, e eles comiam na sala e ouviam-se os risos de ambos e o tilintar dos talheres nos pratos, à cata das iguarias de que só sentíamos, e ao longe, o cheiro.

Com o tempo, o meu irmão começou a ficar cada vez mais autoritário e intransigente. Mandava-nos vestir, despir, lavar os dentes ou fazer trabalhos de casa e já nem cuidava de o fazer na voz própria dele mas sempre na da mãe, que se perpetuava até entrar na escola e, contrariado, ter de fazer de miúdo de 13 anos para miúdos de 13 anos, uma e outra vez. Às vezes apanhava-o no intervalo de uma aula e obrigava-o a pedir-me desculpas por me ter tratado mal na noite anterior ou por não falar mais comigo como dantes, quando éramos só irmãos, e ele lá me ia lambendo as feridas para não me ver triste ou apenas para eu me calar, nunca perceberei exatamente porquê, e mais um dia se passava e a minha família multiconfigurada, era uma coisa de dia e outra de noite e ninguém parecia conseguir fixar um registro de identidades que, no decurso do tempo, fossem única e apenas aborrecidamente iguais.

Quando nos começávamos a habituar a uma coisa, fosse aos jantares a dois ou às diatribes do meu irmão, acontecia uma mudança qualquer pela qual tínhamos de voltar a pôr em foco todos os planos para o futuro. Certa noite, o pai, readquirindo progressivamente hábitos que havia largado aquando da morte da mãe, começou a discutir com o meu irmão, o meu pai que já bebera mais do que a conta, a gritar-lhe que estava farto de estar em casa sempre fechado, como um animal ou um incivilizado, ele não tinha peste, nem ele nem ela, repetia, e nós, calados sobre os pratos, apenas podíamos aceder a um olhar de circunstância pelo qual o víamos a emborcar, entre gritos, os copos de vinho sucedendo-se, e o meu irmão, munido de uma certa forma feminina de ignorá-lo, apenas lhe aconselhava calma, pelo menos em frente aos miúdos, repetia, pelo menos por respeito a eles.

As noites seguintes foram de aparente e relativo sossego. O estado de zanga entre eles tinha-se instalado de tal forma que o jantar, normalmente passado em registro de conversa pela qual se punha em dia o presente construído fora dali, era novamente um momento solene pelo qual nos encarregávamos de mostrar ao criador o peso do tédio nas nossas existências. Foi só quando, numa noite inspirada, o meu irmão surgiu à mesa com uma peruca loira, tal qual o cabelo da mãe, que o meu pai, atordoado com o imprevisto do acontecimento, decidiu, por meio da evocação de uma sonora gargalhada, seguida de um carinho na peruca farta do meu irmão, dissipar o clima de nervos e decretar o fim do reconhecer obrigatório a que o riso havia estado submetido. A vida familiar decorreu normalmente durante o segundo trimestre escolar. De dia cuidávamos de ser apenas os sobreviventes cada vez mais maduros do desastre de perder a mãe e de noite reinventávamo-nos, especialmente o meu pai e o meu irmão, e naqueles papéis vivíamos duas vidas distintas, hermeticamente seladas, como personagens em trânsito entre papéis e peças. O meu irmão não conseguia evitar uma cada vez maior distância em relação a nós, “os miúdos”, porque a nossa presença reforçava, por contraste, a natureza falha da personagem que ele se entretinha a aprimorar de dia para dia, afastando-se cada vez mais de ser meu irmão e aproximando-se cada vez mais de ser a minha mãe, transversalmente regressada, a quem eu já me surpreendia a fazer pedidos de roupa, para ele os repetir ao meu pai, ou aquilo que queria para os anos, como fazia dantes, com ela.

Um dia o meu pai, novamente bêbado

um hábito que ele andava a reaprender com demasiada frequência chamou-nos à sala, arrastando-nos pelos braços com inaudito vigor, andem cá, repetia, andem cá, meus mandriões, vamos fazer-vos uma surpresa, e pouco mais dizia, também porque o álcool não lhe despertava propriamente a diversidade lexical e nós, semiassustados com a intensidade da presença física do meu pai naquele estado, lá o seguíamos, eu a sossegar os mais novos, agarrando-se um ao outro e a mim, e quando chegámos à sala, o meu pai muito solene

meninos, dêem as boas-vindas à vossa mãe e lá estava o que percebi a custo ser, só algum tempo depois, o meu irmão, vestido de mulher, vestido como a minha mãe se vestia, uma saia e uma camisa com uns folhos brancos, muito penteado e muito maquilado, o meu irmão livre dos pêlos nas pernas de que se gabava ainda há menos de dois meses e meu pai ladeando-o como se o apresentasse pela primeira vez à família e os miúdos a desatarem num pranto apenas para catalisarem com isso a explosão de fúria do meu pai, que vociferava: fora, rua, nem a vossa mãe sabem receber, que vergonha, e eu dava as mãos aos miúdos e enquanto saímos da sala, apressadamente, ouvíamos o meu irmão

na voz cada vez mais impecável da minha mãe calma, querido, a culpa não é deles, dá-lhes tempo, não-de perceber e aceitar, dá-lhes tempo, dizia o meu irmão, e o meu pai calava-se e a gente deixava de os ouvir, até que ambos, a gente nem sabe bem porquê, rebentavam do quarto numa gargalhada.

...

A participante que fez a leitura não quis iniciar a conversa. Preferiu fazer seus comentários posteriormente. Sua voz produziu um efeito de expressão. Silêncio. Assim, a única participante que estava com a mão levantada até então e, pela primeira vez na roda, começou mencionando a versão do texto em inglês. Ela havia lido na revista *Granta* e ficou “muito impactada” com o conto. Na versão em inglês a gargalhada ao final gerou incômodo pois, tendo em vista o comportamento dos brasileiros, a risada remete a algo sutil, dissimulado, sugestivo. E como essa conclusão forte, “um soco no estômago”, mostra o poder dos contos de surpreender os/as leitores/as, tornando-os significativos quando “alguma coisa estala neles enquanto os lemos, propondo-nos uma espécie de ruptura do cotidiano que vai muito além do argumento” (Cortázar, 1993, p. 153).

Nenhuma mão levantada. Ausência de vozes vibrando sobre o estranhamento. Mozi comenta que mais de uma leitura deste conto ajuda a perceber detalhes do encadeamento do que foi acontecendo desde a morte da mãe. Ela pergunta se percebemos que quem está narrando é uma menina. A filha um pouco mais nova que o filho mais velho. E aqui temos uma variação. Não há mãos levantadas e algumas falas acontecem cadenciadas. “Onde se vê que a narradora é uma menina?” Mozi responde que mais ao final do texto e tenta localizar a palavra que indica ser uma narradora. Alguém comenta que achou que eram quatro meninos. A filha tem seu gênero acobertado. Mas, outra participante diz que desconfiou pois o texto dá dicas. Só ela pode mexer na torradeira. Mas não é a mais velha. Ela é a segunda mais velha dos irmãos e é mulher. E por ser mulher seria um desígnio “natural” ela cuidar da casa e dos outros. Observação sarcástica seguida de risos. Uma participante acha a palavra que indica ser uma menina: “Numa felicidade só, desatei aos pulos e abracei-o, perguntando-lhe, enquanto ele me sustinha pela cintura, o que comemorávamos afinal, ... e o meu pai disse-me ao ouvido, muito terno, que comemorávamos o aniversário da mãe, eu esquecida disso...”. Um adjetivo. Uma sutileza.

Uma participante relata que no começo da leitura já se entende onde estamos e que podemos esperar um desfecho surpreendente. Mas ela esperava algo bem mais óbvio do que insinuação. E com este desenlace queremos entender o irmão. Como foi esta transformação para ele? A impressão que temos é de que tudo começa com uma brincadeira que depois se transverte em uma forma de salvar a família. Seu comportamento muda sua identidade e

aproxima-o à autoridade da mãe, diferenciando-se da irmã que se torna sucessora dos trabalhos domésticos.

Mãos se levantam. As falas subsequentes articularam resumos do conto voltando ao ponto de impacto que foi o irmão mais velho se colocar no papel da mãe para tirar o pai da procrastinação que afetava toda a família. Como ondas batendo em uma margem, as vozes se compõem em blocos de conteúdo, refrões que adquirem musicalidade. A repetição desse ato faz reconhecer uma estabilidade na constância. Sutis movimentos dissonantes possibilitam vislumbrar aberturas para movimentos transversais entre as linhas de pensamentos. Os refrões são arrastados de sua territorialidade, efetuam-se em operações ativas, criadoras. A música que se compõe no encontro faz da forma de expressão um conteúdo desterritorializante.

A transformação do irmão começa com uma brincadeira improvisada, destaca uma participante, que leu o trecho: “quando viu meu pai dobrar a esquina do corredor, desatou a imitar a minha mãe, a sua voz, o seu sotaque, a sua forma muito particular de fazer de qualquer final de frase um doce pronto a enroscar-se no lóbulo da orelha de quem ouvisse”. Nas relações das retomadas alguém destaca: “O feitiço veio pela voz”. O filho, antes de vestir-se com as roupas da mãe, vestiu-se primeiro com sua voz, com as tonalidades e expressões que ela utilizava. Ele se apropria dessa voz, mas com notas destoantes que o levam a uma linha criadora. No entanto, há uma configuração que permanece. Ao tentarem sair de uma situação de luto e abandono, os filhos mais velhos mergulham na “loucura” do pai e em uma composição (in)familiar.

Surge uma ramificação no pensar oralizado. A disposição e a organização do conto de forma segmentada, sem alguns sinais de pontuação, criam uma quebra de continuação relevante na história. Uma participante articula a quebra da realidade como era com a mãe e a tentativa de continuidade, ressaltando que essa forma do conto é significativa. Não apenas interessante. A leitura oral é desafiadora, pois as pausas não são claras. O que fazer com os intervalos? Prosseguir. Pausar. O conto exige mais de uma leitura.

Mozi destaca na tela o trecho: “na verdade, eu e o meu irmão, que tínhamos 12 e 13 respectivamente, visto os de 4 e 3 não contarem para aquele singular sufrágio”. Este trecho poderia não existir ou estar entre parênteses. A palavra anterior, “decidir”, está ligada às posteriores, “que aquilo”. Então, se lermos saltando alguns trechos recuados, pode ser que mude o sentido. Há um jogo na leitura que nos faz ler mais de uma vez este conto para tatear esse sistema de arranjos rítmicos que é um recurso usado na poesia, recordou Mozi. Destaca-se que o autor utiliza uma forma de estruturar o conto que traz outros ritmos e sentidos à leitura. Uma forma de expressão criadora do autor e dos leitores.

Contos assim nos mostram que não há uma estrutura única e uma direção pré-estabelecida, mas interações indiretas entre elementos. Como um rizoma ele se espalha em várias direções, cria conexões impensáveis e é aberto a infinitas possibilidades de interconexões. Podemos estar em movimento, sermos afetados e escapar das repetições. Não isolar. Não limitar a produção de subjetividade. Convidados a ver a realidade como uma rede complexa de relações e de forças que se entrelaçam sem ter um ponto único e um destino definido. Podendo os agenciamentos se desdobrarem e as experiências surgirem provocando nossa relação com o conhecer. Um modo de estar e pensar se criando, em vez de somente reproduzir os já conhecidos.

Outra quebra manifestada refere-se à escolha do autor em transformar o menino na mãe e não a menina. O texto sai do óbvio. Isso não acontece de imediato, mas prevemos que vai acontecer. “Mesmo querendo que não aconteça”. Uma participante comenta que o autor vai deixando pistas pelo texto e expõe a transfiguração do menino apenas na parte final. O autor vai fazendo uma preparação vagarosa, apresentando o espaço, dando a conhecer o pai e o estado em que se encontra. Ele estaria tão deprimido a ponto de fazer esse contraponto delirante de começar a ver o filho como sua esposa e arrastar o filho para esse delírio? Vai passando a sensação de que seria verossímil. “Isso pode acontecer”. Mas as crianças menores se assustam ao verem o irmão de vestido. Elas choram. “O que está acontecendo?” Elas trazem o olhar de estranhamento à cena. Pausa. Há um transcurso nas atitudes do filho mais velho mostrando seu processo de crescimento na puberdade sendo alterado. Desconforto.

Bifurcação. Um participante evidenciou o luto no conto. Na ausência da mãe, como o pai fica? Como ele vivia com ela? Como era a família com ela? A irmã vê o irmão travestir-se paulatinamente, o que leva ao choro dos miúdos até a gargalhada no final. O participante afirma não conhecer nenhum caso de travestir-se no núcleo familiar para aliviar a dor da ausência. A bebida do pai. A agressividade. A raiva. O luto precisa agredir aquela que foi embora, aquela que os deixou em desamparo, para que ele possa ser concluído. Mas o inusitado acontece nesse conto.

Ao final da conversa, o desfecho do conto se destaca. A relação entre textos com linguagens variadas e gêneros diferentes surgem nas falas. O romance de William Faulkner, “Enquanto agonizo”, foi mencionado destacando uma outra forma dos filhos lidarem com o luto pela mãe. Uma participante diz que se lembrou do filme *Psicose*. Vestir-se de mãe foi sombrio. E movimentava uma dúvida. Será que realmente houve só uma coisa de se travestir, de encenar para a família, como uma forma de lidar com o luto? Ou por trás havia uma relação

incestuosa? Não há evidências no texto. Mas... o pai bêbado, de repente vê o filho vestido como a mãe... isso nos coloca a pensar.

O filme *Psicose* também foi lembrado por outra participante. “Impressionante como um filme de suspense pode ser leve comparado com esse conto”. Na versão inglesa do conto, fica claro esse tom incestuoso no final. Uma questão de tradução. Imagine como é complicado. Mozi salienta que podemos pensar o que o texto lido no encontro trouxe até o ponto final. Apenas em um momento a narradora trouxe um contato físico entre eles: “um carinho na peruca farta do meu irmão”. Se houve ou haverá uma relação incestuosa é uma interpretação nossa, leitores. Uma ampliação nos agenciamentos. Possibilidades. Por causa da palavra “quarto” imaginamos um cenário. Não está claro no texto que houve algo entre eles, mas também não podemos negar. A narradora omitiu? Ou desconhecia? Palavras não ditas pairam nas entrelinhas dos pensamentos. Molestam. Transtornam.

Houve nesse encontro toda uma dinâmica rizomática que ultrapassou as páginas do conto e invadiu a própria dinâmica do grupo de leitura. Tramas, processos, misturas que me propus a cartografar quando me dediquei a acompanhar o rizoma urdido nas diferentes dimensões dos ritmos das vozes que atravessaram o encontro. A voz se fez agenciamento rizomático logo no início do encontro, quando das decisões quanto à leitura do texto: ele seria lido em um sotaque português. O sotaque escolhido, mais do que uma variação sonora, se transformou também em um ritmo que compôs um vetor de subjetivação identitário e que trouxe ao grupo uma outra perspectiva de escuta. Naquele momento a voz, e seu consequente sotaque, apresentou-se ao grupo como uma intensidade que amplificou uma experiência de leitura e ajudou a agenciar outras sensações no encontro com os participantes.

Assim, foi realizada não apenas uma leitura, mas a composição de um ritmo que igualmente se agenciava à estrutura do texto: com seus cortes, pausas, intervalos, respiros, alusões. Esta estrutura textual parecia também compor um ritmo que se agenciava com a voz de quem lia e com o sotaque que era apresentado. Sotaque este que produzia efeitos diferentes quando o texto era lido em inglês, como comentou a participante que o lera anteriormente nesta língua.

E, no cartografar o ritmo da voz naquele encontro, segui um rizoma que, se em um primeiro momento agenciou a voz da leitora, o sotaque português e a própria estrutura do texto a exigir da leitora pausas na voz, em um segundo momento se agenciou à voz do silêncio que se seguiu ao término do texto lido. Era uma inicial ausência de vozes que talvez expressasse o som de um possível estranhamento. Era potencialmente um estranhamento a conversar com outras vozes que se fizeram vivas no texto lido, como a voz do filho que, como já dito, antes de

se vestir com as roupas da mãe, vestiu-se primeiro com a voz, com as tonalidades, ritmos, enfim, como o sotaque que ela utilizava.

Dessa maneira, temos que o timbre, o tom, as nuances, o “sotaque” da voz da leitora do texto fazia rizoma com os sotaques do filho a se agenciar às vozes (e trejeitos) de sua mãe. Vozes, assim, a produzirem diferentes vetores de subjetivação nos ritmos que colocavam em movimento: tanto na história lida quanto nas vozes e silêncios daquele grupo de leitura que a debatia. Pois, como apresentado, mesmo nos silêncios – mesmo no ocultamento das vozes – poderiam ser seguidos nuances a indicarem caminhos interpretativos possíveis.

O silêncio do grupo após a leitura, podia indicar o grito do estranhamento do incesto insinuado, da pedofilia não dita, da outra configuração de família que se afirmava no estranhamento de uma singularidade. A voz do silêncio que poderia gritar através das nuances, da mesma maneira que foi apenas seguindo as nuances do silêncio que o grupo intuiu que a criança que narrava a história teve possivelmente seu gênero ocultado..., sua voz de mulher foi silenciada.

Assim, aquele encontro se fez transversalizado no rizoma da voz, nas composições em agenciamentos que colocavam em uma zona de vizinhança os sotaques, as rupturas nos ritmos da leitura, as rupturas nas falas dos participantes, os silêncios e “gargalhadas” a ativarem estranhamentos. Aquele encontro, mais do que um exercício de interpretação, era uma prática de composição “entre” vozes a expressarem diferentes camadas de subjetivação. Malícia na escrita. Gradação dos acontecimentos. Sistema familiar estipulado e uma nova ordem de configuração estruturada. Estranhamento. Um modelo de representação enraizado em nós é impactado por outra maneira de fazer e saber. Escape de uma atitude naturalizada. Rizomas. Agenciamentos. Multiplicação de vozes. Tensão causada por um desfecho aberto. Incerteza do porvir e criação de possíveis. Probabilidades. Expectativas. Se a conversa tem seu tempo para terminar no encontro na roda, os efeitos das vozes agenciadas podem vir a ecoar para além daquele encontro virtual e fazer rizoma com tantas outras vozes a singularizarem cada participante.

## 6 LINHAS QUE SE ENCERRAM SEM PONTO FINAL

Caminhar por entre corredores de livros literários. Algo se modificou. Percorrer uma paisagem de vastidões onde cada estante se desdobra em camadas de pensamentos no tempo. Não é apenas andar entre as prateleiras, mas vagar por universos de palavras e possibilidades. O silêncio que recobre esses corredores não é vazio. É repleto de densidades quase palpáveis, em que vozes de várias épocas se entrecruzam. Como se cada capa fosse uma porta esperando para ser aberta e cada página uma oportunidade de se lançar ao trivial e ao inesperado.

Ao escolher um livro somos levados a outros corredores nos quais pensamentos, sentimentos e paisagens se entrelaçam. Há passagens em que o olhar atravessa significados aparentes. Em outras a visão se embaça e um engasgo nos silencia. Em um instante a pulsação nos impulsiona a associações não lineares. Não há mapas pré-definidos a seguir. Uma jornada se abre ao inesperado quando um leitor se permite sentir, questionar e criar. A literatura, então, se apresenta como um campo fértil de possibilidades de se apaixonar e se entregar a novos modos de estar em uma realidade. E como um campo de batalhas que provoca angústias e repulsa que nos fazem retornar ao familiar.

Além disso, podemos desacelerar nosso ritmo frenético cotidiano ao começar uma leitura solitária. Um silêncio acolhedor, povoado por vozes, desloca nossa atenção. Nesse momento seguimos os traços formatados, mas é significativo ter em conta as palavras de Alberto Manguel a respeito da prática da leitura:

(...) por mais que queira, a linguagem é incapaz de fixar o que quer que seja. Nosso olhar “atravessa” a realidade que a linguagem expõe, camada por camada, à maneira de um palimpsesto, de tal modo que, afinal, nossa leitura das histórias torna-se infinita, cada história aludindo a ou sugerindo outra mais abaixo, sem que nenhuma possa se afirmar como verdade última (MANGUEL, 2008, p. 23).

No caminho indicado por Manguel, podemos perceber a natureza instável e infinita da leitura, pois a linguagem não fixa um significado definitivo. Ao lermos estamos efetuando as palavras com as múltiplas dimensões que nos compõem. Cada história é apenas uma camada de muitas outras que a precedem e que virão depois, numa rede de narrativas que se alonga até onde nossos olhos não alcançam. Não há uma interpretação única, uma leitura final. Há uma paixão por atravessar esse vasto palimpsesto, sabendo que, a cada leitura, podemos criar um pouco mais, pois temos a oportunidade de ampliar um horizonte e experimentar uma relação dinâmica com a linguagem que nos permite questionar uma realidade.

Sabendo que a leitura literária percorreu uma jornada histórica desde práticas orais e coletivas até o momento solitário das páginas impressas, podemos constatar que ela nunca deixou de carregar em si o potencial do coletivo. Atualmente, alguns clubes de leitura, saraus, espaços de leitura e comunidades virtuais mantêm viva a essência desse processo de trocas em que pensamentos e afetos surgem nas conversas fortalecendo interações, impulsionando conexões e sensação de pertencimento entre os leitores. Na busca por pessoas para conversar sobre um texto literário, participantes chegam às Rodas Literárias através de pesquisas acerca de grupos de leitura, ou seguindo sugestões que aparecem nas rolagens pela internet, ou por indicações de conhecidos.

Em conversa individual com duas participantes frequentes das Rodas, escutei frases refletidas em emoções e sentir que reverberaram em mim. Sem as reuniões, não teríamos muitas oportunidades de conversar com uma pessoa sobre um conto. “Por isso eu gosto muito do ambiente online”. Ele nos proporcionou encontros com pessoas que estão em diferentes territórios, com idades, gêneros e profissões diferentes; que dedicam um momento do dia para ler e conversar em grupo. Isso traz uma aproximação e uma oportunidade de escutar sentidos diferentes.

Observar a curadoria feita por Mozi é relevante. Os contos são de autores e autoras de diferentes países e estados brasileiros; clássicos e contemporâneos; conhecidos e pouco divulgados. Aquele texto que nos toca de alguma forma, nos faz ir em busca do livro. Reler. Ler outros contos do/a autor/a instigados a conhecer seus escritos. Reitera-se aqui que no grupo não há divulgação para compras, mas indicações de leituras. E isso é para um outro momento.

Na Roda, a leitura do conto se desdobra nos encontros mostrando que essa prática não é sobre decifrar palavras, mas sobre uma forma de promover uma abertura para a integração de elementos heterogêneos. A tática usada na mediação consiste no interesse pelo discurso do outro. As conversas compartilhadas trazem outras tantas camadas que talvez não alcancemos em uma leitura solitária. A participação possibilita que agenciamentos aconteçam em meio a fluxos de forças que podem gerar processos de desterritorialização, de criação, de liberação de desejos estagnados entre linhas traçadas.

Através das palavras expostas podemos notar que esse espaço não é neutro, pois está inserido em uma realidade onde escolhas, estratégias de interpretação e conduta podem ter consequências na produção de subjetividade. Mas a leitura compartilhada e a abertura para as conversas não confinam em uma única interpretação. Mozi sempre reforça nos encontros que aquele espaço está aberto a trocas e, portanto, não há respostas certas. Isso não quer dizer que não ocorra transmissão de modelos estabelecidos. Temos a garantia da fala, da escuta e das

interações entre diferentes pensamentos que favorecem a criação de modos únicos de saber e fazer. Mozi coordena os encontros indicando ramos na narrativa que nos levam a outros caminhos. Além de provocar outros participantes a também arriscarem. As conversas a partir dos contos possibilitam abertura para outras formas de percepção de uma realidade e para novas associações que podem ultrapassar limites.

O que também chama atenção nos encontros é o tempo para a escuta. “Escute o outro. Aquieta e respeite o momento do outro”. Todos têm oportunidade de fala. Vamos aprendendo a pausar e escutar o que está sendo dito. Essa espera propicia um contraponto e complementos inusitados. Ouvir novas vozes e entender que existe alguém além de nós. Surge o interesse pelas associações mais ousadas e por representações de uma realidade. Agregar saber. Conhecer um outro. Alguns participantes simplesmente ficam calados durante todo o encontro. Eles podem estar observando o movimento da roda. Uma participante disse que ficou somente escutando em muitos encontros. “Na Roda você ouve experiências diferentes que trazem algo que não nos atentamos na nossa leitura. É interessante escutar o outro”.

Cada encontro na Roda marca de uma forma diferente. “Ler Clarice Lispector é extraordinário”. Há sempre entusiasmo quando um texto dela aparece no encontro. Muitas pessoas entram na reunião. Trocas acontecem e podemos sair incomodados desse encontro. Outros marcam por trazer sentimentos que movimentam dimensões que nos compõe. Há os que marcam pela surpresa. Por ser um desafio a forma de pensar estipulada. Por causar espanto. Um encontro pode atravessar cada participante de forma diferente. E pode não tocar. Não provocar tremores.

Podemos afirmar que é por meio de práticas como as de leitura literária em grupo, disparadoras de processos criativos, que se amplia a capacidade de autoafirmação e resistência dos sujeitos em face de sistemas de controle e normatização? Não de forma precisa, metódica. Mas podemos argumentar que os encontros nas Rodas Literárias desafiam os participantes.

Estar nas Rodas Literárias me mostrou que os encontros podem ser horizontais e coletivos; e que as palavras circulam, se expandem, e são tecidas por múltiplas vozes. A leitura do conto se torna um meio de puxar um fio que se entrelaça ao que é tecido no grupo. Não se busca definir a interpretação certa, mas deixar que o conto reverbere em cada um e promova trocas que sustentam e desafiam uma visão de realidade. Como se cada encontro fosse um ato de se lançar na experiência do conhecer. Não um conhecer estático, mas algo que flui enquanto avançamos. De modo a navegar por um território que se move e percorremos diferentes rotas no percurso, pois não há uma busca para encontrar uma resposta única.

Assim, participar dos encontros nas rodas se torna um convite a seguirmos abertos por entre multiplicidades. Em relação. Sendo afetados. Em processos de produção de subjetividade. Processos estes dinâmicos entrelaçados por fluxos e interações entre diferentes elementos, como o social, o ambiental, o tecnológico, o cultural. Emergindo da inter-relação caótica das dimensões que nos compõem, onde as criações individuais e coletivas se entrecruzam para gerar novas possibilidades de existência e associações. A produção de subjetividade se dá em conjunto, no ritmo das trocas, no entrelaçar das experiências, em processos complexos e coletivos.

Por isso, com os encontros em roda podemos pensar na subjetividade como uma construção fluida e rizomática, que se manifesta na escuta, nos diálogos com o outro e com o ambiente, abrindo caminhos para novas formas de relações e produção de si e de um mundo. O estímulo a conversas e à abertura a múltiplas vozes e perspectivas evidencia como esses encontros podem desencadear uma produção contínua e inacabada das dimensões que nos compõem.

E posso afirmar, inspirada nos pensamentos de Deleuze e Guattari (1997), que este estudo percorreu não uma linha reta, mas um labirinto dinâmico e coletivo no qual o conhecimento brota, se expande e se inventa constantemente, impulsionado pelas interações dos participantes. Uma cartografia se desdobrou em páginas, manuseadas e preenchidas com a voz do coletivo, mostrando os traços de um mapa não linear do conhecimento, crescendo como um rizoma, alimentado pela pluralidade e pela colaboração. Acompanhando as mudanças que se desenharam em cada encontro, expondo um conhecer que surge nas relações, entre as linhas literárias e as vozes participantes. Espero que esse estudo possa ser um vetor que irá atuar nos movimentos de pensamentos de quem o lê e assim gere outras inquietações.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Roseli Maria Rosa de; ESPÍNDOLA, Ana Lucia. **Práticas de leitura e escola: uma evolução histórica.** InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.15, n.29, p.267-283, jan./jun. 2009.
- ALVES, Elisângela. **Convergência digital e o futuro do livro.** Ponta Grossa -Paraná: Atena, 2021. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/602534/1/Converg%c3%aaancia%20digital%20e%20o%20futuro%20do%20livro.pdf> Acesso em: 14/01/2024.
- AMORIM, Marcel Álvaro de; SOUTO, Victor Alexandre Garcia. **A resignificação da leitura literária e do leitor-fruidor na BNCC: uma abordagem dialógica.** Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, 15 (4): 98-121, out/dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/47715> . Acesso em: 22/05/2023.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova reunião: 23 livros de poesia.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ANDRUETTO, Maria Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos.** São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- \_\_\_\_\_. **A leitura, outra revolução.** São Paulo: Edições SESC, 2017.
- BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escrita nas práticas de leitura.** São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- BARBOSA, Mozilene Neri. **O grande diálogo da literatura em biblioteca pública.** Campinas, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/968412> . Acesso em: 15/09/2023.
- \_\_\_\_\_. **Da palavra ao gesto: o ato de ler literatura.** In: PRADO, Jorge do. (Org) Mediação: da leitura literária em bibliotecas. Rio de Janeiro: Malê, p. 23-33, 2019.
- BARROS, Manuel de. **Meu quintal é maior que o mundo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- BARROS, Regina Benevides de. **Grupo: a afirmação de um simulacro.** Porto Alegre: Sulinas, 2007. (Coleção Cartografia).
- CAMÕES, Luís de. Os Lusíadas. São Paulo, SP: Ática, 1999.
- CARROL, Lewis. **Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CEALE\*. **Roda de leitura.** Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/roda-de-leitura> Acesso em: 14/01/2024.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio.** Editora Perspectiva, 1993.
- CRUZ, Afonso. **Vamos comprar um poeta.** Porto Alegre: Dublinenses, 2020.
- DELEUZE, Gilles. **Two regimes of madness: texts and interviews 1995- 1995.** Semiotext(e), 2006.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. São Paulo, SP: Ed 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. São Paulo, SP: Ed 34, 1997a.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.
- FERNANDEZ, Marcela Afonso; SOUZA, Bianca Dias de; FERREIRA, Yasmim da Silva Borges. **Experienciando a leitura literária em redes solidárias: uma tessitura de sentidos singulares**. *RevistAleph*, n.34, julho, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/42202> . Acesso em: 20/05/2023.
- FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto; CARVALHO, Carlos Henrique de; GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Federalismo e educação no Brasil republicano: dilemas da organização educacional (1889 – 1930)**. *Acta Scientiarum. Education*, vol. 38, nº 2, abril-junho, p. 109-120: Universidade Estadual de Maringá, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3033/303345372002.pdf> . Acesso em: 31/12/2023
- FERREIRA, Claudia da Silva, DURANTE, Daniela Simiqueli; ALMEIDA, Dinoráh Lopes Rubim; FERREIRA, Oséias Soares. **A história da leitura, das práticas de leitura e da escrita, segundo Roger Chartier**. In: XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social. Natal: Rio Grande do Norte, 22 a 26 de julho, 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364418940\\_ARQUIVO\\_HistoriadaLeitura,dasPraticasdeLeituraedaEscrita,segundoRogerCHARTIER.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364418940_ARQUIVO_HistoriadaLeitura,dasPraticasdeLeituraedaEscrita,segundoRogerCHARTIER.pdf) . acesso em: 20/12/2023.
- FREITAS, Marília Augusta de; SILVA, Vanessa Barbosa da. **Bibliotecas públicas brasileiras: panorama e perspectivas**. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Campinas, SP, v. 12, n. 1, p. 123 – 146, jan./abr. 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/lilia/Downloads/rdbcigerente2,+07\\_3890-8542-Biblioteca+publica.pdf](file:///C:/Users/lilia/Downloads/rdbcigerente2,+07_3890-8542-Biblioteca+publica.pdf) Acesso em: 12/12/2023.
- FUGANTI, Luiz Antônio. **Saúde, desejo, pensamento: as origens da filosofia nômade**. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.
- GUATTARI, Félix. **Da produção de subjetividade**. In: GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, p. 11-44, 1992.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 10 ed. 2010.
- HOOBES, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Abril Cultural, 2ªed., 1979. (Os Pensadores)
- HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Globo, 2014.
- JOYCE, James. **Um caso doloroso**. In: Joyce, James. *Dublinenses*. Rio de Janeiro: BestBolso, p. 90-99, 2012.
- KASTRUP, Virgínia. **O devir-consciente em rodas de poesia**. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, v. 17, n. 2, p. 45-60, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdpsi/a/6tZmMxLTRwejPfpcts8jWjD/?format=pdf> . acesso em: 20/05/2023.
- \_\_\_\_\_. **Cartografias literárias**. In: KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia; PASSOS, Eduardo. (Orgs). *Políticas da cognição*. Porto Alegre: Sulinas, 2015.

- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Cartografar é traçar um plano comum**. Fractal, Revista Psicologia, v. 25, nº 2, p. 263 – 280, Maio/Ago. 2013.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).
- LISPECTOR, Clarice. **Amor**. In: LISPECTOR, Clarice. Laços de família. Rio de Janeiro: Rocco, p. 19-29, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O crime do professor de matemática**. In: LISPECTOR, Clarice. Laços de família. Rio de Janeiro: Rocco, p. 118- 125, 2009.
- LLOSA, Mário Vargas. **Discurso Nobel**. In: The Nobel Prize. Prêmio Nobel de Literatura 2010. Disponível em: [https://www.nobelprize.org/prizes/literature/2010/vargas\\_llosa/25185-mario-vargas-llosa-discurso-nobel/](https://www.nobelprize.org/prizes/literature/2010/vargas_llosa/25185-mario-vargas-llosa-discurso-nobel/) Acessado em: 16/11/2023.
- MANGUEL, Alberto. **A cidade das palavras: as histórias que contamos para saber quem somos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MARINHO, Elyssa Soares. **O círculo de leitura na formação de professores de Língua Inglesa: um retrato de experiências no curso de Letras**. Revista Entre Línguas, Araraquara, v.8, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/15310> . Acesso em: 20/06/2023.
- MOREIRA, Anelize. **Da solidão à leitura em grupo: clubes coletivos ampliam a discussão da literatura**. Rádio Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/07/01/da-solidao-a-leitura-em-grupo-clubes-coletivos-ampliam-a-discussao-da-literatura> . Acesso em: 7/12/2023.
- OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Organizadores). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulinas, 2020.
- PASSOS, Úrsula. **Com raízes no século 18, clubes de leitura atraem cada vez mais adeptos**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 ago. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/08/1908987-clubes-de-leitura-atraem-cada-vez-mais-os-que-querem-manter-o-habito-de-ler.shtml> Acesso em: 14/01/2024.
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- REIS, Juliani Menezes dos; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. **O livro digital: histórico, definições, vantagens e desvantagens**. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/151235> Acesso em: 14/01/2024
- REIS, S. A., & Musse, C. F. **Novos protocolos de leitura: o contexto digital dos clubes de assinatura de livros**. *Scripta*, 26(56),2022, p. 55-70. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/28233> Acesso em: 14/01/2024.
- REYS, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar: Literatura, escrita e educação**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **A cartografia e a relação pesquisa e vida**. Revista Psicologia & Sociedade, nº 21 (2), p. 166 – 173, 2009.

- ROMÃO, Valério. **Da família**. Lisboa: Abysmo, 2014.
- ROSA, Flávia Goulart Mota Garcia. **Os primórdios da inserção do livro no Brasil**. In: PORTO, CM., org. *Difusão e cultura científica: alguns recortes* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 75-92. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/68/pdf/porto-9788523209124-04.pdf> . Acesso em: 20/12/2023.
- ROSA, João Guimarães. **A terceira margem do rio**. In: Rosa, João Guimarães. *Primeiras estórias*. São Paulo: Global, 2019.
- SARAIVA EDUCAÇÃO. **Discutindo sobre o dilema entre livro digital ou físico**. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/151235> Acesso em: 14/01/2024.
- SCHMITZ-BOCCIA, Andréa. **Clubes de leitura: a construção de sentido em situação de leitura compartilhada**. VERAS revista acadêmica de Educação, v. 2, nº 1, 2012. Disponível em: <http://site.veracruz.edu.br:8087/instituto/revistaveras/index.php/revistaveras/article/view/81> Acesso em: 14/01/2023.
- SILVA, Simone. **As “rodas” literárias no Brasil nas décadas de 1920-30: troca e obrigações no mundo dos livros**. *Latitude*, Maceió-AL, Brasil, v. 2, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/162> . Acesso em: 14/01/2024.
- SIMONINI, Eduardo. **Linhas, tramas cartografias e dobras: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas**. In: GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). *Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas*. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019, p. 73-92.
- TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. **A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer**. *Factual, Rev. Psicol.*, v.25 – n. 2, p. 299-322, Maio/Ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/ZHyYWDpHhhdhFg4RK9ggfPpD/?lang=pt> . Acesso em: 15/04/2023.
- TELLES, Lygia Fagundes. **A caçada**. In: TELLES, Lygia Fagundes. *Os contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 59-65.
- VALLE, Júlio de Souza. **Resenha**. *Revista Fronteiraz*, n. 14, julho, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/22681> . Acesso em: 20/05/2023.
- ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura: por que interdisciplinaridade?** In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: São Paulo, Editora Ática, 2004.